

Investigação na Prática de Ensino Supervisionada II

A importância dos materiais lúdicos, sobretudo dos jogos, no dia-a-dia das crianças em idade pré-escolar.

Relatório de Estágio apresentado para a obtenção do grau de Mestre em Ensino Pré-Escolar

Ana Rita Rocha de Sousa

Orientadora:

Marta Nunes da Silva Minaúla Tagarro

2020, abril

“Sobre Educar:

Não há receitas.

Não há regras.

Não há formas.

Há crianças.

Há pais e mães.

Há energias diferentes.

Há intenções diferentes.

Há necessidades diferentes.

Há ideias diferentes.

Mas sobre educar só existe uma verdade:

tem de ser com AMOR.”

Carla Patrocínio

Agradecimentos

A construção e concretização deste relatório de investigação, seria impensável sem o apoio incessante de algumas pessoas especiais, que foram o meu sustento durante todo este período e que de certa forma, com o seu apoio, facilitaram a conclusão desta etapa.

Começo por agradecer à Professora Marta Tagarro, minha orientadora, pela sua ajuda, disponibilidade, pela enorme paciência, por todas as palavras de encorajamento, força e incentivo, por todas as sugestões dadas, pelos conhecimentos transmitidos e por toda a compreensão durante a realização deste relatório.

A todos os docentes da Escola Superior de Educação de Santarém, nas diversas áreas, agradeço as inúmeras aprendizagens que me proporcionaram e que me permitiram crescer e construir todo o meu saber enquanto profissional de educação.

Obrigada também a todas as Educadoras Cooperantes e Assistentes de ação educativa por todas as partilhas, pelos ensinamentos, experiências e excelentes momentos que jamais esquecerei.

A todas as pessoas que entrevistei e que colaboraram na minha investigação, muito obrigada pela disponibilidade, ajuda e contributo.

Às crianças que me receberam e acolheram nas suas salas de uma forma inexplicável, o meu muito obrigada por todas as aprendizagens, brincadeiras, experiências e momentos que me lembrarei para sempre.

Agradeço à minha família, principalmente à minha mãe, ao meu pai e à minha irmã por me acompanharem e auxiliarem em tudo, por acreditarem em mim, por me motivarem, incentivarem e por contribuírem para a construção do ser humano que sou hoje. Obrigada por todo o amor, por todos os princípios que me transmitiram, pela educação que me deram e por me acompanharem em todos os momentos da minha vida. Sem vocês isto não seria possível.

Para finalizar, agradeço a todas as amigas que fiz, especialmente à Jéssica, à Maria Catarina, à Daniela e à Rita. Obrigada por todos os momentos vividos durante estes anos, por toda a ajuda, por toda a atenção dada, pela vossa motivação, pelo vosso companheirismo e principalmente por todo o carinho.

Muito obrigada a todos por fazerem parte desta concretização de sonho!

Resumo

Este relatório perspectiva o percurso investigativo e também formativo, como forma de obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e divide-se essencialmente em duas partes. Numa primeira parte foi feita uma descrição/reflexão do percurso realizado nas práticas de ensino supervisionadas em contexto de Jardim de infância e Creche, e numa segunda parte apresenta-se toda a investigação desenvolvida.

A investigação assenta sobre a importância que os materiais lúdicos e os jogos têm no desenvolvimento e aprendizagem das crianças diariamente nas Creches e Jardins de Infância e é de carácter qualitativo.

Como instrumentos de recolha de dados recorreu-se a entrevistas, inquérito por questionário e análise documental, que permitiram responder através da perspectiva de cinco educadoras de infância, e dois especialistas de instituições educativas e de apoio à infância, às questões orientadoras inicialmente formuladas.

Os resultados da investigação indicam que através dos materiais lúdicos as crianças desenvolvem a sua imaginação, aprendem a respeitar regras e a autonomia.

Palavras chave: Materiais lúdicos, Jogos, Desenvolvimento e Aprendizagem

Abstract

This assignment conceptualizes the investigative and formative paths, as a way to obtain a Masters in Pre-School Education, and it's essentially divided in two parts. Firstly, it was made a description/reflection on the course of the supervised teaching practices done in a Daycare and Kindergarten environments. Secondly, it presents all the developed research.

The research, of a qualitative type, deals with the playful materials and how important these can be for the development and, therefore, learning of the infants who are at Daycares and Kindergartens on a daily basis.

Interviews, questionnaire surveys and documental analyses, were the methods used to gather information. This data was given by five Kindergarten teachers and two Educative Institution specialists, who honestly provided their perspectives on the previous oriented and elaborated questions.

The results of the investigation have indicated that, throughout recreational and pedagogical materials, kids can develop their imagination, learn rules and become most autonomous.

Key words: Playful materials, Games, Development and learning.

Índice

| | |
|--|-----|
| Agradecimentos | iii |
| Resumo | iv |
| Abstract | v |
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo I: Práticas de Ensino Supervisionada | 3 |
| 1.1. Caracterização do contexto de estágio em Creche | 4 |
| 1.1.1 Caracterização da instituição | 4 |
| 1.1.2. Modelo pedagógico e Projeto educativo da instituição | 4 |
| 1.1.3. Caracterização e Projeto da sala | 5 |
| 1.1.4. Caracterização do grupo | 7 |
| 1.1.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio | 8 |
| 1.1.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Vamos brincar a explorar” | 9 |
| 1.2. Caracterização do contexto de estágio em Jardim de Infância I | 12 |
| 1.2.1. Caracterização da instituição | 12 |
| 1.2.2. Caracterização da sala | 12 |
| 1.2.3. Caracterização do grupo | 13 |
| 1.2.4. Modelo pedagógico e Projeto educativo | 13 |
| 1.2.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio | 14 |
| 1.2.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Aprende a proteger-te” | 15 |
| 1.3. Caracterização do contexto de estágio em Jardim de Infância II..... | 18 |
| 1.3.1. Caracterização do grupo | 18 |
| 1.3.2. Modelo pedagógico e Projeto educativo | 19 |
| 1.3.3. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio | 19 |
| 1.3.4. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Brincar, Explorar e Descobrir na Natureza” | 20 |
| 1.4. Balanço geral de todos os estágios..... | 23 |
| 1.5. Percurso investigativo | 27 |
| Capítulo II: Investigação | 28 |

| | |
|---|----|
| 2.1. Contextualização da investigação | 29 |
| 2.2. Revisão de literatura | 30 |
| 2.2.1. O lúdico enquanto possibilitador de aprendizagens e desenvolvimento | 30 |
| 2.2.3. Os Jogos na educação de infância, enquanto possibilitadores de aprendizagens e desenvolvimento | 32 |
| 2.2.4. Influência dos materiais lúdicos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças | 34 |
| 2.2.5. O papel da educadora na utilização de materiais lúdicos e jogos | 35 |
| 2.3. Metodologia da investigação | 37 |
| 2.3.1. Tipo de investigação..... | 37 |
| 2.3.2. Instrumentos de recolha de dados | 38 |
| 2.3.3. Participantes da investigação..... | 39 |
| 2.3.4. Procedimentos de recolha e tratamento de dados..... | 40 |
| 2.4. Análise e discussão de resultados | 42 |
| Capítulo III: Conclusão..... | 47 |
| Parte IV- Referências Bibliográficas..... | 48 |
| Legislação:..... | 51 |
| Parte V- Anexos | 52 |

Índice de figuras

Figura 1: Planta da sala familiar.

Figura 2: Execução da atividade “A massa colorida” em grande grupo.

Figura 3: Criança a realizar a atividade do “Boneco de neve”.

Figura 4: Resultado final da atividade desenvolvida.

Figura 5: Planta da sala do Jardim de Infância I.

Figura 6: Realização da atividade “Quando a terra treme” em grupo.

Figura 7: Decorrer da atividade sobre os sismos.

Figura 8: Criança a testar se a sua construção se mantinha intacta com a simulação do sismo.

Figura 9: Crianças a brincarem no circuito pintado.

Figura 10: Pintura do circuito.

Figura 11: Execução da atividade “Desenhar a árvore que eu escolhi”.

Figura 12: Alguns dos desenhos realizados pelas crianças durante a atividade.

Figura 13: Votação para a escolha do nome do espantalho.

Figura 14: Construção do espantalho.

Figura 15: Espantalho colocado na horta do Jardim de Infância.

Índice de tabelas

Tabela 1 - Caracterização do grupo em contexto de creche

Tabela 2 – Caracterização do grupo em contexto de jardim de infância I

Tabela 3 – Caracterização do grupo em contexto de jardim de infância II

Índice de anexos

- Anexo A: Exemplo de tabela de implicação e bem-estar
- Anexo B: Planificação da atividade “A Massa Colorida”
- Anexo C: Tabela de avaliação do nível de envolvimento na atividade “Massa colorida”
- Anexo D: Planificação da atividade “O Boneco de neve”
- Anexo E: Tabela de avaliação do nível de envolvimento na atividade “O Boneco de neve”
- Anexo F: Teia do ano letivo 2017/2018
- Anexo G: Tabela de organização do projeto “Aprende a proteger-te”
- Anexo H: Planificação da atividade “Quando a terra treme”
- Anexo I: Planificação da atividade “Vamos pintar a nossa rua”
- Anexo J: Teia do ano letivo 2018/2019
- Anexo K: Tabela de organização do projeto “Brincar, Explorar e Descobrir na Natureza”
- Anexo L: Planificação da atividade “A árvore que eu escolhi”
- Anexo M: Planificação da atividade “Construção do espantalho”
- Anexo N: Estrutura das entrevistas às educadoras
- Anexo O: Estrutura das entrevistas ao membro do instituto de apoio à infância
- Anexo P: Estrutura do questionário ao membro do projeto educacional
- Anexos Q a V: Transcrição de entrevistas dos participantes da investigação
- Anexo X: Questionário do representante do projeto educacional
- Anexo Z: Quadro facilitador para análise de dados

Índice de abreviaturas

- IPSS- Instituição Particular de Solidariedade Social
- Jl- Jardim de infância
- OCEPE- Orientações Curriculares Ensino Pré-Escolar
- NEE- Necessidades Educativas Especiais

Introdução

O presente relatório surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar, lecionado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém, mais precisamente na unidade curricular de Investigação na Prática de Ensino Supervisionada, tendo como principal objetivo a obtenção do grau de mestre, orientado pela docente Marta Tagarro. O mesmo encontra-se dividido essencialmente em duas partes fundamentais.

A primeira parte assenta, essencialmente, em todo o trabalho que foi desenvolvido ao longo dos três estágios realizados em Creche e Jardim de Infância (JI), sendo que o primeiro estágio em contexto de creche foi realizado numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), enquanto que os dois estágios seguintes, foram realizados em contexto de Jardim de Infância na mesma instituição, sendo esta da rede pública.

Ainda nesta parte é feita uma breve caracterização das instituições onde foram realizados os estágios, das salas e dos grupos de crianças. Aborda-se também as relações estabelecidas na comunidade educativa e as metodologias das educadoras cooperantes. São apresentados os projetos tanto das instituições como das salas e também os projetos criados e desenvolvidos pelas estagiárias. Relativamente aos projetos desenvolvidos, estes são fundamentados com alguma revisão de literatura, são apresentados os objetivos gerais e também específicos criados, são evidenciadas e descritas duas das atividades integradas em cada um dos projetos e é feita uma avaliação sobre cada um desses momentos.

Neste capítulo é feito também um balanço geral de todos os estágios, destacando alguns pontos positivos e menos positivos relacionados com cada um dos estágios desenvolvidos. Para finalizar, faz-se referência ao percurso investigativo e à forma como este tema surgiu para investigação, nas práticas de ensino supervisionada.

A segunda parte é focada no processo investigativo sobre a importância dos materiais lúdicos, mas dando mais ênfase aos jogos, no dia a dia das crianças em idade pré-escolar. Primeiramente é apresentada uma contextualização da investigação, onde se explica a pertinência do estudo, as questões orientadoras que surgiram e os seus objetivos.

Posteriormente procede-se uma revisão de literatura que justifica e sustenta a pesquisa realizada, apresentam-se as opções metodológicas utilizadas, os instrumentos de recolha de dados, faz-se a caracterização dos participantes do estudo, é apresentada os procedimentos de recolha e tratamento de dados e ainda a análise e discussão dos resultados obtidos na investigação.

De seguida é feita uma reflexão final no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar,

fazendo referência a alguns dos aspetos mais relevantes durante este período e a forma como esta investigação influenciou tanto o percurso pessoal como profissional.

Apresentam-se ainda, as referências bibliográficas utilizadas, que sustentaram esta investigação e, por último são mostrados os anexos.

Capítulo I: Práticas de Ensino Supervisionada

Neste primeiro capítulo estará presente uma breve descrição dos três contextos onde foram realizados os estágios. Dois desses estágios foram realizados em valência de Jardim de infância e um outro em valência de Creche.

É importante destacar que estes estágios foram realizados no distrito de Santarém, sendo que os dois últimos (Jardim de infância) foram realizados na mesma instituição.

Na seguinte descrição, serão apresentadas as características de cada uma das instituições, dos respetivos projetos, caracterização da sala, do grupo e serão ainda apresentados os projetos criados e desenvolvidos em cada um deles, com algumas das atividades implementadas durante os estágios.

1.1. Caracterização do contexto de estágio em Creche

O primeiro estágio decorreu em contexto de creche. entre vinte e seis de novembro de dois mil e dezassete e dezanove de janeiro de dois mil e dezoito, numa instituição do distrito de Santarém.

1.1.1 Caracterização da instituição

Esta instituição foi fundada em 1998 e está reconhecida como sendo uma IPSS.

A Creche tinha capacidade para acolher aproximadamente sessenta crianças e a entrada era feita até às 9h00 existindo a possibilidade de entrar até às 9h30/10h00.

A instituição estava dividida em dois andares. No andar de baixo era a secção do Jardim de Infância constituída por duas salas, dos três e quatro anos, duas arrecadações e duas casas de banho. O primeiro andar era constituído por cinco salas, sendo quatro delas de Creche: a sala do berçário, a sala de um ano, sala de dois anos, sala familiar, uma outra sala de Jardim de Infância, sendo esta dos cinco anos, um polivalente, a zona do refeitório e três casas de banho.

O acolhimento das crianças da Creche era realizado na sala de um ano da instituição, onde todas as crianças, pessoal docente e não docente se reuniam antes de se deslocarem até às suas respetivas salas.

1.1.2. Modelo pedagógico e Projeto educativo da instituição

O modelo pedagógico adotado era o High-Scope, que se sustenta nas teorias de Jean Piaget acerca do desenvolvimento e se baseia na “criação de práticas educativas que se apoiam no desenvolvimento natural das crianças” (Gomes, 2014, p.57). Caracteriza-se por permitir que estas aprendam a explorar tudo o que as rodeia, a realizar todas as suas ações de forma autónoma, que seja dada alguma relevância ao trabalho cooperativo, que tomem iniciativa, que consigam socializar em momentos de grande e pequeno grupo e que todos os seus conhecimentos sejam adquiridos através de explorações e de experiências.

Formosinho (1998, p.70) salienta que “o currículo High-Scope não acredita em atividades pré-estruturadas como processo de aprendizagem para a criança pequena”.

Quanto ao projeto da instituição, do ano letivo correspondente, este designava-se por “Brinco...Descubro” e tinha como objetivo principal permitir que todas as crianças se desenvolvessem através da brincadeira.

Este projeto tinha os seguintes objetivos específicos: 1) realizar atividades de forma lúdica; 2) fazer uma interligação entre o real e o imaginário; agilizar a reflexão e a ação; 3) elaborar e vivenciar diferentes papéis; 4) desenvolver a linguagem verbal da criança; 5) promover a sociabilidade; 6) desenvolver a imaginação e a criatividade; 7) desenvolver a socialização.

1.1.3. Caracterização e Projeto da sala

Este estágio decorreu na valência de creche, mais precisamente na sala familiar da instituição. De seguida será apresentada a planta da sala em questão (figura 1).



Figura 1: Planta da sala familiar

A sala não tinha umas dimensões muito alargadas, contudo as crianças podiam movimentar-se de forma livre e a educadora conseguia ter uma boa visibilidade sobre todos os espaços. Esta estava dividida em algumas zonas que a educadora achou fundamentais para a organização da rotina das crianças, mas também para o seu desenvolvimento. Era composta por uma zona de arrumação, zona de trabalhos, zona do tapete, zona de brincadeira e zona do fraldário.

Nas OCEPE, Orientações Curriculares Ensino Pré-Escolar (2016) defende-se que os educadores devem atender a alguns critérios sobre a organização do espaço educativo e às possibilidades que este pode oferecer, de modo a contribuir para o desenvolvimento da independência e autonomia das crianças com que trabalham.

O mobiliário presente na sala adequava-se às faixas etárias das crianças, uma vez que estas conseguiam ter acesso a todos os materiais de forma segura. Esta sala tinha ligação com o polivalente, um espaço amplo e coberto, onde as crianças podiam brincar livremente e onde tinham imensos materiais à sua disposição, tais como escorregas, baloiços, carrinhos, bolas, entre outros. As crianças da sala familiar tinham, assim, um acesso privilegiado para a utilização desse espaço e por isso, na maioria das vezes a brincadeira era realizada nesse mesmo local, sendo que as restantes crianças da instituição também o frequentavam.

Importa ainda referir que as crianças da sala familiar, durante o período de estágio, não saíram para o espaço exterior, devido às condições atmosféricas que se faziam sentir e também porque não existia um espaço exterior específico para as crianças da Creche brincarem.

O projeto da sala estava diretamente relacionado com o projeto da instituição e intitulava-se “A brincar também se aprende” e pretendia dar relevância ao brincar na primeira

infância. Foi criado pela educadora cooperante com o intuito de desenvolver fisicamente, psicologicamente, e socialmente as crianças, através da brincadeira.

Este projeto tinha definidos os seguintes objetivos gerais: a) que as crianças consigam ter um bom desenvolvimento integral num clima de segurança afetiva; b) encorajar a individualização de cada criança respeitando os seus tempos, os seus ritmos, as suas preferências pessoais, potenciando o desenvolvimento psico/afetivo de cada criança; c) oferecer diferentes tempos de atividades bem estruturadas e organizadas; d) que, pelo menos, 50% das famílias venham a realizar atividades lúdicas e de aprendizagem à sala.

Como objetivos individuais a desenvolver por cada criança de forma individual, destacam-se: i) que a criança que ainda não anda, seja capaz de o fazer; ii) que se adapte bem ao espaço e ao adulto; iii) que interaja com as outras crianças de forma salutar; iv) que se adapte bem às rotinas diárias; v) que comece a comer autonomamente; vi) que verbalize as suas vontades e necessidades.

Neste projeto estavam também incluídos alguns objetivos a desenvolver pelo grupo: 1) que adquira hábitos de alimentação e higiene; 2) que comunique verbalmente/gestualmente as suas vontades e necessidades; 3) que inicie e desenvolva a marcha; e, por último, 4) que aprenda a brincar e a partilhar os brinquedos.

Para realizar a avaliação das crianças e perceber se os objetivos dos projetos educativos estariam a ser cumpridos e alcançados pelas crianças, a educadora fazia a sua avaliação recorrendo ao registo diário das atividades e dos projetos realizados no dia a dia, fazendo um Plano Individual de cada criança para posteriormente realizar a sua avaliação de forma trimestral.

Segundo as OCEPE (2016), a educadora deve realizar uma avaliação não só sobre a aprendizagem das crianças, mas também como forma de aprendizagem para a sua própria prática. Isto é, a educadora deve recorrer ao registo de informações pertinentes, nomeadamente ações ocorridas, situações do dia-a-dia e fazer uma breve reflexão sobre estas de forma a que mais tarde, esta possa melhorar e adequar as suas estratégias.

1.1.4. Caraterização do grupo

O grupo era composto por onze crianças, sete do género feminino e quatro do género masculino, com idades compreendidas entre os doze e os vinte e quatro meses. Destes, cinco crianças já frequentavam a sala desde o ano letivo anterior (2016/2017), enquanto que seis crianças ingressaram no grupo no ano letivo designado (2017/2018). Tal como se pode constatar na tabela seguinte:

| | Género feminino | Género masculino | Total |
|-------------------------------|--|-------------------------|--------------|
| Nº de crianças: | 7 | 4 | 11 |
| Idades: | 4 com um ano e 7 com dois anos | | |
| Frequentar ano letivo: | 6 estavam a frequentar a creche pela primeira vez 5 já frequentavam no ano letivo anterior. | | |

Tabela 1- Caraterização do grupo em contexto de creche

Era um grupo que se apresentava bastante curioso e atento, cujas principais preferências eram explorar os brinquedos, ouvir música, dançar, interagir com os adultos e entre eles.

É ainda importante referir que se tratavam de crianças muito afetivas, tanto a nível de relação entre criança-criança como também nas relações de criança-adulto.

Neste, estavam presentes diferentes níveis de desenvolvimento cognitivo, motor e social, pois tinham faixas etárias diferentes, contudo, tinham um ótimo espírito de cooperação, visto que as crianças mais velhas tentavam com frequência ajudar as mais novas.

Eram na generalidade, muito comunicativos visto que a maioria das crianças já verbalizava tanto as suas necessidades, como também os seus gostos e as suas dificuldades. Relativamente à forma como verbalizavam e se exprimiam, as crianças mais novas apenas proferiam pequenas palavras e sons, enquanto que as crianças mais velhas do grupo já formavam frases pequenas no seu discurso e respondiam a algumas perguntas realizadas em determinados contextos.

As crianças já estavam habituadas à sua rotina diária, uma vez que esta era sempre a mesma e por isso estas já se antecipavam em alguns momentos, e já sabiam que havia uma sucessão estipulada de ações, como é o caso da hora da bolacha assim que chegam à sala, a realização da higiene antes e depois das refeições e também a altura da sesta depois do almoço. Segundo Cordeiro (2012) “A rotina transmite segurança à criança, tranquiliza-a e possibilita-

lhe prever o que vai acontecer durante o seu dia.”

Quanto às necessidades fisiológicas das crianças, a maior parte pedia e deslocava-se até à casa de banho sempre que necessário de forma autónoma e apenas duas crianças ainda utilizavam fralda.

1.1.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio

O projeto de estágio desenvolvido pelas estagiárias denominava-se “Vamos brincar a explorar”. Este projeto surgiu no seguimento do projeto da instituição e da sala como já foi referido anteriormente, fazendo assim uma articulação entre todos, tendo como principal objetivo desenvolver na criança a capacidade de exploração através da brincadeira.

O tema do projeto surgiu durante uma primeira observação, em que constatámos que as crianças tinham inúmeras oportunidades para brincar, contudo não tinham muito acesso a materiais sensoriais diferentes.

De acordo com Portugal (2012, p. 9), “os bebés necessitam de amplas oportunidades para experimentar uma variedade de experiências sensoriais e motoras, onde objetos estimulantes estão acessíveis e onde há uma variedade de escolhas e desafios visuais, táteis, motores que chamam a atenção da criança”.

Com este projeto foram promovidas experiências significativas e interações entre todas as crianças e as estagiárias, de modo a perceber-se a relevância das atividades desenvolvidas. Foi muito importante deixar as crianças explorarem livremente, pois é através das atividades não orientadas e livres que estas mais aprendem.

Tal como defende Kenneth (2007) nos seus estudos, os tempos de brincadeira sem muita estrutura são essenciais e bastante importantes não só porque as crianças estabelecem relações e se divertem, mas também porque desenvolvem a capacidade de fomentar a criatividade e também a capacidade de resolver alguns problemas que possam surgir durante a mesma, sempre de uma forma saudável e autónoma.

Este projeto permitiu às crianças partilhar, comunicar, pensar, descobrir e sentir, todos os dias novos materiais que ainda não tinham contactado. Foram estabelecidos inúmeros objetivos que as crianças deveriam alcançar durante a implementação do projeto, sendo eles: i) desenvolver a curiosidade pelo mundo que rodeia a criança; ii) desenvolver a sua autonomia; iii) conseguir interagir e colaborar com as outras crianças, estagiárias e educadora/auxiliar, nos momentos de exploração; iv) adquirir novos vocábulos; v) demonstrar empenho, gosto e bem-estar na realização das atividades.

No geral, todas as atividades realizadas com as crianças correram bem e todas elas ajudaram a melhorar e a aprender sobre diversos aspetos que surgiram com a realização das mesmas. Todos os momentos e experiências de desenvolvimento e aprendizagem observados e presenciados durante o período de estágio, foram dados a conhecer às famílias através de alguns trabalhos expostos na sala.

Quanto às estratégias utilizadas destaca-se como principal o facto de se recorrer muito ao “fator surpresa”, uma vez que despertava na criança interesses, curiosidades e deixava o grupo mais envolvido e empenhado nas atividades.

A avaliação era feita diariamente recorrendo à observação direta, mas também às tabelas de implicação e bem-estar (Anexo A) da criança e também através dos resultados obtidos através de fotografias, desenhos, ...

1.1.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Vamos brincar a explorar”

Foram concretizadas diversas atividades centradas nos objetivos descritos no projeto criado, sendo que foram mantidas as rotinas referentes a que cada um dos dias da semana fossem dedicados a um tipo de expressão, como por exemplo: a segunda-feira era o dia do conto, a terça-feira era dedicada à área da expressão plástica e nos outros dias da semana eram trabalhadas as expressões restantes, nomeadamente, expressão musical, expressão dramática e expressão físico-motora.

Como tal, passa-se a fazer agora referência a duas das atividades que mais marcaram a prática em creche, sendo elas: A atividade “A Massa Colorida” e a atividade “O Boneco de neve”.

No dia da implementação da atividade “Massa colorida” (Anexo B) a educadora cooperante não pôde estar presente tal como a outra estagiária e por isso foi a assistente operacional quem auxiliou toda a atividade.

Nesta atividade todo o grupo teve a oportunidade de fazer a massa pão juntando todos os ingredientes necessários com o auxílio das adultas responsáveis, puderam manipular a massa de forma autónoma e, para finalizar, ainda tiveram oportunidade de a levar para casa. Para esta atividade foram definidos os seguintes objetivos: desenvolver a motricidade, agarrar e manusear a massa, realizar movimentos controlados com as mãos, desenvolver o sentido tátil explorando a massa, promover a criatividade, contatar e conhecer novos materiais e sabores, promover a criatividade, realizar diferentes formas com a massa e desenvolver a autonomia.

A atividade não tinha tempo de duração estipulado e por isso as crianças manipularam a massa que lhe foi colocada à disposição. Contudo, o grupo nunca tinha feito uma atividade igual ou semelhante, e, por isso, ao início foi difícil integrá-los na mesma. À medida que a massa foi manipulada pelas adultas responsáveis pelo grupo, as crianças começaram a explorar e a demonstrar uma alegria e entusiasmo por o estarem a fazer.

Observou-se que as crianças mais novas partiam a massa em pedaços pequenos, enquanto que as crianças mais velhas realizaram figuras utilizando pedaços maiores de massa. As crianças mais velhas criaram figuras consoante alguns temas falados anteriormente (ex.: boneco de neve).

As crianças demonstraram interesse durante a realização desta atividade, de modo a que não a queriam deixar de fazer e por isso decidimos colocar a massa em sacos para cada criança levar para casa para a explorar e brincar. Durante o resto do dia, o grupo falou sobre a atividade, mostrando interesse em voltar a realizá-la.

De um modo geral esta atividade foi bastante enriquecedora e bem concebida, perante o feedback e observação das crianças, sendo feito no final da mesma uma avaliação do envolvimento da criança. (Anexo C).



Figura 2: Execução da atividade “A massa colorida” em grande grupo.

A segunda atividade “O Boneco de Neve” (Anexo D) foi pensada em conjunto com a educadora cooperante que propôs a criação de um boneco de neve de cada criança, para decorar a sala. Como tal, pensámos em fazer bonecos de neve em sacos com diferentes enchimentos, nomeadamente algodão e esferovite. Na atividade estavam presentes as estagiárias, a educadora e a auxiliar. As crianças gostam muito de atividades de expressão plástica e por isso aderiram bastante bem à mesma.

Observou-se que todas as crianças exploraram ativamente os materiais disponibilizados, ou seja, a esferovite, o algodão e conseguiram encher os seus bonecos de neve de forma parcialmente autónoma. Escolheram o chapéu que queriam colocar e com os dedos fizeram a boca no seu boneco de neve para que este ficasse completo.

A maioria do grupo conseguiu estar envolvido na atividade querendo até continuar a fazê-la mesmo depois de esta ter terminado, porém muitas delas se dispersaram durante a mesma.

Esta atividade permitiu ainda observar que estas crianças necessitam imenso de estar em contacto e de explorar coisas novas pois é através destas que elas mais aprendem.

No fim de atividade foi escrito o nome de cada criança no chapéu do boneco de neve e, estranhamente, as crianças conseguiram identificar sempre qual era o seu boneco apesar de serem muito idênticos.



Figura 3: Criança a realizar a atividade do “Boneco de neve”.



Figura 4: Resultado final da atividade desenvolvida.

Foi feita a avaliação desta atividade consoante a observação direta e a tabela de envolvimento da criança na atividade (Anexo E) e constatou se que a atividade não decorreu da forma idealizada, visto que foi feita por uma criança de cada vez e sentiu-se que se perdeu o controlo do restante grupo. Esta foi uma das dificuldades mais sentidas, o facto de aquando da realização de atividades individualizadas sentir que não se conseguia dar a atenção necessária ao restante grupo de crianças. De tal modo, também como sugestão da professora orientadora de estágio, foram criadas algumas estratégias para combater essa dificuldade sentida, como por exemplo: Colocar a mesa e a cadeira de forma estratégica para que se possa ter visibilidade para todo o grupo ou ir interagindo com as restantes crianças da sala para mostrar que se está a dar atenção a todos, entre outras estratégias pensadas.

Todas as atividades foram avaliadas não só através da observação direta, como também através de fotografias e pela tabela de envolvimento das crianças em cada atividade. Considera-se que os objetivos estabelecidos no projeto foram alcançados, pois o grupo pôde contactar com diversos materiais novos, explorá-los livremente e normalmente, associando-os às sensações, tal como foi proposto. Foram realizadas atividades nunca antes feitas pelas crianças e o feedback das mesmas foi muito positivo, visto que pediram para repetir todas as atividades desenvolvidas mais do que uma vez.

1.2. Caraterização do contexto de estágio em Jardim de Infância I

Este estágio decorreu entre dezassete de Abril de dois mil e dezoito a um de Junho de dois mil e dezoito num Jardim de Infância público na região de Santarém.

1.2.1. Caraterização da instituição

A instituição foi construída de raiz em 1988. Carateriza-se por ser um edifício de rés de chão pequeno, possui apenas uma valência e tem capacidade para acolher cinquenta crianças, sendo que no momento contava com quarenta e duas crianças inscritas.

A Instituição detinha de duas salas, ambas com grupos de crianças heterogéneos. Existia uma casa de banho para adultos, quatro casas de banho para as crianças (duas para rapazes e duas para raparigas), uma dispensa que servia como vestuário para o pessoal docente, um refeitório e uma sala de prolongamento. Ambas as salas eram bastante amplas o que permitiam às crianças uma grande liberdade de exploração, mas também de movimento e consequentemente promovia também o desenvolvimento da sua autonomia. Estas salas tinham ainda bastante luz natural uma vez que cada uma delas apresentava duas janelas grandes.

1.2.2. Caraterização da sala

A sala de estágio era bastante ampla, como já fora referido anteriormente, e estava dividida em dez grandes áreas. Sendo elas: a área do acolhimento, a área da leitura, a área dos trabalhos, a área da pintura, a área dos jogos e das construções, a área da garagem, a área da casinha, a área do recorte, colagem e plasticina e por último a área do computador.

Esta sala era composta por diversos materiais, bastante adequados à faixa etária das crianças do grupo.



Figura 5: Planta da sala do Jardim de Infância

1.2.3. Caraterização do grupo

O grupo era heterogéneo, constituído por vinte crianças sendo treze crianças do género masculino e sete do género feminino cujo as idades eram compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Quatro dessas crianças encontravam-se a frequentar o jardim de infância pela primeira vez, as restantes já o tinham frequentado em anos letivos anteriores. Tal como se apresenta na tabela seguinte:

| | Género feminino | Género masculino | Total |
|-------------------------------|---|-------------------------|--------------|
| Nº de crianças: | 7 | 13 | 20 |
| Idades: | Entre os 3 e os 6 anos | | |
| Frequentar ano letivo: | 4 estavam a frequentar a creche pela primeira vez 16 já frequentavam no ano letivo anterior. | | |

Tabela 2 - Caraterização do grupo em contexto de jardim de infância I

Neste grupo existiam três crianças que tinham apoio de uma terapeuta da fala fora da instituição. A maioria das crianças utilizava a língua portuguesa como língua materna, porém uma das crianças era bilingue, visto que a língua portuguesa não era a sua língua materna, porém, usava-a no seu dia-a-dia enquanto permanecia no jardim de infância.

Neste grupo estava ainda integrada uma criança com NEE (autismo) que tinha o apoio de uma professora de educação especial duas vezes por semana. Importa referir que esta criança estava muito bem integrada no restante grupo e existia uma preocupação constante por parte das outras crianças.

Era um grupo unido, muito recetivo tanto a novas pessoas como a novas atividades desenvolvidas, muito divertido e empenhados em todas as tarefas propostas, a afetividade era um ponto fundamental para todos, era um grupo muito curioso e dinâmico, o que mais gostavam de fazer era brincar no espaço exterior da instituição e de interagir com o pessoal docente.

1.2.4. Modelo pedagógico e Projeto educativo

A educadora cooperante considerava que nenhum dos modelos pedagógicos reunia todos os aspetos que considera relevantes, por isso, regia a sua prática educativa por uma

metodologia mista, recorrendo a diversos modelos (High-Scope, Movimento Escola Moderna, Régio Emília, Pedagogia em participação, Pedagogia de projeto). Assim, recolheu de cada um dos modelos pedagógicos, os pontos que considerava essenciais para o sucesso da sua prática profissional e criou o “seu próprio modelo pedagógico”.

A sua prática era organizada através de uma teia de conteúdos (Anexo F), sendo que apresentava na teia sete tópicos principais: Descobrir a matemática; é divertido ler e escrever; brincar com as TIC; à descoberta do Mundo; articulação com o primeiro ciclo; crescer como cidadãos do mundo e sensibilização à arte. À medida que os conteúdos iam surgindo, eram colocados nessa mesma teia, no tópico correspondente e assim era organizado e desenvolvido o seu projeto educativo para o ano letivo.

1.2.5. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio

O projeto pedagógico criado pelas estagiárias foi intitulado, como “Aprende a proteger-te” e incidia na segurança e saúde infantil

Como tal, para a construção do projeto, recorreu-se primeiramente à perspetiva sistémica e ecológica do autor, Bronfenbrenner (1996), que afirma que o indivíduo é influenciado e influencia o meio em que vive e as suas ações.

Para organizar este projeto, foi criada uma tabela com os temas principais a trabalhar durante o período de estágio (Anexo G). Sendo que se iniciou com a saúde e segurança centrada na criança e no seu meio mais próximo (a casa e o jardim de infância), de seguida foi feita uma abordagem centralizada na sua casa e jardim de infância, para a segurança dos espaços públicos e por último foram abordados alguns conteúdos acerca das catástrofes.

Este projeto revelou-se pertinente a desenvolver nesta sala e com este grupo, visto que na primeira semana foram observados alguns comportamentos menos corretos e por vezes impróprios no que se refere à segurança das crianças dentro e fora do espaço educativo e por isso, esta aquisição é fundamental, uma vez que quanto mais cedo se ensinar as crianças a terem bons hábitos e a estarem familiarizadas com situações que possam ocorrer, melhores serão os resultados (Santos, 2004).

Os objetivos gerais deste projeto eram: a) Sensibilizar as crianças para os vários perigos dentro desta temática; b) Fornecer-lhes regras e indicações com o objetivo de que elas se apropriem das mesmas e que as apliquem no seu dia-a-dia ou em emergências.

Enquanto que os objetivos específicos eram: 1) Distinguir o que é estar saudável e estar doente; 2) Desenvolver comportamentos promotores da sua saúde; 3) Perceber como deve

agir em caso de acidente (como ferida, mordedura de animais, picada de insetos, hemorragias, etc.); 4) Ter consciência dos perigos inerentes em casa, na escola e na rua; 5) Aplicar regras de segurança rodoviária; 6) Conhecer e aplicar regras de autoproteção em caso de catástrofes;

A pertinência deste projeto deu-se devido à preocupação sentida e observada. Tal como refere a European Child Safety Alliance (ESCA, 2009), Portugal é um país que necessita de garantir que cada criança que nasce tem um ambiente seguro para viver, aprender, crescer e brincar de forma a tornar-se um adulto que possa contribuir positivamente para a sociedade.

Para realizar a avaliação do projeto utilizou-se o registo de vídeo, reflexões escritas, avaliação individual da educadora cooperante, opiniões das crianças, educadora cooperante e de outros elementos da instituição, bem como o feedback da comunidade (exemplo: familiares das crianças).

Quanto aos meios de divulgação do projeto recorreu-se ao resumo semanal das atividades (registo para pasta pedagógica de cada criança e informação para casa), folhetos entregues pelas crianças à comunidade, registos em cartazes expostos na sala e desenhos feitos pelas crianças no decorrer da implementação de todo o projeto e exposição na junta de freguesia com trabalhos realizados pelas crianças com as suas famílias.

1.2.6. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Aprende a proteger-te”

Foram implementadas diversificadas atividades centradas nos objetivos descritos no projeto criado, fazendo agora referência a duas delas que mais marcaram a prática em jardim de infância: Atividade “Quando a terra treme” e “Vamos pintar a nossa rua”.

A atividade “Quando a terra treme” (Anexo H) foi planificada e realizada para trabalhar o conceito de sismo. Primeiramente as crianças foram questionadas sobre o que seria um sismo. Muitos deles sabiam, porém, algumas crianças nunca tinham ouvido falar desse conceito. Como tal, foi lhes mostrado um vídeo em desenho animado que explicava essa catástrofe. Para consolidar esses conhecimentos, foi idealizada uma atividade com gelatina, palitos e plasticina. O material necessário foi preparado previamente e as crianças foram divididas em grupos. Foi explicado ao grupo que a atividade consistia na construção de casas feitas com palitos e plasticina que posteriormente seriam colocadas em cima da gelatina e abanando os tabuleiros poderia constatar-se se as casas que construíram são resistentes ou frágeis e se sobreviveriam a um sismo.

As crianças iniciaram a atividade autonomamente, destaca-se que cada criança construiu a

sua casa utilizando os materiais que estavam à sua disposição, e posteriormente visualizou-se criatividade, originalidade e muita dinâmica.

Foram construídas casas muito diferentes. Umas muito simples em que só foi construído um cubo, outras mesmo com o formato de uma casa e outras mais complexas em que foram acrescentando andares às suas casas. Depois das casas construídas, as crianças tiveram oportunidade de as colocar no tabuleiro da gelatina e abaná-lo de modo a perceber se a sua casa é frágil ou é forte o suficiente para estar num sismo.

Esta foi a parte da atividade que as crianças mais gostaram de fazer, muitas casas caíram e as crianças automaticamente voltaram a construí-las para que estas não voltassem a cair.



Figura 6: Realização da atividade “Quando a terra treme” em grupo.



Figura 7: Decorrer da atividade sobre os sismos.

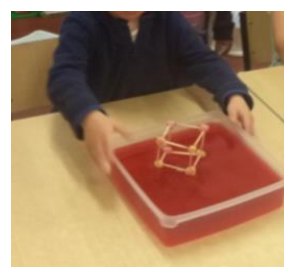


Figura 8: Criança a testar se a sua construção se mantinha intacta com a simulação do sismo.

Esta foi uma atividade que articulava a matemática e ciências e achou-se relevante e interessante trabalhar este tema desta forma com as crianças.

A atividade correu de forma bastante positiva, as crianças mostraram-se muito envolvidas e entusiasmadas e não queriam deixar de a fazer, por isso foi muito bem conseguida. Foram recebidas felicitações por parte das educadoras da instituição, devido à implementação inovadora desta atividade. A avaliação desta atividade foi realizada através de observação direta, fotografias e opinião das educadoras e crianças. No final do dia foi também feita uma reflexão sobre a execução da mesma.

Implementou-se também a atividade “Vamos pintar a nossa rua” (Anexo I), para trabalhar a segurança rodoviária. Como objetivos desta atividade salientam-se: Reproduzir e aplicar regras de segurança rodoviária nas suas brincadeiras; e desenvolver capacidades expressivas e criativas através de produções de natureza diversa.

Depois de uma semana dedicada especificamente a este tema, decidiu-se concluir, pintando no espaço exterior um circuito no chão, onde as crianças pudessem brincar com os seus

pequenos carros. Porém, o circuito foi pintado por todas as crianças e por isso as tintas utilizadas não foram permanentes.

O feedback delas foi bastante positivo, todas gostaram de pintar e o facto de ser no espaço exterior, entusiasmou-as imenso. Durante a atividade foi ainda possível explorar com as crianças, algumas técnicas de pintura, como ensinar que o pincel se deve escorrer antes de pintar, bem como a técnica de esponjar, que a junção de duas ou mais cores origina outras, etc.. Como tal, todo o percurso foi pintado, alguns deles aplicaram e deram algumas sugestões sobre segurança rodoviária para o circuito, como por exemplo: pediram para ter um estacionamento para pessoas grávidas e em cadeiras de rodas, quiseram colocar mais passadeiras e ainda fizeram questão de fazer um jardim nos espaços que não estavam a ser ocupados.



Figura 9: Crianças a brincarem no circuito pintado.



Figura 10: Pintura do circuito.

As crianças puderam brincar nesse espaço de forma rotativa durante dois dias, contudo como as tintas não eram permanentes, com a chuva o circuito desapareceu e as crianças ficaram muito tristes pois queriam que aquele espaço de brincadeira fosse permanente na sua área exterior e acabaram por ficar desiludidas com esse acontecimento.

A avaliação desta atividade foi realizada através de observação direta, fotografias e feedback das educadoras e crianças. No final desse dia foi feita uma reflexão sobre a sua execução, o que permitiu constatar que todas as crianças da instituição gostaram, aplicaram-se na construção/ realização deste circuito e mostraram-se motivadas e a aplicar algumas das regras de segurança rodoviária referidas anteriormente. Depois das condições atmosféricas condicionarem este espaço novo, as crianças, apesar de tristes, ficaram com vontade de o voltar a criar para poderem voltar a brincar nesse mesmo espaço.

1.3. Caraterização do contexto de estágio em Jardim de Infância II

Este estágio decorreu no mesmo jardim de infância do estágio anterior, foi desenvolvido de seis de novembro de dois mil e dezoito a dezoito de janeiro de dois mil e dezanove, de modo a dar continuidade ao primeiro estágio em valência de jardim de infância e por isso a descrição e contextualização da instituição e da sala é a mesma que a anterior.

1.3.1. Caraterização do grupo

Quanto ao grupo, este era composto por quinze crianças com idades compreendidas entre os três e os cinco anos, sendo que nove eram do género masculino e seis do género feminino, e por isso era um grupo heterogéneo. Este grupo tinha cinco crianças com cinco anos, seis crianças com quatro anos e por último quatro crianças de três anos. Dessas quinze crianças apenas quatro estavam a frequentar o jardim pela primeira vez

| | Género feminino | Género masculino | Total |
|-------------------------------|---|-------------------------|--------------|
| Nº de crianças: | 6 | 9 | 15 |
| Idades: | 5 com cinco anos, 6 com quatro anos e 4 com três anos | | |
| Frequentar ano letivo: | 4 estavam a frequentar a creche pela primeira vez 11 já frequentavam no ano letivo anterior. | | |

Tabela 3 - Caraterização do grupo em contexto de jardim de infância II

A maioria das crianças já estavam minimamente adaptadas ao contexto, ajudando e fazendo com que as novas crianças se sentissem também integradas. Porém, como era início do ano letivo, as crianças ainda não estavam totalmente integradas nas rotinas e momentos do seu dia a dia e por isso a inserção de dois elementos novos na sua sala, foi um pouco desafiante. Uma das crianças não tinha o português como língua materna, contudo usava-a no seu dia-a-dia enquanto permanecia no jardim de infância e por isso apresentava algumas dificuldades na linguagem e em expressar-se. Outras duas crianças apresentam também dificuldades na linguagem e por isso iniciaram a terapia da fala como recomendação da educadora cooperante, fora da instituição.

Era um grupo muito curioso, afetuoso, a entre ajuda e a cooperação estavam sempre presentes, eram empenhados em todas as tarefas propostas, gostavam muito de atividades com movimento, adoravam brincar no espaço exterior, era um grupo desafiador e muito divertido.

1.3.2. Modelo pedagógico e Projeto educativo

Tal como no estágio anterior, a educadora continuava a utilizar e a organizar a sua prática através de uma teia (Anexo J). Nessa teia, os projetos a ser desenvolvidos nessa instituição, eram: “Brincar com as T.I.C”, “É divertido ler e escrever”, “Descobrir a Matemática”, “Sensibilização à arte”, “À descoberta do mundo” e “Crescer como cidadãos do mundo”. Como já foi referido anteriormente, a educadora cooperante regia a sua prática educativa por uma metodologia mista, isto é, tendo em conta inúmeros modelos pedagógicos.

Tal como no estágio anterior, conforme os conteúdos iam surgindo em sala, eram colocados nessa mesma teia e assim era organizado e desenvolvido o seu projeto educativo para o ano letivo correspondente.

1.3.3. Projeto pedagógico criado e desenvolvido em estágio

O projeto pedagógico desenvolvido denominava-se por “Brincar, Explorar e Descobrir na Natureza” e estava inserido em um dos temas principais destacados na teia “À descoberta do mundo”, mas também um pouco em todos os outros. O projeto desenvolveu-se incidindo-se na ação pedagógica ao ar livre e proporcionando a todas as crianças oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem com recurso ao espaço exterior e a tudo o que este lhes oferece.

Didonet, V. (1987: 57), “Todos os sentidos são janelas para o mundo, e a criança funciona quanto mais funcionam os sentidos dela”, por conseguinte o contato que se estabelece com a natureza pode ser fundamental para o desenvolvimento desses mesmos sentidos, por exemplo: através do toque da areia, do cheiro das flores, do sabor das azeitonas, do som dos passarinhos e da observação das nuvens.

Decidiu-se desenvolver este projeto uma vez que foi observado que as crianças gostavam bastante de brincar no espaço exterior, recorrendo a diversos materiais, elementos naturais e demonstrando sempre muito interesse por explorar e saber mais.

L’ Ecuyer, C. (2016, p.77), defende que “a natureza é uma das primeiras janelas de curiosidade da criança (...)”, nós desejamos que estas possam explorá-la não só nos dias de calor e sol, mas também nos restantes dias, apesar do tempo ser mais frio e desagradável, pois para eles é necessário esse contacto.

Este projeto tinha como principal objetivo: Proporcionar a cada criança, oportunidades de desenvolvimento e aprendizagem, ao ar livre. Como objetivos específicos estabeleceram-se: a) Conhecer algumas plantas, árvores e animais do recreio, b) Reconhecer a importância da

natureza, c) Descobrir os elementos naturais do seu meio envolvente, d) Compreender e identificar características distintivas dos seres vivos e identificar diferenças e semelhanças entre: animais e plantas, e) Identificar, descrever e procurar explicações para fenómenos e transformações do meio físico e natural, f) Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo meio ambiente.

Para organizar e orientar o estágio foi criada uma tabela que referia o que se devia trabalhar em cada semana. (Anexo K)

Pretende-se que ao brincar a criança consiga explorar livremente e estar em contacto com a natureza, neste sentido, é referido por Bilton, Bento e Dias (2017, p.160) que “Através do brincar ao ar livre, em contacto com a natureza, a criança tem possibilidade de mobilizar o corpo e os sentidos na sua ação, cognição e emoção, acedendo a um conjunto de experiências que dificilmente podem ser recriadas em ambientes fechados”.

Como estratégias recorreu-se a leitura de histórias, passeios pelo campo, jogos, exploração de elementos naturais, etc. Em relação aos meios de divulgação do projeto para a comunidade educativa utilizou-se o resumo semanal das atividades (registo para pasta pedagógica de cada criança e informação para casa), os registos escritos e fotográficos apresentados em cartazes expostos na sala e desenhos feitos pelas crianças no decorrer da implementação de todo o projeto, etc. Como métodos de avaliação recorreu-se a registos fotográficos, observação direta (interação), feedback (pais, educadoras, crianças e comunidade, reflexões diárias, registo de vídeo, entre outros.

1.3.4. Atividades desenvolvidas no âmbito do projeto “Brincar, Explorar e Descobrir na Natureza”

Para a implementação deste projeto foram desenvolvidas diversas atividades que decorreram no geral de forma bastante positiva e foi possível alcançar todos os objetivos definidos. Foram planificadas bastantes atividades inovadoras e desafiantes para o grupo, de modo a proporcionar-lhes novas experiências e aprendizagens.

Salientam-se agora duas atividades que mais se destacaram, sendo elas: “Desenhar a árvore que eu escolhi” e “Construção do Espantalho”.

A primeira atividade denominava-se “A árvore que eu escolhi” (Anexo L) e era uma atividade de interdisciplinaridade entre educação artística e ciências. Consistia utilizar essencialmente o espaço exterior, com mesas e cadeiras previamente posicionadas, desenhar uma árvore à sua escolha lembrando-se de todas as partes constituintes da árvore, trabalhadas nos dias

anteriores.

Depois de todas as crianças terem realizado os seus desenhos, foram feitos os registos de tudo aquilo que as crianças tinham a dizer sobre o que desenharam. Qual foi a árvore que desenharam, como se chamava, como é que é a árvore, o que desenhou nela, porque escolheu estas cores, entre outras perguntas que surgiram no momento.



Figura 11: Execução da atividade “Desenhar a árvore que eu escolhi.”



Figura 12: Alguns dos desenhos realizados pelas crianças durante a atividade.

Esta atividade foi muito interessante pois as crianças que desenharam a mesma árvore, conseguiram ter desenhos tão diferentes e com pormenores também eles específicos e distintos. Cada criança apesar de estar a olhar para uma árvore do exterior, fez questão de dar o seu cunho à árvore que se encontrava a desenhar. Foi muito engraçado ver que todas elas são diferentes, os formatos são diferentes, as cores usadas também e o que é pensado e dito também o é.

Foi uma atividade imensamente rica, foi dado um feedback bastante positivo por parte das crianças que começaram a querer desenhar na rua todos os dias, mostrando-se empolgadas e empenhadas em fazê-lo. Esta atividade foi avaliada através de observação direta, feedback recebido por educadoras e crianças, por fotografias e ainda foi feita uma reflexão sobre a mesma.

No seguimento da construção da horta do Jardim de infância, realizou-se a atividade “Construção do espantalho” (Anexo M).

Depois de se ter falado do espantalho, de algumas roupas que ele poderia vestir, da sua funcionalidade, da forma como seria construído e onde seria colocado, foi feita uma votação para ser escolhido o nome para ele. Com isso trabalhou-se a matemática fazendo a contagem dos votos para cada nome e ainda se trabalhou a consciência fonológica fazendo a contagem das sílabas de cada palavra e também se estabeleceu relação entre a escrita e a mensagem oral. Todas as crianças tiveram oportunidade de dizer um nome à sua escolha ou então votar

em um nome já dito e por fim foi feita a contagem e escolhido finalmente o nome do espantalho, sendo que o nome escolhido fora Bruno.

Como tal, depois de escolhido o nome, faltava construir e vestir o mesmo. No dia anterior pediu-se às crianças que trouxessem algumas roupas velhas que tivessem por casa, para facilitar e reutilizar alguns materiais. A adesão foi muita e por isso foram essas as roupas utilizadas para a construção do espantalho para a horta.

Inicialmente pensou-se que as crianças conseguiriam realizar a tarefa de forma maioritariamente autónoma, contudo percebeu-se que seria uma tarefa difícil para as mesmas. Estas demonstraram estar bastante entusiasmados e empenhados, mas a ter grandes dificuldades. Como tal, com o apoio e como sugestão da educadora cooperante decidiu-se que a maioria da construção seria realizada pelas estagiárias e que as crianças apenas colocariam acessórios e o enchimento. Quando chegou essa altura, as crianças estavam alegres, motivadas, com vontade de tocar na palha, de sentir a sua textura e cheiro e de contribuir para a construção do mesmo.

Notou-se que, apesar de se ter mantido um diálogo com o restante grupo enquanto se auxiliava as crianças em atividade, foi um pouco aborrecido para eles terem de esperar.

Foi uma atividade que não foi concebida como foi planeada, existiram muitas alterações para o bom funcionamento da mesma e foi necessária muita flexibilidade por parte das estagiárias para improvisar, visto que a atividade não correu da forma esperada.

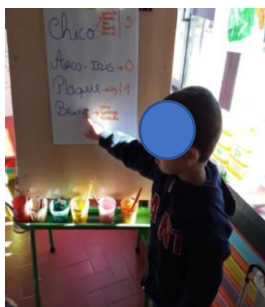


Figura 13: Votação para a escolha do nome do espantalho.



Figura 14: Construção do espantalho.



Figura 15: Espantalho colocado na horta do Jardim de Infância.

1.4. Balanço geral de todos os estágios

A realização destes três estágios no âmbito do mestrado, foram extremamente importantes e proporcionaram muitos momentos de aprendizagens para desenvolver na prática futura. Foram momentos que demonstraram que esta seria, certamente, a profissão a seguir no futuro, tendo ainda muito trabalho pela frente. Inicialmente as dúvidas foram diversas e as incertezas foram múltiplas sabendo que o papel a desempenhar seria de uma educadora responsável pelos diferentes grupos, podendo falhar, mas com a certeza de que não seria esse o desígnio que se tinha.

Todas as hesitações e inseguranças foram combatidas e a maioria dos estágios correram da forma pensada e idealizada. No estágio em contexto de Creche, surgiram as primeiras dúvidas: O que se poderia trabalhar com crianças com diferentes faixas etárias entre os 10 e os 26 meses?, Qual seria a sua aceitação e adaptação?, Qual seria o papel da educadora cooperante?, Qual a rotina do grupo e se a presença de pessoas novas influenciaria tudo isso?, O medo de falhar é normal?, A intervenção será acertada? e Como se avaliará e planificará as atividades?

Sentiu-se uma grande insegurança no início, devido a todas essas questões, e por isso a colega de estágio e a professora orientadora foram um apoio crucial durante a prática supervisionada.

O grupo de crianças era muito engraçado, muito carinhosos, também calmos e todas as crianças eram muito diferentes, tanto a nível do desenvolvimento cognitivo, afetivo, motor, social e pessoal, o que tornou esta experiência muito enriquecedora. Ao grupo, transmitiu-se afeto, serenidade, confiança, envolvimento, segurança, empenho e diversos momentos que contribuíram não só para o seu divertimento como certamente também para a sua aprendizagem e desenvolvimento.

Alguns autores tais como Gonzalez-Mena, Eyer e Widmeyer (2009 citados por Prudêncio, 2016) ressaltam que todas as crianças precisam no seu dia-a-dia de muitas manifestações de carinho que tenham significado para elas e destacam que devem ser os adultos, a expressar-se dessa forma para com as crianças, para que essas mais tarde demonstrem todo esse afeto. Ainda neste primeiro estágio, foi possível participar em todas as rotinas do grupo, incluindo momentos de brincadeira, refeições e higiene, sendo que durante todos esses momentos aproveitou-se para desenvolver algumas capacidades das crianças e interagir com as mesmas, de modo a que elas se sentissem seguras, confiantes e com vontade de realizar essas tarefas todos os dias, de forma divertida.

Considera-se que este foi um estágio repleto de reflexão e de muitas aprendizagens, sendo

que a aprendizagem que mais se destacou foi a importância de um bom ambiente educativo numa instituição, não só para a prática da educadora como também para o desenvolvimento das crianças.

Destaca-se o apoio e motivação dada pela assistente de ação educativa que se mostrou sempre disponível para ajudar durante todo o estágio, dando algumas sugestões e ensinamentos essenciais que não serão esquecidos.

Relativamente ao segundo estágio, este aconteceu em contexto de jardim de infância e foi um dos melhores estágios realizados durante o período de licenciatura e também de mestrado. Neste estágio os maiores sentimentos são de conquista, orgulho e confiança, por se saber que este foi tão bem idealizado e pensado, respondendo a todas as necessidades das crianças e promovendo novas aprendizagens de forma criativa e dinâmica.

Toda a comunidade educativa, principalmente a cooperante, assistente de ação educativa e crianças, foram excecionais e incansáveis durante todo esse período. Demonstraram-se confiantes, entusiasmadas, colocando-se sempre predispostas a ajudar e apoiar respondendo a todas as dúvidas e angústias sentidas, o acolhimento foi excelente expondo uma vontade enorme de fazer parte da “família” que se faz sentir nesta instituição.

Este grupo era heterogéneo, porém a cooperação e entreajuda que se fazia sentir eram notórias e agradáveis de observar, visto que as crianças mais velhas auxiliavam as mais novas e facilitavam a sua adaptação transmitindo-lhes apoio e segurança. O grupo era considerado como sendo bastante ativo, muito interessado e extraordinariamente afetuoso e divertido.

Foi com facilidade que se trabalhou com este grupo de crianças, conseguiu-se estabelecer vínculo com todas elas de forma individualizada e consideravam as estagiárias como sendo a sua figura de autoridade e controlo, dirigindo-se às estagiárias constantemente sempre que necessitavam de alguma ajuda ou simplesmente para brincar ou conversar. Sentiu-se o verdadeiro poder de controlo do grupo, sendo uma preparação importante para a prática futura a desenvolver.

Salienta-se ainda que o facto de este grupo ter uma criança com Necessidades Educativas Especiais não influenciou praticamente em nada a criação, desenvolvimento e implementação do projeto, uma vez que a criança com NEE se demonstrou sempre muito presente, interessado e empenhado em todas as atividades propostas e momentos vividos. Foi dada à criança a especial atenção que merece, mas esta estava muito bem integrada no grupo, todas as crianças sabiam que esta era especial e mostravam-se sempre muito preocupados e unidos com o próprio, dando um grande exemplo de inclusão.

Tal como refere Correia (2001, p.125) “O princípio da inclusão apela, portanto, para a educação inclusiva que pretende, de um modo geral, que todos os alunos, com as mais

diversas capacidades, interesses, características e necessidades, possam aprender juntos, que seja dada atenção ao seu desenvolvimento global (...), que se crie um verdadeiro sentido de igualdade de oportunidades (...)"

É extremamente gratificante observar que o projeto e todos os seus objetivos foram cumpridos, sem colocar ninguém de parte e demonstrando que através de um simples projeto com o tema "Aprende a proteger-te", se consegue conquistar todas as crianças, fazendo com que estas fiquem felizes com as aprendizagens que estão a realizar e com os momentos que estão a viver.

As famílias reconheceram que este fora um projeto importante para as suas crianças e salientaram que estas chegavam a casa entusiasmadas com o seu dia a dia, fazendo referência a todos os momentos evidenciados. Envolver as famílias e a comunidade foi sem dúvida um dos objetivos que mais se concretizou, pois, todos os dias eram recebidos feedback por parte dos mesmos, relativos à prática das estagiárias.

Foi importante, pois tal como está estabelecido na Lei-Quadro da educação Pré-Escolar, Lei nº 5/97 (Ministério da Educação, p.15) "A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário".

Com este estágio cresceu-se muito a nível profissional, foi com agrado que se viram todos os objetivos definidos serem alcançados pelas crianças e que elas se sentiram felizes em todas as atividades desenvolvidas. Possivelmente, será um projeto para colocar em prática futuramente.

Resta agradecer a toda a comunidade educativa a sua colaboração e a forma como foi feito o acolhimento e a integração no jardim de infância e na comunidade. Quanto à educadora cooperante, importa ressaltar que esta será um exemplo e um modelo a seguir para o futuro profissional.

Em relação ao terceiro e último estágio, sublinha-se que este foi realizado na mesma instituição que o anterior. Pensou-se em dar continuidade ao estágio realizado anteriormente, contudo, tornou-se um pouco mais complicado, visto que se tratava do início do ano letivo e as crianças ainda não estavam bem integradas no espaço e rotinas. Tal como nos restantes estágios, a receção por parte das crianças foi muito boa, tal como do pessoal docente e não docente. Porém o grupo começou a ser muito desafiante, a testar todos os limites e a tentar perceber o que conseguia ou não fazer com as estagiárias. Nesse período inicial, as crianças começaram também a não cumprir algumas regras de funcionamento da sala e o facto de estarem a fazer isso, acabou por fazer com que a educadora cooperante tivesse de intervir.

Passados os primeiros dias, a educadora afastou-se do seu papel de responsável e autoritária

do grupo, e as estagiárias começaram a controlar melhor o grupo. As atividades pensadas, foram todas bastante apelativas para que o grupo se envolvesse nelas de forma interessada e empenhada, o que aconteceu durante todo o estágio. Neste período foram ainda recebidas duas novas crianças gêmeas na sala, o que foi muito interessante e importante para as estagiárias, visto que puderam aprender e presenciar a inclusão e adaptação de crianças tão novas no jardim de infância.

A adaptação destas crianças, relativamente ao espaço novo e a todas as pessoas, foi um processo progressivo, uma vez que se tratava da primeira vez afastadas da família. Foram recebidas com bastante entusiasmo e carinho por toda a gente da instituição de modo a proporcionar-lhes um ambiente em que gostem de estar e em que se sintam bem.

Ambas as crianças traziam de casa um objeto de transição (peluches), para as ajudar na sua adaptação, o que se mostrou muito importante visto que estes eram a ligação que as crianças tinham do seu lar.

Com a chegada de novas crianças ao grupo percebeu-se que o papel da educadora nesses momentos acaba sempre por ser mais centrado para essas, de modo a facilitar e a ajudá-las no seu processo de ambientação e inclusão.

Tal como salienta Oliveira (2002, p.206) a educadora tem o dever de “ajudar a criança a superar a ansiedade da separação e outros conflitos cuja resolução é necessária para lhe aumentar a iniciativa e a confiança no mundo fora da família”.

Este último estágio foi recheado de aprendizagens que certamente serão essenciais para o futuro profissional que se avizinha, desde o fato de acolher e acompanhar crianças novas no seu primeiro dia, como fazer o desfralde, preparar uma festa de natal, realizar visitas de estudo, trabalhar em cooperação com os encarregados de educação, perceber como é que as crianças se encontram no início do ano letivo e como se vão desenvolvendo ao longo do mesmo .

Para finalizar este balanço geral de todos os estágios, destaca-se que durante os mesmos foram feitas melhorias significativas, tanto a nível de planificação, avaliação, gestão do grupo e das suas atividades, construção e desenvolvimento de projetos e de autoconhecimento. Todas as dificuldades e angústias sentidas foram superadas com sucesso e por isso salienta-se que foi um percurso enriquecedor tanto profissionalmente como pessoalmente.

1.5. Percurso investigativo

O questionamento sobre a importância dos materiais lúdicos e dos jogos, no dia a dia das crianças em idade pré-escolar, surgiu durante os estágios realizados em contexto de Creche e Jardim de infância. O que se observou durante esses períodos, permitiu verificar que as crianças davam bastante importância aos materiais lúdicos, principalmente aos jogos, recorrendo com frequência aos diversos materiais que tinham à sua disposição no espaço educativo.

As crianças da creche tinham à sua disposição diversos materiais que brincavam com frequência e tinham curiosidade em explorar todos eles de formas, muitas vezes, impensáveis e criativas. Eram eles que autonomamente se deslocavam e brincavam com os materiais que mais gostavam e que lhes chamavam à atenção. Cabia aos adultos o papel de os estimular e mostrar-lhes que aquele material ou jogo tinha diversas utilidades. Ainda neste contexto, apercebeu-se que de todos os materiais lúdicos à disposição, eram os jogos que mais chamavam à atenção das crianças e a que elas mais recorriam.

No segundo contexto, em Jardim de infância, as crianças já se encontravam familiarizadas com a utilização de diversos materiais lúdicos durante as suas brincadeiras autónomas, mas também durante os momentos de atividades desenvolvidos pela educadora cooperante.

Foi bastante interessante, perceber-se que os grupos recorriam a diversos materiais e os utilizavam de forma inovadora, divertida e que de um simples material tinham imaginação para o fazer ser muito mais. De todos os materiais lúdicos que utilizavam, o que os grupos mais gostavam era de todo o tipo de jogos, sendo eles de tabuleiro, jogos de exterior, entre outros.

Como tal e perante o que se observou nos diferentes contextos de estágio, achou-se pertinente um estudo sobre a importância dos materiais lúdicos, mas com destaque para os jogos, no dia a dia das crianças, fazendo referência à forma como estes são importantes para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Pretendeu-se também explicitar a forma como a educadora deve recorrer à utilização desses materiais e jogos de modo a promover a aprendizagem, o divertimento e o desenvolvimento do seu grupo.

No seguimento desse questionamento e observação, foi feita uma revisão de literatura sobre o tema da investigação a realizar, de modo a perceber e a compreender, perante diferentes opiniões e experiências, a verdadeira importância dessa utilização.

Capítulo II: Investigação

Neste segundo capítulo estará presente todo o percurso de investigação sobre a importância dos materiais lúdicos, mas principalmente dos jogos, na aprendizagem e desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar. O tema da investigação surgiu durante a prática de ensino supervisionada. Iniciou-se com algumas questões que surgiram sobre o tema e que mais tarde se pôde dar resposta através das diversas entrevistas realizadas a educadoras, e a especialistas de instituições educativas e de apoio à infância

2.1. Contextualização da investigação

Desde o início da licenciatura que se abordam os materiais lúdicos como sendo um recurso fundamental para educadores, e também essenciais para o desenvolvimento das crianças que frequentam o ensino do pré-escolar.

Segundo Ribeiro (2013, p.1), “o lúdico é parte integrante do mundo infantil da vida de todo ser humano. O olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância”. Sabe-se que é através da exploração dos materiais lúdicos disponíveis na brincadeira diária, que as crianças mais se desenvolvem quer fisicamente, psicologicamente, socialmente e emocionalmente.

Negrine (1994) defende que estes materiais e os momentos lúdicos contribuem para o desenvolvimento global da criança e que todas as dimensões estão ligadas, nomeadamente a motricidade, a afetividade, a inteligência, sociabilidade, entre outros. Estas contribuem para a progressão da criança e do seu desenvolvimento.

As crianças são estimuladas, descobrem e aprendem recorrendo a estes recursos, mas continua a perdurar a dúvida do que pode, ou não, considerar-se material lúdico. A escolha deste tema surgiu no primeiro estágio de mestrado, por se ter observado em todas as valências, tanto na creche como no jardim de infância, a importância que os materiais tinham para as crianças das diversas faixas etárias. Inicialmente pretendia-se estudar apenas a importância dos materiais lúdicos no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, porém com o passar do tempo constatou-se que um dos materiais lúdicos usados com mais regularidade em todas as valências, eram os jogos.

Por isso a questão inicial deste estudo é: Qual a importância dos materiais lúdicos, sobretudo dos jogos no dia a dia das crianças em idade pré-escolar?

Para auxiliar a investigação estabeleceram-se diversas questões orientadoras que sustentaram e serviram como ponto de partida para iniciar e organizar a investigação, sendo elas:

- Q1 - O que são jogos e o que os distingue entre si?
- Q2 - Qual a importância e as potencialidades da utilização dos jogos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças do pré-escolar e na prática profissional dos participantes do estudo?
- Q3 - O que são materiais lúdicos e o que os distingue entre si?
- Q4 - Qual a importância e as potencialidades da utilização desses materiais na aprendizagem e desenvolvimento das crianças do pré-escolar e na prática profissional

dos participantes do estudo?

Consoante todas as questões orientadoras anteriores, foram estabelecidos objetivos do estudo para organizar e que ajudam a responder a todas as questões anteriormente descritas.

Sendo eles:

O1 – Identificar a forma como a organização do espaço educativo, influencia a utilização dos materiais lúdicos e jogos pelas crianças;

O2 - Perceber as concepções dos participantes do estudo relativamente à definição de jogos;

O3 – Compreender a forma como os participantes do estudo categorizam os jogos;

O4 – Entender a importância e as potencialidades da utilização dos jogos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças e também na prática dos profissionais de educação;

O5 - Saber com que frequência e em que sentido recorrem aos jogos na sua prática;

O6 – Constatar se existem preferências por género, na utilização dos jogos;

O7 - Perceber as concepções dos participantes do estudo relativamente à definição de materiais lúdicos;

O8 – Entender qual a importância e as potencialidades da utilização dos materiais lúdicos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças e também na prática dos profissionais de educação;

O9 – Perceber, de acordo com os participantes do estudo, quais as vantagens e desvantagens da utilização de materiais lúdicos;

O10 – Compreender a forma como estes profissionais categorizam os materiais lúdicos, na sua perspetiva;

O11 - Saber com que frequência e em que sentido recorrem aos materiais lúdicos na sua prática;

O12 – Constatar se existem preferências por género, na utilização materiais lúdicos;

O13 – Entender qual o papel de educadores e restantes profissionais na utilização destes materiais no dia-a-dia das crianças em idade pré-escolar.

2.2. Revisão de literatura

2.2.1. O lúdico enquanto possibilitador de aprendizagens e desenvolvimento

Sabe-se que a palavra lúdico é originária do latim *ludus* e normalmente está associada à brincadeira, aos jogos e a todos os momentos prazerosos e de diversão durante o dia-a-dia do ser humano, principalmente das crianças (Huizinga, 2007). Para além dessa associação, o lúdico passou também a ser definido como um traço do comportamento humano. Dessa forma, salienta-se que o lúdico tem imensas e diversas definições, mas todas elas assentam sobre o facto de este ser uma mais valia para o crescimento das crianças.

Na generalidade, a sua utilização é defendida como sendo uma estratégia no ensino e aprendizagem dos alunos, principalmente na educação infantil, visto que é na infância que as crianças mais se movimentam, exploram e tentam descobrir tudo aquilo que as rodeia.

Segundo Santos (2002), o lúdico promove um desenvolvimento pessoal, social e cultural, facilita os processos de expressão, socialização e também da construção do conhecimento das crianças. Para complementar, João dos Santos (2007, pp. 280-281) acredita que o lúdico “é tudo o que a criança faz ativa e voluntariamente com o corpo para tomar conhecimento com o mundo exterior, com as pessoas e com as coisas, a fim de as conhecer, identificar, aprender a utilizar (...)”. Vygotsky (2011), afirma que é a partir do lúdico, mais especificamente, dos jogos e das brincadeiras que as crianças estão mais predispostas para aprender o que lhes é proposto e da mesma forma Sarmiento (2017, p.40) complementa afirmando que é “através do lúdico, que a criança tem oportunidade de experimentar novas sensações, de criar laços sociais, aceder ao conhecimento, aprender a aprender e a ultrapassar vários obstáculos que vão surgindo”

O lúdico está relacionado com a atividade lúdica e por conseguinte diretamente associado ao brincar, e como tal, é assim definida como uma vivência espontânea e natural da criança (Onofre, 1997 citado por Pinto & Sarmiento, 1999). Pode afirmar-se que esta contribui para a aprendizagem e desenvolvimento da criança de forma positiva e saudável. De acordo com Pessanha (2001) o conceito de atividade lúdica é fácil de identificar, mas bastante difícil de definir e por isso a unanimidade torna-se pouco visível. Este autor defende ainda que já foram feitas várias tentativas de definir este conceito muitas delas sem efeito, mas defende que esta promove o desenvolvimento harmonioso da criança a nível cognitivo, social e afetivo.

Nesse sentido, Negrine (1994, p. 41) faz um breve resumo de todos os aspetos que circulam em redor do lúdico, nomeadamente as atividades lúdicas e o brincar, e defende que: “1) possibilitam fomentar a "resiliência", pois permitem a formação do autoconceito positivo; 2) possibilitam o desenvolvimento integral da criança, já que através destas atividades a criança desenvolve-se afetivamente, convive socialmente e opera mentalmente; 3) brincar é uma

necessidade básica assim como é a nutrição, a saúde, a habitação e a educação; 4) brincar ajuda a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social, pois, é através das atividades lúdicas, que a criança forma conceitos, relaciona ideias, estabelece relações lógicas, desenvolve a expressão oral e corporal, reforça habilidades sociais, reduz a agressividade, integra-se na sociedade e constrói o seu próprio conhecimento.”

Como já foi referido anteriormente, durante os primeiros anos de vida, o lúdico é relevante e permite desenvolver as aprendizagens das crianças de forma dinâmica. No entanto, na perspetiva de Ferland (2006) os momentos de brincadeira e divertimento das crianças valorizam-se pouco e este autor considera isso como sendo um entrave para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Para as educadoras e para os seus grupos, o lúdico deve estar associado a atividades de liberdade, onde durante toda a brincadeira estes possam fazer as suas escolhas, e essencialmente divertir-se muito. Diversas vezes, são idealizados e organizados momentos lúdicos que para as educadoras são empolgantes e motivadores, mas que as crianças não consideram da mesma forma.

Na perspetiva de Wayskop (1995) grande parte das creches e jardins de infância restringem-se muitas vezes a atividades repetitivas, que não despertam a curiosidade das crianças e que as deixam muito centradas numa só realidade, fazendo com que as crianças fiquem mais dependentes, não conseguindo estimular a criatividade, parecendo até que são atividades facilitadoras para a prática do educador e não centrado na criança. O mesmo autor, aponta que as instituições deviam ser mais organizadas nesse aspeto, afirmando até que o foco principal destas, deveria ser o lúdico e tudo o que este abrange. Neste sentido, é crucial existirem momentos lúdicos pouco estruturados para que as crianças possam desenvolver algumas capacidades essenciais, nomeadamente a capacidade de resolver problemas, de promover a criatividade, de desenvolver a sua concentração, a sua autonomia, entre outros. (L' Ecuyer, 2017)

Como tal, é importante ressaltar que é através do lúdico e da atividade lúdica que a criança se prepara para a vida futura, integrando-se com maior facilidade no meio onde vive e adaptando-se a tudo o que o mundo lhe oferece, assimilando a sua cultura, cooperando e socializando com a restante população, integrando-se na mesma e adaptando-se e ultrapassando todos os obstáculos que poderão surgir na sua vida de forma autónoma.

2.2.3. Os Jogos na educação de infância, enquanto possibilitadores de aprendizagens e desenvolvimento

Existem muitas definições de jogo e apesar de não existir uma conformidade quanto ao seu significado, sabe-se que os jogos estão diretamente vinculados com o brincar e com os brinquedos e por isso devem fazer parte do quotidiano das crianças, principalmente no período de pré-escolar.

É muitas vezes através dos jogos que as crianças desenvolvem a sua coordenação, socialização, raciocínio, motricidade, criatividade, entre outros. Como refere Queiroz (2003, p.158) é “através do jogo que os alunos aprendem a respeitar regras, a inventar, a criar e a transformar o mundo onde estão inseridos. Isso porque o jogo constitui-se numa atividade organizada por um sistema de regras, na qual se pode ganhar ou também perder”.

A realização de jogos durante o dia a dia das crianças torna-se muito importante, visto que é através do jogo que elas desenvolvem as suas aprendizagens não só a nível cognitivo como também a nível de convivência com as restantes crianças.

Piaget (1990, p.87) salienta que todos os jogos são brincadeiras, mas também são meios de aprendizagem. Defende ainda que “o jogo se assume como uma das formas mais importantes do comportamento humano ao longo do seu ciclo vital e que é essencial na formação e estruturação do processo de desenvolvimento do indivíduo” (1973, p.216).

Este mesmo autor citado por Bandet (1975) enumera três classes de jogos, sendo eles: jogos de exercícios, jogos simbólicos e jogos de regras. Os jogos de exercício estão inseridos no período sensório motor, normalmente associados aos primeiros anos de vida das crianças (0-2 anos). Estes jogos são particularmente sensório-motores e de pensamento e têm como principal objetivo a repetição de movimentos e gestos que dão prazer à criança de executar. Os jogos de exercício estão diretamente relacionados com o desenvolvimento da criança e este autor considera que é através destes que se consegue motivar as crianças em idade pré escolar, uma vez que as suas faixas etárias precisam deste tipo de jogos para que possam gastar a sua energia corporal e também deste modo motivá-las para desenvolverem algumas aprendizagens primárias e essenciais .

Como por exemplo: mexer os braços, emitir sons, agitar brinquedos ou objetos, gatinhar, entre outros.

Quanto aos jogos simbólicos, estes surgem no período pré-operatório, entre os dois e os sete anos de idade. Caracterizam-se por ser jogos simbólicos, quando a criança atribui significado aos objetos ou quando a criança representa uma situação que vivenciou. Por exemplo: o faz-de-conta, quando finge estar a falar ao telemóvel ou quando transforma uma esfregona num cavalo, ... É durante este período que as regras começam a surgir nas suas brincadeiras.

Por último, Piaget considera que os jogos de regras aparecem no período das operações

concretas (7-11 anos) e definem-se como sendo todos os jogos que necessitam de regras e de algum tipo de competição. Surgem essencialmente numa fase em que a criança se relaciona e socializa com outras crianças. Dando como exemplo qualquer tipo de jogo que necessite de regras: macaquinho do chinês, ou jogo do galo, etc.

Já Wallon (1981) define jogo como sendo uma atividade voluntária e que parte sempre da criança, caso isso não aconteça e seja imposto pelo adulto, deixa de se considerar jogo. Este autor apresenta quatro categorias dos jogos: jogos funcionais, jogos de ficção, jogos de aquisição e jogos de fabricação.

Os jogos funcionais são caracterizados como sendo todos aqueles em que existe exploração do corpo através dos cinco sentidos. A criança dá importância aos movimentos do seu corpo e a todas as funções do mesmo. Por exemplo: gritar, abanar as mãos, explorar objetos, ...

Quanto aos jogos de ficção estes são também definidos como jogos de faz de conta, em que a criança se foca essencialmente na situação imaginária, fazendo imitações do que observa no seu dia-a-dia. Como por exemplo: brincar na casinha imitando os adultos ou brincar às escolas representando o papel da educadora.

O autor descreve os jogos de aquisição como sendo todos os momentos em que uma criança tenta compreender, imitar, perceber e conhecer tudo o que a rodeia. Normalmente está associada aos primeiros anos da vida de uma criança e acontecem quando as crianças ouvem e cantam canções que lhes são ensinadas, reproduzem gestos e sons que vêem e ouvem, entre outros.

Por último, os jogos de fabricação que se caracterizam como os momentos em que as crianças criam e transformam determinados objetos em algo fictício, isto é, quando transforma alguma coisa real em algo que faz parte do seu imaginário. Por exemplo: quando uma criança utiliza uma banana para representar um telefone, ou quando uma criança recorre a uma caixa transformando-a num carro.

Os jogos são uma parte fundamental na educação das crianças, através destes a criança ultrapassa os seus próprios limites, adquire alguma autonomia, torna a aprendizagem mais dinâmica e divertida, melhora também a socialização, aprende a cooperar e a trabalhar em grupo, refina a sua capacidade de resolução de problemas e aprende a lidar com a competição de forma saudável. Permitem trabalhar diversos conteúdos e desenvolver nas crianças aspetos socioafetivos, motores, cognitivos e desenvolve também alguns elementos relacionados com a linguagem, a contagem, a expressão. Tirar à criança a possibilidade de jogar, é sinónimo de condicionar o seu desenvolvimento e retardar as suas aprendizagens.

Mota (2009, p. 32) defende que embora, atualmente, não se recorra muito ao uso de jogos no ensino-aprendizagem, é importante ter consciência que a sua utilização deve ter uma intenção educativa definida e específica. “Os jogos são um instrumento que pode ajudar a desenvolver competências, mas que não dispensam a intervenção do professor para ajudar

a desenvolver e a consolidar as mesmas”.

Assim sendo, salienta-se que os jogos são importantes no que se refere ao ensino-aprendizagem de modo a que os conhecimentos sejam introduzidos de forma lúdica e motivadora, o que fará com que a criança aprenda de forma mais aplicada, dedicada e que de certa forma goste do que está a ser trabalhado e ensinado.

Importa ainda destacar e abordar um dos temas mais controversos da atualidade, sendo este a utilização de jogos eletrónicos na educação pré-escolar. A tecnologia está a desenvolver-se de dia para dia, as famílias começaram a dar demasiada importância às novas tecnologias (televisão, telemóvel, internet, consolas) que mal repararam no impacto que a sua utilização tem nas suas vidas, condicionando também o seu estilo de vida. (Rowan, 2013). Recorrer aos jogos presentes nas tecnologias torna-se cada vez mais preocupante, uma vez que as crianças deixam de sair de casa para brincar, para explorar, etc.

Um estudo realizado por Rideout, Foehr e Roberts (2010) mostra que, em média, uma criança passa sete horas e meia por dia a jogar em tecnologias. Entre 60% a 70% das crianças não têm qualquer tipo de restrições dadas pelos pais a respeito do uso das tecnologias. Os autores afirmam que é preocupante, uma vez que as crianças estão a deixar de recorrer a jogos físicos e acabam por ficar fixos aos jogos das novas tecnologias. Cabe aos educadores e pais contornar esse problema e tornar as novas tecnologias num auxílio e não numa condicionante para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças em idade pré escolar.

2.2.4. Influência dos materiais lúdicos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças

Segundo Vygotsky (2011) é a partir dos diversos materiais lúdicos e das brincadeiras que as crianças têm mais facilidade para aprender o que lhes é proposto. Contudo, hoje em dia é necessário dar atenção e é cada vez mais difícil e exigente escolher os materiais lúdicos que se poderão ou não colocar à disposição das crianças para estas brincarem.

É importante fazer essa avaliação de modo a perceber se esses objetos podem ajudar, facilitar e favorecer o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Nesse sentido, Garon (1998) criou um sistema que permitiu às educadoras organizar e analisar os diferentes tipos de materiais lúdicos/ brinquedos. De acordo com o sistema E.S.A.R, instrumento de classificação e de análise, os materiais lúdicos subdividem-se em quatro categorias, sendo elas: de exercício, simbólico, de acoplanagem e de regras.

Os materiais lúdicos de exercício surgem desde os primeiros meses de vida das crianças e prolongam-se até à idade adulta. Desde cedo que as crianças têm prazer em repetir e de posteriormente observar os efeitos dessas mesmas ações. Estes objetos estão presentes

nos primeiros exercícios sensoriais e motores, tais como: puxar um cordel, bater com o objeto, abanar um objeto que emita som, etc. Estes materiais de exercício desenvolvem principalmente a parte sensorial, a motricidade e a manipulação.

Os materiais simbólicos são utilizados quando as crianças brincam ao faz-de-conta, quando brincam com a sua imaginação e quando brincam de forma a imitar a vida dos adultos e alguns dos acontecimentos do mundo social dos mesmos. Os jogos e brinquedos deste grupo são por exemplo: as bonecas, as roupas, os acessórios, as marionetas, etc.

Materiais de acofanagem são caracterizados como todos os objetos de construção e de ordenação. Existem os jogos/ brinquedos de construção (ex.: legos), de encadeamento (ex.: quebra-cabeça), de experimentação (ex.: experiências) e de fabricação (ex.: produção de culinária, artesanato ou artístico).

Por último, os materiais lúdicos de regras iniciam-se entre os quatro e os sete anos das crianças. São essencialmente jogos/brinquedos de regras simples ou complexas, ligadas à ação de todas as crianças. Estes podem desenvolver-se nos adolescentes e também nos adultos. Os jogos/brinquedos de regras são baseados em raciocínios, hipóteses e estratégias, Como por exemplo: o xadrez, o bingo, o dominó, etc. Estes materiais lúdicos não devem ter uma única finalidade, devem proporcionar à criança várias utilizações de modo a que estas desenvolvam a sua criatividade e que de certa forma explorem o seu imaginário.

2.2.5. O papel da educadora na utilização de materiais lúdicos e jogos.

Todas as crianças têm o direito de se desenvolverem e de aprenderem através do brincar. Neste sentido, o papel da educadora, para além de ser proporcionar ao grupo com que está, um ambiente educativo seguro e divertido para que as crianças se sintam todas motivadas e bastante estimuladas durante o seu dia a dia, é também recorrer ao lúdico para desenvolver a sua prática curricular.

No Decreto-Lei nº 241/01, de 30 de Agosto, nos termos do nº 2 do Artigo 30º da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de Outubro) defende que a orientação e as atividades pedagógicas na educação pré-escolar são asseguradas pelos educadores de infância. Como tal, o educador deve ter em conta o grupo com que está e deve adaptar a sua prática ao mesmo.

Ser educadora não é, apenas, transmitir conhecimentos e fazer algumas atividades. É ser responsável pelas crianças, dar-lhes carinho e atenção, transmitir conhecimentos através de brincadeiras, jogos e momentos divertidos de maneira a cativar todas as crianças. Cabe ao

educador proporcionar inúmeras oportunidades para que a aprendizagem seja realizada através dos materiais lúdicos, dos jogos e brincadeiras. (Teixeira, 1995).

Nesta sequência, o papel da educadora é importantíssimo visto que, é esta que desempenha um papel de mediadora, promotora de socialização, criadora de espaços que facilitem e desenvolvam a sua autonomia, o respeito pelo outro, a criatividade, etc. Através dos materiais lúdicos, dos jogos e de todas as atividades lúdicas, cabe á educadora apoiar e ajudar cada criança a desenvolver-se pessoal, emocional e socialmente.

A educação pré-escolar, é a principal a favorecer a utilização de materiais lúdicos, com maior destaque dos jogos, de forma a que o educador consiga abordar diversos conteúdos recorrendo aos mesmos, permitindo que a criança aprenda através destes materiais valores como a responsabilidade, a confiança, a honestidade, a colaboração e cooperação e a partilha.

2.3. Metodologia da investigação

A metodologia de uma investigação é essencial pois sustenta a mesma, permitindo a resposta à questão inicial formulada. Esta deve ser planeada consoante os dados que se pretendem obter e as questões que se querem investigar.

Tal como defendem Pardal e Lopes (2011) durante uma investigação deve-se ter um método, que serve como orientador para alcançar o objetivo pretendido e também como facilitador de aquisição de conhecimento acerca da mesma. Sousa e Baptista (2011, p.52) definem que “A metodologia de investigação consiste num processo de seleção da estratégia de investigação que condiciona por si, a escolha das técnicas de recolha de dados, que devem ser adequadas aos objectivos que se pretende atingir”

Também Abrantes (1995) defende que a escolha da metodologia para a investigação deve ser baseada em vários factores: primeiramente nos objetivos do estudo, no tipo de questões a que queremos dar resposta, do tema em si e de todas as condições que advêm desse tema.

2.3.1. Tipo de investigação

Esta investigação é classificada como sendo de carácter qualitativa exploratória. É qualitativa visto que o objetivo é compreender alguns fenómenos inseridos em determinados contextos e por se interessar mais por todo o processo e não tanto com os resultados obtidos. (Coutinho, 2018).

Tal como salienta Flick (2009, p.16) “a investigação qualitativa (...) usa o texto como material empírico, parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspetivas dos participantes, nas suas práticas do dia a dia e no seu conhecimento cotidiano relativo à questão de estudo”.

A investigação qualitativa exploratória, tal como indicam Cerro, Bervian e Silva (2007) estabelece alguns métodos, critérios e também determinadas técnicas para a elaboração de uma investigação. Através destas, descobrem-se informações que ajudam a formular hipóteses para resolução da questão inicial.

2.3.2. Instrumentos de recolha de dados

Para realizar a recolha de dados da investigação, recorreu-se a entrevistas semi-estruturadas e ao inquérito por questionário.

Na presente investigação qualitativa, considerou-se que o melhor instrumento de recolha de dados seria as entrevistas semi estruturadas, uma vez que segundo Triviños (1987) o entrevistado tem a possibilidade de falar sobre o foco principal das suas experiências. Também Bauer e Gaskell (citados por Júnior & Júnior, 2011, p. 241), “a entrevista qualitativa pode fornecer informação contextual valiosa para explicar alguns achados específicos”. Porém, uma das entidades pediu para ser realizado um questionário em vez da entrevista.

Segundo Duarte (2004) para fazer uma boa entrevista é necessário “a) que o pesquisador tenha muito bem definidos os objetivos de sua pesquisa; b) que ele conheça, com alguma profundidade, o contexto em que pretende realizar sua investigação; c) a introjeção, pelo entrevistador, do roteiro da entrevista; d) segurança e auto-confiança; e) algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação”.

Primeiramente foi feito um guião de entrevista (Anexos N e O) que permitia a orientação e organização do pensamento do entrevistador mas também para que as questões realizadas tivessem uma coerência e sequência, para facilitar as respostas das entrevistadas de modo a deixá-las confortáveis e motivadas sobre o tema.

O guião estava dividido em cinco blocos: o Bloco I destinava-se à apresentação do entrevistador, o Bloco II à identificação do entrevistado, Bloco III às conceções sobre os jogos, o Bloco IV às conceções sobre materiais lúdicos e por último o Bloco V a agradecimentos e fecho da entrevista.

Neste guião estavam todos os objetivos propostos, todas as questões e aspetos a destacar e ainda alguns indicadores essenciais. Este foi importante porque se alguma das entrevistadas não respondesse à questão ou se perdesse o seu raciocínio, o guião serviria para retomar à questão e ao tema que se estava a tratar naquele momento.

Tal como refere Biasoli-Alves (1998, p.14) “Nestas entrevistas, são levantadas questões gerais, que neste caso são abertas e devem evocar ou suscitar uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas, face aos temas tratados”. Também Bogdan & Biklen (1994, p.134) defendem que esta metodologia de recolha de dados permite “recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo”.

As perguntas formuladas requerem respostas abertas. Pretende-se que as participantes

verbalizem os seus pensamentos, as suas experiências e também as suas reflexões acerca do tema focalizado.

Quanto ao inquérito por questionário, este manteve a mesma organização que a entrevista. Inicialmente foi realizado um guião (Anexo P) com algumas questões de carácter aberto que permitiria à inquirida expressar se de forma livre relativamente ao tema apresentado e mais tarde este foi enviado, para a entidade proceder à resposta do mesmo.

O inquérito por questionário, tal como afirmam Dias (1994) e Bell (2004), é caracterizado como sendo uma técnica de investigação/observação não participante visto que não é necessária a intervenção do investigador no meio. Normalmente é composto por um conjunto de questões que podem ser abertas, fechadas, diretas, indiretas ou de escolha múltipla. Uma vez que o que se pretendia era fazer com que a inquirida falasse sobre a sua prática e sobre todos os seus conhecimentos sobre o tema, revelou-se pertinente recorrer a questões de carácter aberto.

Os autores Borg, Gall, Cohen e Manion (citados por Sousa, 2005, p.155) referem que existem inúmeras etapas essenciais para a construção de um inquérito por questionário, sendo elas: “a) definir os objectivos do inquérito, b) decidir qual a informação que se deseja, c) definir a população que é o objecto de estudo, d) estabelecer os recursos disponíveis, e) definir o instrumento a utilizar (questionário, entrevista ou teste), f) criar o instrumento, g) planificar o método de análise dos dados, h) efectuar as aplicações-piloto do instrumento, i) revisão e reformulação do instrumento, j) selecção da amostra, l) aplicação do instrumento, m) cotação das respostas, n) tratamento dos dados e o) redacção do relatório”.

Mais tarde, todas as informações presentes no inquérito são extraídas para que possam ser analisadas e para posteriormente se fazer comparações entre elas. Para comparar e analisar os dados são feitas categorizações, de modo a facilitar esta etapa da investigação.

2.3.3. Participantes da investigação

Esta investigação teve como participantes uma amostra por conveniência, sendo estas cinco educadoras de infância um membro de uma instituição de apoio à Infância e um membro de um projeto educacional. A amostra foi feita por conveniência, dado que se conhecia os seus métodos de trabalho e por isso consideraram-se estas profissionais como uma referência para a futura carreira profissional.

As educadoras participantes tinham entre os 23 e os 39 anos de serviço, sendo que quatro

educadoras lecionam em jardins de infância públicos e uma leciona numa IPSS.

Uma educadora rege-se apenas por MEM, duas educadoras regem-se por MEM, High Scope e Reggio Emilia, outra educadora rege-se pelas Orientações Curriculares e a última por modelo misto, ou seja recorre a várias pedagogias.

Uma educadora tem um grupo de 3 anos, a outra educadora tem de 4 anos e as três educadoras restantes têm grupos heterogéneos, isto é, grupo com várias idades, uma delas tem um grupo de 4 e 5 anos, a outra de 3,4 e 5 anos e a última um grupo de 4,5 e 6 anos.

A profissional membro de uma instituição de apoio à Infância, especializada no lúdico, trabalhava na instituição à mais de 10 anos, mas licenciou-se em psicologia clínica. Atualmente é coordenadora dos serviços relacionados com a atividade lúdica e trabalha essencialmente com pais, docentes, técnicos e também com crianças dos 3 aos 17 anos, como forma de sensibilizá-los para o direito que as crianças têm de brincar.

O membro do projeto educacional era licenciada em Educação de Infância e atualmente diretora deste mesmo Projeto que se iniciou à três anos tendo como principal objetivo de transformar e formar os docentes no que se refere à inovação das suas práticas pedagógicas, centrando-se muito na utilização de materiais lúdicos. Este projeto apoia também algumas instituições no processo de organização e de reflexão da prática e atualmente não mantém contato com grupos de crianças por defenderem que são os adultos os “agentes de mudança”.

2.3.4. Procedimentos de recolha e tratamento de dados

De modo a recolher a informação necessária para esta investigação, recorreu-se a diferentes procedimentos. Primeiramente contactaram-se as entrevistadas através de e-mail e agendou-se uma reunião com cada uma. As entrevistas foram todas gravadas com recurso a um gravador e, posteriormente, foram transcritas com o auxílio de um programa específico designado por “Voicemeeter” <https://www.vb-audio.com/Voicemeeter/index.htm> (Anexos Q, R, S, T, U) e foram juntas às respostas dada ao questionário pelo membro do projeto educacional. (Anexo X) Esta transcrição foi feita de modo a facilitar a análise de dados.

Seguidamente utilizou-se o método de análise de conteúdo que se entende como sendo uma das técnicas de tratamento de dados em investigações qualitativas (Coutinho, 2018) Caracteriza-se por análise de conteúdos, uma vez que o investigador analisa e procura nas entrevistas e inquéritos regularidades e semelhanças nos discursos dos diversos inquirido de modo a chegar a uma determinada conclusão.

Bardin (2011) refere que a análise de conteúdo é composta por três fases essenciais, sendo

elas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A primeira fase, a pré-análise, é a fase de organização da investigação, onde se idealiza e se esquematiza a investigação e todos os seus procedimentos. Na segunda fase, fase de exploração do material, é escolhida a unidade de registo da investigação e a forma como os dados podem ser recolhidos, agrupados e classificados. Na terceira fase, a fase do tratamento de resultados, é preciso fazer a relação entre os dados que foram obtidos nas entrevistas e a revisão de literatura realizada anteriormente, e é isso que fará com que se chegue a conclusões sobre a investigação.

Os dados e as respostas dadas pelas entrevistadas, foram agrupadas de acordo com os objetivos definidos e por cores, numa determinada grelha (Anexo Z), de forma a facilitar a sua análise. A tabela referida anteriormente, era dividida por tópicos referentes a este estudo e as citações das entrevistadas eram colocadas nos diferentes tópicos correspondentes.

Segundo Romaneli (1998), citada por Rosa & Arnoldi (2006), o entrevistador relaciona-se com o entrevistado, através de questionamento e não fazendo qualquer tipo de julgamento e por isso, não se envolvendo emocionalmente na mesma.

A entrevistadora garantiu a todas as profissionais confidencialidade e assegurou-se que estas entrevistas eram exclusivamente para o uso desta investigação prometendo anonimato.

2.4. Análise e discussão de resultados

A análise de resultados é um dos processos fundamentais e cruciais que “exige muito cuidado com a sua interpretação, (...), tendo uma tendência bastante comum entre pesquisadores de se debruçar sobre o material empírico procurando “extrair” elementos que confirmem a suas hipóteses de trabalho e/ou os pressupostos das suas teorias de referência.” (Duarte, 2004, p. 216) e que dá resposta à questão inicialmente formulada. Como tal, depois de realizadas as entrevistas e questionário a todas as profissionais, foi possível trabalhar os resultados, analisando as suas respostas e fazendo um balanço geral do que foi proferido por todas.

Para analisar os resultados, procedeu-se à análise de conteúdo por categorias que foram definidas de acordo com os objetivos do estudo. Segundo Bardin (2011, p. 47) a análise de conteúdo designa-se por ser “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

O mesmo autor indica também que as categorias devem possuir certas qualidades, por exemplo: a pertinência ou seja estas devem estar diretamente relacionadas com os objetivos, questões estabelecidas e com a intenção do investigador. Nessa categorização deve se ter em conta também a objetividade e fidelidade, isto é, se as categorias forem bem definidas, não haverá distorções. Neste caso as categorias organizam-se em dois grandes grupos: materiais lúdicos e jogos, e foram construídas com base na estrutura da entrevista, mas também tendo em conta algumas respostas que surgiram durante as entrevistas. De seguida apresenta-se a análise realizada por categorias fazendo também uma breve comparação entre as perspetivas destes profissionais e alguns aspetos destacados na fundamentação teórica.

Começou-se por tentar “identificar a forma como a organização do espaço educativo, influencia a utilização dos materiais lúdicos e jogos pelas crianças”. (O1).

Como tal, questionou-se sobre a forma como o *Espaço Educativo* condiciona a prática das educadoras e também a forma como os materiais, jogos e brinquedos estão colocados à disposição das crianças. Todas as educadoras referiram que tinham as salas organizadas por áreas, conforme as necessidades, interesses e motivações das crianças. Por exemplo: a área da casinha, área da pintura, área da plasticina, da leitura, dos jogos, do acolhimento/tapete. Muitas vezes a organização do espaço educativo é desvalorizado e perde a importância que tem no processo educativo das crianças. O espaço educativo é um local que deve orientar a prática educativa e facilitar o processo de aprendizagem. Se o espaço for organizado vai dar

oportunidade às crianças de vivenciarem diferentes experiências, por isso o modo como se organizam “(...) materiais, móveis, e a forma como crianças e adultos ocupam esse espaço e como interagem com ele são reveladores de uma concepção pedagógica.” (Horn, 2004, p.15). Segundo Silva (2002, p.37) “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma com estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender. A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização”.

Todas as educadoras entrevistadas consideraram que o espaço deve acima de tudo oferecer bem-estar às crianças e defendem também que esta organização facilita o trabalho e a brincadeira autónoma por parte da criança. Uma das educadoras entrevistadas refere ainda, que a organização da sua sala não é estática e de acordo com os interesses e necessidades das crianças podem sempre ser criados novos espaços.

As OCEPE (2016, p.26) destacam que a organização do espaço educativo deve “expressar as intenções do/a educador/educadora e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que este/a se interrogue sobre a sua função, finalidades e utilização, de modo a planear e fundamentar as razões dessa mesma organização”.

Da mesma forma, está definido no mesmo documento, que cabe ao educador o papel de planear e refletir sobre a organização deste espaço, fazendo com que este se torne confortável, acolhedor, que transmita segurança e confiança, que promova a socialização e que essencialmente contribua para o bem-estar da criança durante a sua rotina diária.

Em relação a “Perceber as concepções dos participantes do estudo relativamente à Definição de Jogos”. (O2). os participantes do estudo consideram-no como sendo algo que provoca pensamento, em que tem de ter um determinado objetivo, ser jogado por um ou vários jogadores e ser baseado em regras, tal como também defende a diretora do Projeto educacional. Estes defendem que o jogo desenvolve múltiplas capacidades nas crianças e que se podem exprimir e relacionar com os outros e com os diferentes objetos. Consideram ainda que o jogo é aliado do lúdico e sinónimo de brincar.

Para a Educadora M. “O jogo é algo que provoca o pensamento e o conhecimento das crianças”. (Anexo U). Tal como para a profissional membro da instituição de apoio à infância que defende que os jogos “são suporte para um crescimento e desenvolvimento saudáveis das crianças.” (Anexo V).

Segundo Bandet e Sarazanas (1975) são diversas as definições dadas ao jogo e por isso torna-se complicado achar uma única definição. Sabe-se, apesar disso, que os jogos têm implicações relevantes no desenvolvimento das crianças, apesar de existirem concepções

variadas por parte de especialistas. Spencer (citado por Kishimoto, 1994) considera que o jogo é representado como uma possibilidade de reduzir o excesso de energia da criança, também Standley-Hall (citado por Kishimoto, 1994) salienta que este é um instinto que se herda.

Antunes (2003, p.60) salienta também que “o jogo é o mais eficiente meio estimulador das inteligências, permitindo que a criança realize tudo que deseja. Quando joga, passa a viver quem quer ser, organiza o que quer organizar e decide sem limitações. Pode ser grande, livre, e na aceitação das regras começa a ter seus impulsos controlados”.

Quanto a “Compreender a forma como os participantes do estudo *categorizam os jogos*”. (O3)., as respostas obtidas foram muito diferentes entre si. Todas responderam que existiam inúmeros tipos de jogos, mas a sua classificação/categorização foi diferente para todas elas. Fazendo uma generalização, estas responderam que existiam: os jogos de mesa, jogos de construções, jogos tradicionais, jogos de espaço livre, jogos de palavras, jogos matemáticos, jogos musicais, jogos de descoberta, jogos de interior, jogos de exterior, jogos de movimento, jogos de relaxamento, jogos de audição, jogos pedagógicos, jogos didáticos, jogos lúdicos, jogos simbólicos, jogos espontâneos, entre outros.

A profissional da instituição de apoio à infância confrontada com esta questão, para além de referir alguns dos tipos de jogos que conhecia, salientou um aspeto que ainda não fora destacado, sendo eles os jogos tecnológicos e a sua utilização excessiva. Esta profissional destaca que estes jogos são cada vez mais jogados por crianças em idades precoces e muitas vezes são incentivadas pelos seus pais e pelas vidas atarefadas dos mesmos.

Consoante as respostas obtidas, pode-se constatar que as perspetivas sobre os tipos de jogos existentes são bastante variadas. As profissionais apresentaram diferentes classificações de jogos sendo que a maior parte destas ficaram reticentes quando questionadas sobre isto.

Existem diversas categorizações dos tipos de jogos existentes. Destaca-se a categorização de Wallon (1995) que salienta que poderiam existir quatro categorias de jogos: Jogos funcionais, Jogos de ficção, Jogos de aquisição e Jogos de fabricação. Os Jogos de ficção têm as mesmas funcionalidades que os jogos de exercício de Piaget, os Jogos de ficção correspondem aos jogos simbólicos de Piaget; os Jogos de aquisição correspondem a quando a criança procura compreender e imitar ações, movimentos e sons; e por último os Jogos de fabricação que permitem que a criança associe ou transforme alguns objetos reais em algo imaginário. Conclui-se que a categorização do tipo de jogos depende essencialmente da perspetiva das profissionais e também da sua prática.

De acordo com “entender a importância e as potencialidades da utilização dos jogos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças e também na prática dos profissionais de

educação”. (O4). , todas as inquiridas referiram que este tem potencialidades infindáveis e que é um dos melhores materiais para trabalhar com as crianças em todas as áreas de conteúdo e desenvolvimento, incluindo as rotinas, tal como refere o membro do Projeto educacional.

Para a Educadora F., os jogos “(...) dão asas à expressão natural do brincar onde se cruzam as dimensões emocionais, físicas e cognitivas, como também a vertente criativa e imaginativa, assim como o bem estar e o prazer da criança.” (Anexo Q).

Referente à vertente educativa, a especialista do Instituto de apoio à infância e o membro do Projeto educacional não têm dúvidas de que a utilização dos jogos facilita a aquisição e promoção de conhecimento e consolida qualquer tipo de aprendizagem das crianças. O primeiro destaca ainda, que “está provado que desenvolve competências sociais e pessoais e ainda a parte cognitiva“. Por isso, defende que quanto mais vezes se recorre a jogos no ensino e aprendizagem das crianças, melhor será o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. (Anexo V).

Estando também de acordo, as educadoras mencionam que os jogos constituem uma estratégia privilegiada de interação e de aprendizagem. Estes são transversais, uma vez que favorecem diversas aprendizagens em todas as áreas sem qualquer exceção, tudo depende do que se pretende desenvolver e despertar na criança. Destacam também que os jogos são um material facilitador para o trabalho de todas as educadoras.

Na vertente lúdica, a entrevistada do instituto de apoio à infância, destaca a liberdade de escolha da criança e reforça que só assim a potencialidade do jogo poderá ser alcançada. As educadoras preferem valorizar as interações, a socialização, o divertimento, a imaginação, o cumprimento de regras, a cooperação, a fruição, os sentimentos e os comportamentos.

Ainda nesta vertente, o Projeto educacional defende que “o jogo suporta e promove o coletivo e que estrutura os desafios individuais da criança. ”

São inúmeras as potencialidades do jogo proferidas por diversos autores e muitos deles afirmam ser um dos materiais lúdicos mais completo, que se utiliza muitas vezes como estratégia para desenvolver e promover as aprendizagens das crianças. Vygotsky e Leontiev (1998, p.23) defendem que “O jogo permite à criança criar, imaginar, fazer de conta e permite experimentar, medir, utilizar, equivocar e fundamentalmente aprender”.

Resumidamente, perante os resultados da investigação sobre as potencialidades do jogo afirma-se que tanto as educadoras como as restantes profissionais destacam que este tem uma presença fundamental na educação pré-escolar e faz com que as crianças cresçam em todas as áreas de desenvolvimento: social, emocional, cognitivo e físico.

As educadoras e restantes profissionais consideram que o jogo é muito importante, quer na vertente lúdica, quer na vertente educativa, visto que a sua utilização oferece mais valias para as aprendizagens das crianças. Isto vai ao encontro de alguns teóricos que afirmam que

qualquer tipo de atividades, lúdicas ou educativas, realizadas com jogos são “um momento preciso para que o educador possa manter uma atividade de escuta e de observação das características motoras, simbólicas, afectivas e relacionais das crianças”. (Neto, 1995, p. 69).

Quanto a “Saber com que frequência e em que sentido recorrem aos jogos na sua prática”. (O5), destaca-se que todas as educadoras utilizam-nos com muita frequência, de forma diária e em todas as áreas. Adaptam jogos a momentos e a situações que vivenciam no dia a dia com o seu grupo, gerindo também as necessidades do grupo ou de cada criança individualmente.

Essa recorrente utilização, é defendida e destacada pela Educadora B., uma vez que “ é a forma intrínseca e natural das crianças aprenderem. É fundamental tornar a aprendizagem lúdica, para que as crianças gostem de aprender e por isso cabe-nos a nós educadoras, fazê-lo” (Anexo T).

O membro do Instituto de apoio à infância destaca que a utilização dos jogos deveria ser feita em todas as áreas ao longo da vida da criança, tanto nos contextos formais, nas diversas aprendizagens, em contextos terapêutico, etc mas também nos contextos não formais, nos tempos livres, em família, etc.

Relativamente à perspetiva da diretora do Projeto educacional esta defende que a utilização dos jogos “é uma forma de criar pontes com a realidade da criança, potenciando a vivência significativa e a atribuição de sentidos e significados às experiências.”(Anexo X)

Na generalidade todas as profissionais questionadas, recorrem diariamente a jogos como recurso à sua prática. Todas elas destacam que a utilização e implementação de jogos é fundamental para o crescimento e aprendizagem das crianças e cabe a estas profissionais recorrer, de forma pensada e ponderada, a jogos que despertem na criança diversos sentimentos e que desenvolvam nela muitas aprendizagens. Para isso, Neto (1998, p.167) considera que os educadores “(...) deveriam obter uma formação inicial, contínua e pós-graduada mais consistente e adequada sobre os fundamentos pedagógicos e científicos do jogo no desenvolvimento da criança” uma vez que estes se tratam dos recursos mais utilizados e com uma influência positiva no desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

As educadoras no geral recorrem a todos os tipos de jogos mas destacam alguns com que gostam mais de trabalhar, como por exemplo: A educadora T. gosta de observar as suas crianças nos jogos simbólicos, uma vez que o grupo pratica facilmente sem que a educadora o proponha.

A Educadora B., prefere utilizar os jogos cooperativos de movimento, como forma de melhorar um aspeto do grupo, ou seja, aprenderem a estar em grupo sem confusões. Esta educadora recorre também a jogos didáticos como auxiliar das aprendizagens e jogos de imitação para trabalhar as emoções. No que se refere aos jogos matemáticos, tal como a

Educadora M., esta utiliza com mais regularidade, os dominós, o cuisenair e os puzzles. Quanto aos jogos a que recorrem mais na sua prática, conclui-se que as profissionais os utilizam conforme a intencionalidade que querem dar, consoante o grupo, aspetos a melhorar e os conteúdos a trabalhar. Contudo, percebeu-se que na maioria, os jogos surgem diariamente nas suas salas de forma espontânea, mas também de forma orientada.

Tentando agora “Constatar se existem preferências por género, na utilização dos jogos” (O6), as respostas das profissionais de educação foram consensuais pois todas responderam que atualmente já não se revê essa distinção. Contudo, a maioria também afirma que, com os grupos com que estão, os jogos de bola e de destreza física continuam a ser mais jogados pelas crianças do género masculino enquanto que as crianças do género feminino optam pelos jogos simbólicos ou de faz de conta.

A Educadora I. salienta ainda que “quanto a jogos propostos pelo educador não há diferenças nenhuma. Os jogos não têm género.” Cabe aos educadores não favorecer essa distinção e fazer com que todos os jogos sejam jogados tanto por meninas ou por meninos sem que haja género pré definido (Anexo S).

Verifica-se, pelas respostas dadas que já não é muito visível a distinção entre os jogos mais jogados pelas crianças do género masculino e também feminino. Atualmente, não se torna relevante o género da criança ao jogar determinado jogo e a educadora tem um papel fundamental nisso, visto que deve promover essa igualdade para que as crianças se sintam confortáveis a realizar qualquer tipo de jogo, sem que exista um género de preconceito sobre ela. Sayão (2004) citado por Bísaro (2009) defende que permitir ou não que um menino jogue ao jogo das princesas ou que uma menina jogue à bola, não é definidor do seu género e o educador tem um papel relevante nesse aspeto, uma vez que permitir a uma criança jogar e gostar de qualquer tipo de jogo vai reduzir drasticamente os prejuízos que os preconceitos têm relativamente ao género e minimizar o impacto que estes têm nas atitudes da criança.

Para “Perceber as conceções dos participantes do estudo relativamente à definição de materiais lúdicos”. (O7), questionaram-se as inquiridas e as repostas foram múltiplas, sendo que as educadoras definem-nos como sendo todos os materiais e objetos com que a criança possa brincar. A Educadora B. refere que as crianças “podem utilizar uma caixa de papelão como um barco ou até mesmo como uma casinha, tudo parte da imaginação das crianças” (AnexoT).

Na perspetiva das educadoras os materiais lúdicos são cruciais para a boa ação educativa e pode ser tudo com que a criança brinca, mas para as profissionais do Instituto de apoio à criança e do Projeto educacional sendo qualquer material que a pessoa dê uma

intencionalidade lúdica, que promova a criatividade, a iniciativa e a aprendizagem, dando destaque não só brinquedos como também alguns elementos naturais.

A partir da pesquisa realizada, pode afirmar-se que os materiais lúdicos são objetos, brinquedos ou qualquer outro tipo de materiais que servem como recurso/auxílio na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. São considerados pelas profissionais como recursos fundamentais para a sua prática uma vez que trabalham aspetos relevantes na criança. Oliveira e Silva (2007, p. 102) defendem que os brinquedos/materiais lúdicos são os suportes das brincadeiras, onde as crianças “se libertam, possibilitam o uso da imaginação, a confiança, o autocontrole, a cooperação, oferecendo estabilidade emocional, e hoje em dia a infância é um assunto bastante discutido entre os profissionais da educação “que reconhecem o papel do brinquedo no desenvolvimento e na construção do conhecimento infantil”.

Em relação a “Entender qual a importância e as potencialidades da utilização dos materiais lúdicos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças e também na prática dos profissionais de educação”. (O8), destaca-se que todas as educadoras concordam com o facto de serem materiais que estimulam, entusiasma e divertem as crianças. Como salienta a Educadora B. “A exploração livre destes materiais torna as crianças mais autónomas mais criativas, mais entusiasmadas, mais expressivas e também mais divertidas e felizes.” Referem ainda que estes materiais são de fácil adaptação às diferentes necessidades, ajudam a criança no seu processo de desenvolvimento, enriquecem muito todos os momentos educativos e dão para trabalhar muitos temas mais “sérios e complicados”, tal como defende a Educadora T. (Anexo R)

Da mesma forma, o membro do Instituto de apoio à criança, diz que os materiais lúdicos são fundamentais visto que potenciam aprendizagens e o desenvolvimento global da criança. Refere que estes são uma boa ferramenta para trabalhar algumas questões da socialização da criança. Dando o exemplo de que a utilização dos materiais lúdicos pode ajudar uma pessoa na sua adaptação social. A diretora do Projeto educacional defende positivamente a implicação que os materiais têm no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e afirma que “todas as variáveis condicionam a experiência”.(Anexo X) Todas as profissionais consideram a utilização de materiais lúdicos importante para a criança. E referem que estes estão repletos de potencialidades no que se refere ao ensino pré-escolar.

Bradley e Elardo (1985; 1975, citados por Goldsteins, 1994) verificaram através do seu estudo que crianças com acesso a uma variedade extensa de materiais lúdicos atingem níveis mais altos de realização intelectual, independentemente da sua classe social, género ou raça.

Relativamente a “Perceber, de acordo com os participantes do estudo, quais as

vantagens e desvantagens da utilização dos materiais lúdicos“. (O9), estes foram bastante concisos e responderam de forma direta, sendo que a representante do Projeto educacional afirma que “podem ser uma desvantagem quando condicionam de forma permanente ou exagerada o brincar da criança e quando limitam a sua iniciativa e criatividade” (Anexo X). Por outro lado, o membro do Instituto de apoio à infância defende que a maior desvantagem é mesmo os poucos institutos que dão formação a estudantes e profissionais da educação nesse campo.

Na perspectiva das educadoras a maioria concorda que não existem quaisquer desvantagens, contudo duas delas acham que, muitas vezes, a utilização destes materiais deveria de ter regras menos rígidas e também o facto de em muitos casos não existir variedade e disponibilidade desses materiais, por exemplo, disponibilizar às crianças apenas “armas de plástico, ou só bonecas, ou só carros” na perspectiva destas educadoras não é de todo vantajoso.

Tal como na utilização de jogos, uma das desvantagens também proferidas pelas profissionais foi o facto de não existirem muitas formações relacionadas com a utilização dos materiais lúdicos e a forma como as educadoras os devem inserir e aplicar na sua prática educativa. O elemento do instituto de apoio à infância destacou ainda que este é um dos objetivos principais do seu instituto, tentar formar os educadores de modo a que se sintam mais completos em relação ao lúdico. Porém, a maioria referiu que não existiam qualquer tipo de limitações/desvantagens nessa utilização e referiram inúmeras vantagens, sendo que o que mais destacam é que estes materiais “são o alicerce da prática educativa” (Anexo U)

Quanto a “Compreender a forma como estes profissionais categorizam os materiais lúdicos, na sua perspectiva”. (O10), as respostas de todas as profissionais foram diversas e distintas. A educadora F. apresenta as seguintes categorias: “materiais manipuláveis (como bolas, cartas, legos, corda, elástico, pião, berlinde, blocos, arcos, etc.), os materiais de recreio (escorrega, baloiço,...) para não falar de todos aqueles objetos que para nós não têm muita importância mas que as crianças dão muita importância e que gostam de os manipular, como por exemplo (as caixas de papelão, as tampas dos iogurtes e das garrafas, entre outros)”.

Em contra partida as educadoras I., M. e T. separam os materiais lúdicos por área de conteúdo por exemplo: a Linguagem, a Matemática, as Expressões, etc.

A educadora T. considera ainda que também se poderiam dividir em materiais lúdicos do exterior e do interior, mas que tudo depende da educadora e da sua prática.

Com outra classificação, a educadora B. especifica, e salienta que se poderiam dividir da seguinte forma: “as bonecas, as roupas, os materiais de pintura, os legos, os carros e por aí fora ”.

A representante do Projeto educacional dividia “eventualmente por materialidade (madeiras, metais etc.) ou então por materiais estruturados e não estruturados (do cotidiano, por exemplo)”. (Anexo X).

De forma diferente, o membro do Instituto de apoio à infância, fazia a categorização de maneira a fazer a distinção entre os materiais lúdicos fabricados dos materiais lúdicos naturais.

Foram diversas as formas de categorização dos materiais lúdicos, cada profissional fez essa classificação com base nas suas ideias e na sua prática. Muitas referiram que este fora um assunto nunca antes pensado e que era uma pergunta bastante subjetiva, na medida em que cada pessoa tem a sua própria ideia.

Destaca-se que nenhuma das profissionais conhecia o sistema de classificação de materiais lúdicos ESAR e como tal torna-se difícil fazer uma comparação entre as categorias do sistema com as apresentadas pelas diferentes entrevistadas. Porém enquanto que no sistema ESAR, os materiais lúdicos são classificados pela autora (Garon, 2002) em: exercício, simbólicos, acoplamento e de regras, as participantes do estudo fizeram a categorização por tipos de materiais.

Respondendo ao objetivo “Saber com que frequência e em que sentido recorrem aos materiais lúdicos na sua prática”. (O11), as educadoras responderam que recorrem aos mesmo diariamente e de formas muito variadas. A educadora M. refere que “todos os dias recorro a materiais lúdicos: pedras que contam histórias, arroz e folhas de hera que promovem a socialização, o faz de conta, caixas de papelão que desafiam a imaginação, frutos da época que se transformam em jogo de matemática, lenços de seda que provocam sensações, lanternas que fazem nascer sombras...” (Anexo U). A educadora I. faz essa utilização também com bastante frequência e os materiais a que recorre mais são livros que lhes permitam contar histórias e trabalhar alguns temas essenciais.

Tanto a Educadora T. como a B. recorrem com muito frequência ao uso de materiais lúdicos e defendem ainda que os materiais devem estar sempre à disposição das crianças para que estas os possam explorar livremente.

O elemento do Instituto refere que “todas as suas ações desenvolvidas com crianças e também com adultos partem da exploração livre de brinquedos e de outros materiais lúdicos como forma de passagem dos conteúdos previstos nessa determinada ação”. (Anexo V)

Quanto ao Projeto educacional, a representante do mesmo, afirma que apenas utilizam materiais de fim aberto e alguns de suporte (ex.: mesas de luz e retroprojetores) pois defendem questão estes os que permitem a exploração mais livre, autêntica, autónoma e singular.

Sabe-se que os materiais lúdicos estão diretamente relacionados com os brinquedos, sendo

que devem ser analisados, avaliados antes de serem disponibilizados e é importante refletir sobre o que se deve facultar, quais os seus pontos fortes e também as suas limitações (Garon, 1998) como tal estas profissionais têm um papel fundamental para que a exploração e utilização desses materiais seja feita de forma livre mas também segura.

Salienta-se o facto de as entrevistadas considerarem que os materiais lúdicos devem estar permanentemente à disposição das crianças para que estas os possam explorar, sendo que os materiais que mais gostam de utilizar são os objetos do quotidiano, uma vez que desenvolve a criatividade, imaginação, autonomia das crianças, mas depende também dos conteúdos a trabalhar. De acordo com as OCEPE (2016) a escolha de materiais deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético.

De acordo com o objetivo “Constatar se existem preferências por género, na utilização materiais lúdicos”. (O12), e tal como na questão dos jogos por género, as educadoras voltaram a afirmar que essa distinção já não é visível e que as preferências já não dependem do género. Porém as Educadoras I. e B. nos grupos de crianças com que se encontram neste momento conseguem fazer essa distinção afirmando respetivamente que “ os meninos preferem as construções e os carros, as meninas preferem os desenhos e as pinturas”. E também que “as meninas gostam muito dos materiais da casinha, das roupas, louças, sapatos e adereços e os meninos gostam mais dos materiais das construções da oficina, dos legos e também da plasticina”.

Esta foi uma questão propositadamente criada com o intuito de perceber a medida em que possam ainda existir diferenças de género no que se refere a preferências no uso de materiais lúdicos. Segundo as respostas dadas pelas profissionais, a maioria defende que não existe diferença e que as crianças já não se importam com esses aspetos, sendo que crianças do género masculino e feminino recorrem exatamente aos mesmos materiais. Porém, no estudo de Fabes, Martin & Hanish (2003) é defendido que o género da criança é um fator importante na escolha das preferências dos materiais lúdicos. Destacam que as crianças do género feminino tendem a recorrer a materiais e a brincar mais em grupo, o seu brincar é mais social e cooperativo que o das crianças do género masculino. Sayão (2003, p.78) afirma que o que é visível hoje em dia é que nas “brincadeiras que inventaram, os meninos e meninas demonstram que os papéis de género vão sendo delineados muito cedo, embora na infância seja bastante possível transgredi-los.

Duas das educadoras acabaram ainda por fazer distinção, uma vez que com os grupos com que estão atualmente essa distinção é bastante visível. Cabe ao educador promover a igualdade de género e fazer com que todas as crianças façam e brinquem com o que mais

gostem sem que tenham receio ou medo do que as outras pessoas possam pensar.

Cardona, Nogueira, Vieira, Uva & Tavares (2010, p.25) referem, ainda: “no que concerne às aprendizagens associadas ao género sabe-se que, logo a partir dos três anos, a criança é capaz de identificar certos materiais, brinquedos, objetos e acessórios como sendo mais típicos dos homens ou das mulheres”.

Em relação ao último objetivo, “Entender qual o papel de educadores e restantes profissionais na utilização destes materiais no dia-a-dia das crianças em idade pré-escolar” (O13), tudo o que foi referido anteriormente responde a este mesmo objetivo, referindo-se ainda que as opiniões de todos os profissionais são bastante semelhantes. Percebe-se que o papel destes profissionais na utilização de materiais lúdicos é fundamental durante a fase do pré-escolar, em que as crianças necessitam de toda a atenção e auxílio para aprenderem e se desenvolverem de forma saudável.

Conclusão

A conceção do presente relatório foi muito importante para o desenvolvimento e para a construção do meu saber profissional. Permitiu refletir, não só sobre a prática de ensino supervisionada realizada ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar de forma a adquirir e consolidar aprendizagens e conhecimentos sobre os contextos de creche e jardim de infância, como também em relação ao tema de investigação.

Todos os estágios realizados foram fundamentais para a formação enquanto futura profissional de educação, sendo que contactámos com diversas instituições, com muitos métodos de trabalho, com inúmeras metodologias, estratégias diferentes e com bastantes pessoas. Através destes foi possível vivenciar momentos diversificados e que muitas vezes contribuíram para que fosse feita uma autoavaliação e diagnóstico sobre algumas das limitações, potencialidades, competências, aspetos a melhorar, aspetos a manter, entre outros. Estas práticas fazem com que se cresça não só profissionalmente como também pessoalmente, pois consegue-se colocar em prática tudo aquilo que se aprendeu não só no mestrado, como em toda a licenciatura.

Leva-se deste relatório a excelente oportunidade de se ter pesquisado e investigado sobre um tema interessante, desafiador e pelo qual se sente alguma curiosidade. Os materiais lúdicos/jogos são temas muito trabalhados e abordados na educação pré-escolar, porém de acordo com as afirmações evidenciadas na análise dos dados, e para além dos dados obtidos através das conceções dos participantes do estudo e também da revisão de literatura realizada, comprova-se que as opiniões e conhecimentos destas profissionais sobre estes temas, são inseguros e pouco pensados. Em diversas questões realizadas durante as entrevistas e inquéritos, os participantes respondiam que “nunca tinham pensado nisto” o que faz com que se reflita sobre a importância de workshops e formações relacionadas com os mesmos, de modo a deixar estes profissionais mais seguros de si e da sua prática recorrendo a esses materiais e com conhecimentos suficientes sobre eles.

A parte da fundamentação teórica deste relatório, ajudou a perceber e a entender algumas dúvidas que surgiram no início da investigação e que foram respondidas à medida que esta evoluía. Uma das dúvidas era compreender o que é que estes profissionais consideram materiais lúdicos e por isso começou a ter-se uma maior noção sobre o que são materiais lúdicos, sendo que se constatou que significa o mesmo que brinquedos, e se percebeu que em investigações não se profere materiais lúdicos mas sim brinquedos, o que tornou a pesquisa um tanto complicada.

Através desta investigação compreendeu-se mais sobre os diferentes tipos de materiais lúdicos e jogos, sendo que se conseguiu comparar as respostas dadas pelas profissionais entrevistadas e questionadas com as informações encontradas na revisão de literatura. Estas

informações são relevantes para mais tarde perceber que tipos de materiais e jogos existem e em que medida condicionam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças em idade pré escolar.

Importa também referir que apesar do estudo ser na generalidade positivo, apresenta alguns pontos menos positivos, como é o caso de existir pouca literatura sobre o tema “materiais lúdicos” e também sobre a classificação dos mesmos, pois assim não se conseguiu realizar uma boa comparação entre o que as participantes do estudo pensam e o que os profissionais especializados defendem. E por isso a falta de estudos e pesquisas sobre este tema tornou esta pesquisa desafiadora na medida em que condicionou os resultados esperados.

Acaba-se este relatório com um sentimento de conquista, entusiasmo, orgulho e gratidão, pelo facto de se ter conseguido acabar este relatório, sendo este o final de uma etapa importantíssima na vida pessoal e profissional.

Depois deste relatório resta continuar a trabalhar para que se seja uma excelente educadora, ensinando e ajudando a crescer todas as crianças que passarão por nós, de forma a ficarmos contentes e com um sentimento de dever cumprido cada vez que as vemos felizes.

Referências Bibliográficas

- Antunes, C. (2003). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Vozes.
- Bandet, J., Sarazanas, R. (1975). *A criança e os brinquedos*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo. Edições 70.
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Biasoli-Alves, M. (1998). *A pesquisa em psicologia- análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico*. In *Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa.
- Bilton, H., Bento, G. E Dias G. (2017). *Brincar ao ar livre*. Porto: Porto editora.
- Bíscaro, C. R. R. (2009). *A construção das identidades de género na Educação Infantil*. Universidade Católica Dom Bosco. Campo Grande- Dissertação de Mestrado.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora.
- Brock, A., Dodds, S., Jarvis, P. & Olusoga, Y. (2011). *Brincar: aprendizagem para a vida*. Porto Alegre: Editora Penso.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *Teoria ecológica do desenvolvimento humano: experiências naturais e planeadas*. Porto Alegre.
- Cardona, M.J, Nogueira, C., Uva, M. & Tavares, T.C. (2010). *Guião de Educação: Género e Cidadania – Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Cervo, A., Bervian, P., Silva, R. (2007). *“Metodologia científica”*. Pearson Prentice Hall: São Paulo.
- Cordeiro, M. (2012). *O livro da criança do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Correia, L. M.(2001). *“Educação inclusiva ou educação apropriada?”*. In David Rodrigues (2001). *Educação e diferenças: valores e práticas para uma educação inclusiva*. Porto:Porto editora.
- Coutinho, C. (2018). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas*. Coimbra: Almedina.
- Dias, M. I. C. (1994). *“ O inquérito por questionário: Problemas teóricos e metodológicos gerais”*. Porto:Faculdade de Letras do Porto.
- Duarte, R. (2004). *Entrevistas em pesquisas qualitativas*. Curitiba: Editora UFPR.
- ECSA. (2009). *Perfil de Segurança Infantil*. Portugal.

- Fabes, R.A., Martin, C.L., Hanish, L.D (2003). *Young children's play qualities in same, other, and mixed sex peer groups*. Department of Family and Human Development, Arizona State University.
- Flick, U. (2009). *Desenho da pesquisa qualitativa*. Porto Alegre. Artmed.
- Formosinho, J. O. (1998). *A contextualização do modelo curricular high-scope no âmbito do projecto infância*. In J. O. Formosinho (Ed.), *Modelos curriculares para a educação de infância* (pp. 51-92). (2ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Garon, D.(2002). *Le Système ESAR: Guide d'analyse, de classification et d'organisation d'une collection de jeux et des jouets*. Édition du Cercle de la Librairie: Les Édition Asted.
- Goldstein, J. H. (1994). *Toys, play and child development*. Cambridge: University Press.
- Gomes, M. H. (2014). "Os modelos pedagógicos Highscope e do movimento da escola moderna :Propostas de pedogogia diferenciada". Porto: Edições Ecopy.
- Horn, M. G. S.(2004). *Sabores, cores, sons, aromas: A organização dos espaços na Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.
- Huizinga, J. (2007). *Homo ludens: O jogo como elemento de cultura*. Lisboa: Editora Perspetiva.
- Jares, X. R. (2007). *Técnicas e jogos cooperativos para todas as idades*. Porto: ASA editores SA.
- Júnior, A. ; Júnior, N. (2011). *A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos*. Revista Evidência.
- Kishimoto, T. M. (1994). *O jogo e a educação infantil*. São Paulo: Edição Pioneira.
- L'Ecuyer, C. (2017). "Educar na curiosidade: como educar num mundo frenético e hiperexigente?" Lisboa: Editora Planeta.
- Ministério da Educação (2016). *Orientações curriculares para a educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mota, P. (2009). *Jogos no ensino da matemática*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- Negrine, A. (1994). *Aprendizagem e desenvolvimento infantil*. Porto Alegre: Propil.
- Neto, C. (1995). *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Editora Sprint, Lda.
- Neto, C. (1997). *Jogo e desenvolvimento da criança*. Lisboa: Serviço edições Faculdade Motricidade Humana.
- Neto, C. (1998). *O desenvolvimento da criança e a perspectiva ecológica do jogo*. Santa Maria: SIEC.

- Oliveira, Z. (2002). *“Educação infantil: fundamentos e métodos”* São Paulo: Cortez Editora.
- Pardal, L. ; Lopes, E. (2011). *“Métodos e técnicas da investigação social”*. Porto: Arial.
- Pessanha, A. M. A. (2001). *Actividade Lúdica Associada à Literacia*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: das relações, actividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. Brochuras Finalidades e Práticas Educativas em Creche. Porto: CNIS Portugal.
- Prudêncio, M. (2016). *Na creche também educa: um outro olhar na relação educador-bebé*. Tese doutoramento em ciências da educação. Universidade de Évora.
- Ribeiro, S. S. (2013). *A Importância do Lúdico no Processo de Ensino-Aprendizagem no Desenvolvimento da Infância*. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia> Consultado em setembro de 2019.
- Rideout, V., Foehr, U. & Roberts, D. (2010). *Generation m2: Media in the lives of 8- to 18-year-olds*. Disponível em: <http://kff.org/other/pollfinding/report-generation-m2-media-in-the-lives/>. Consultado em dezembro de 2019.
- Rosa, M e Arnoldi, M. (2006). *Entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos p/validação dos resultados*. 1ª edição editora: Autêntica.
- Rowan, C. (2013). *The impact of technology on the developing child*. Disponível em: <http://www.huffingtonpost.com/cris-rowan/technologychildrennegativeimpactb3343245.html>. Consultado em agosto de 2019.
- Sacchetto, K. K., Madaschi, V., Barbosa, G. H. L., Silva, P. L., Silva, R. C. T., Filipe, B. T. C., Santos, L. (2004). *Creche e Pré-escola: Uma abordagem de saúde*.
- Santos, S. M. P. (2002). *O lúdico na formação do educador*. Editora Vozes.
- Santos, J. (2007). *Ensinar-me a ler o mundo à minha volta*. Lisboa: Editora Assírio e Alvim.
- Silva, J. R. S. (2011). *O Ambiente lúdico como fator motivacional na aprendizagem escolar*. Universidade Presbiteriana Mackenzie CCBS – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento. Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento.
- Sarmiento, T., Ferreira, F., Madeira, R., Silva, A., Silva, M., Rocha, M., Azevedo, S., Gomes, L., Migueis, M., Abrantes, N. & Moreira, S. (2017). *Brincar e Aprender na Infância*. Lisboa: Porto Editora.
- Sousa, A. B. (2005). *Investigação em educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011). *Como fazer investigações, dissertações, teses e relatórios*. Lisboa: Pactor-Edições de Ciências Sociais e Política Contemporânea.
- Teixeira, C. E. J.(1995). *A ludicidade na escola*. São Paulo: Editora Loyola.

Triviños, A. N. S., (1987). Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo. Editora Atlas.

Wajskop, G..(1995). *Brincar na Pré-Escola*. São Paulo: Editora Cortez.

Wallon, H. (1981). *A Evolução Psicológica da Criança*. Lisboa: Edição 70.

Legislação:

Decreto-Lei nº 241/01, de 30 de Agosto, nos termos do nº 2 do Artigo 30º da Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 46/86, de 14 de Outubro).

Lei-Quadro da educação Pré-Escolar, Lei nº 5/97 (Ministério da Educação, p.15).

Parte V- Anexos

Anexo A: Exemplo de tabela de implicação e bem-estar

| Crianças | Nível geral de bem-estar | | | Nível geral de implicação | | | Implica-se muito em... | Não se implica em... | Comentários |
|----------|--------------------------|-------|------|---------------------------|-------|------|--|------------------------|---|
| | Baixo | Médio | Alto | Baixo | Médio | Alto | | | |
| A | | | x | | | x | Explorar. | | Procura explorar tudo em seu redor. Não sente receio do desconhecido, nem de cair. |
| B | | | x | | x | | Tentar andar. | | Ainda não fala e não adquiriu a marcha. Está sempre sorridente e bem-disposta. |
| C | | | x | | | x | Expressão plástica e atividades de exploração. | | Gosta muito de ajudar nas nossas atividades. Gosta de fazer recados. |
| D | | | x | | | x | Brincar com bonecos na área da casinha. | | Gosta de participar em todas as atividades. Gosta muito da atenção do adulto e que brinquem com ela. |
| E | | x | | | | x | Expressão plástica. Atividades novas. | | Muito teimosa, faz muitas birras. Gosta muito de atividades novas. |
| F | | | x | | x | | Brincar. | | É capaz de dizer pequenas palavras e está muito integrado. |
| G | | x | | | | x | Brincar. | Brincadeiras de grupo. | Os colegas não lhe podem tocar que começa logo a chorar. Diz que é tudo "meu". |
| H | | | x | | | x | Dançar e cantar | Novas experiências. | Gosta muito de fazer recados. Gosta de dançar e cantar. |
| I | | x | | | x | | Brincar e explorar. | Comer. | Precisa de muito carinho e atenção. Tem muitas dificuldades em alimentar-se. Rejeita quase sempre a comida. |

Anexo B: Planificação da atividade “A Massa Colorida”

| Dia /Horário | Momento | Domínios | Objetivos | Estratégias/Desenvolvimento da atividade | Materiais | Avaliação |
|---------------------|---|---|---|--|--|--|
| 10h00–11h00 | Atividade de exploração – “ Massa colorida ” | Expressão plástica; Formação Pessoal e Social; | <p>Desenvolver a motricidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realizar movimentos controlados com as mãos; - Desenvolver o sentido tátil explorando a massa. <p>Promover a criatividade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Contatar e conhecer novos materiais e sabores; - Promover a criatividade; - Realizar diferentes formas com a massa. <p>Promover a concentração;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Saber estar atento às instruções e à realização da atividade. <p>Desenvolver a autonomia;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Realizar a atividade com a menor ajuda possível: fazer as formas que pretenderem. | <p>A atividade foi preparada pela estagiária, ou seja, a junção de todos os ingredientes da massa foi feita pela estagiária, apesar de não ser esse o objetivo inicial. Inicialmente o objetivo era realizar a massa juntamente com o grupo, porém a educadora deu-nos o conselho de a prepararmos previamente e foi isso que fizemos.</p> <p>Seguidamente a massa foi colocada á disposição do grupo e cada criança manipulou a massa ao seu gosto fazendo diversos movimentos e formas com a mesma.</p> <p>A atividade não tem tempo de duração estipulado e por isso as crianças podem manipula-la à vontade.</p> <p>Uma vez que o grupo nunca realizou esta atividade, se estiverem empenhados e entusiasmados com a mesma, a massa é dividida por todas as crianças e colocada em sacos para que a possam levar para casa para a pudrem explorar e brincar.</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Farinha; - Água; - Canela; -Corante alimentar; - Recipiente de plástico; - Sacos de plástico. | <p>Observação direta;</p> <p>Grelha de observação;</p> <p>Registo fotográfico.</p> |

Anexo C – Tabela de avaliação do nível de envolvimento na atividade “Massa colorida”

| Objetivos | Crianças | | Não observado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Observações | |
|--------------------------------------|----------|---|---------------|---|---|---|---|----------------------|---|--|
| 1 – Promover a atenção e compreensão | A | 1 | | | | | | x | Criança de pouca idade Muito empenhado na atividade. Parte a massa em pedaços muito pequenos | |
| | | 2 | | | | | | x | | |
| | | 3 | | | | | x | | | |
| | | 4 | | | | | | x | | |
| | B | 1 | x | | | | | | Não esteve presente. | |
| | C | 1 | | | | | | | x | Demonstra muito interesse por atividades novas e de exploração. Completava as construções feitas pela estagiária e pela auxiliar. |
| | | 2 | | | | | | | x | |
| | | 3 | | | | | | | x | |
| | | 4 | | | | | | | x | |
| | D | 1 | | | | | | | x | Demonstra muito interesse por atividades novas e de exploração. |
| | | 2 | | | | | | | x | |
| | | 3 | | | | | | | x | |
| 4 | | | | | | | | x | | |
| 2 -Desenvolver a motricidade | E | 1 | | | | | | x | Demonstra muito interesse por estas atividades. | |
| | | 2 | | | | | | x | | |
| | | 3 | | | | | x | | | |
| | | 4 | | | | | | x | | |
| 3- Promover a criatividade | F | 1 | | | | | x | | Criança de pouca idade. Interessado e empenhado em partir a massa em pedaços muito pequenos. | |
| | | 2 | | | | | x | | | |
| | | 3 | | | | x | | | | |
| | | 4 | | | x | | | | | |
| G | 1 | | | | | | x | | Demonstra interesse por atividades de expressão plástica, não respeita o espaço dos colegas do lado. | |
| | 2 | | | | | | | x | | |
| | 3 | | | | | | x | | | |
| | 4 | | | | | | x | | | |
| 4- Desenvolver a autonomia | H | 1 | | | | | | x | No início apresentou-se receoso por ser um material que desconhecia, mas mais tarde gostou muito da atividade e não quis deixar de a fazer. | |
| | | 2 | | | | | | x | | |
| | | 3 | | | | | | x | | |
| | | 4 | | | | | | x | | |
| I | 1 | x | | | | | | Não esteve presente. | | |
| J | 1 | | | | | | | x | Criança fala pouquíssimo. Não transmite muito entusiasmo por estas atividades. Dispersa-se com muita facilidade. | |
| | 2 | | | | | | | x | | |
| | 3 | | | | | x | | | | |

| | | | | | | | | |
|--|---|---|--|--|--|---|---|---|
| | | 4 | | | | x | | |
| | L | 1 | | | | | x | Fica muito empenhada e contente com estas atividades. |
| | | 2 | | | | | X | |
| | | 3 | | | | | X | |
| | | 4 | | | | | X | |

Anexo D - Planificação da atividade “O Boneco de neve”

| Dia /Horário | Momento | Domínios | Objetivos | Estratégias/Desenvolvimento da atividade | Materiais | Avaliação |
|--------------|--|--|--|--|---|--|
| 10h00–11h00 | Atividade orientada – “O boneco de neve” | Expressão Plástica Formação Pessoal e Social; Expressão motora | <p>Experienciar diferentes sensações;</p> <p>- Sentir e diferenciar a textura do algodão e da esferovite;</p> <p>Promover a autonomia:</p> <p>- Desenvolver a autonomia da criança fazendo a atividade</p> <p>Promover a atenção;</p> <p>-Saber estar atento às instruções e à realização da atividade.</p> <p>Desenvolver a motricidade:</p> <p>- Realizar movimentos controlados com as mãos e dedos agarrando e colocando o algodão e esferovite no saco;</p> | <p>A atividade será orientada pela estagiária;</p> <ul style="list-style-type: none"> • O tema inverno foi introduzido pela educadora fazendo alusão ao boneco de neve. Por isso pretendemos desenvolver com as crianças bonecos de neve a partir de sacos de plástico. • Primeiramente as crianças fazem a boca do boneco de neve com os dedos com tinta preta no saco de plástico. • Depois de seca a tinta, são colados os olhos e nariz de cenoura feitos de cartolina. • Posteriormente as crianças escolhem com o que querem encher o saco ou com algodão ou com esferovite e cada criança o enche autonomamente. • Depois de cheio, é colado no boneco de neve um chapéu escolhido pelas crianças. • Mais tarde, os bonecos de neve são presos aos candeeiros e é escrita no chapéu a frase “o boneco de neve da(o) x”. | <p>- Sacos de plástico;</p> <p>- Tinta preta;</p> <p>- Cartolinas de várias cores</p> <p>- Tesoura;</p> <p>- Cola;</p> <p>- Bolinhas de esferovite;</p> <p>- Algodão.</p> | <p>Observação direta;</p> <p>Grelha de observação;</p> <p>Registo fotográfico.</p> |

Anexo E – Tabela de avaliação do nível de envolvimento na atividade “O Boneco de neve”

| Objetivos | Crianças | | Não observado | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | Observações | |
|--------------------------------------|----------|---|---------------|---|---|---|---|---|---|---|
| 1 – Promover a atenção e compreensão | A | 1 | | | | | X | | Criança de pouca idade Muito empenhado na atividade. Escolheu o algodão apesar de ter tocado e experimentado em ambos os materiais. A sua escolha foi bastante rápida e decidida. | |
| | | 2 | | | | | X | | | |
| | | 3 | | | | | | x | | |
| | | 4 | | | | | | x | | |
| | B | 1 | x | | | | | | Não esteve presente. | |
| | C | 1 | | | | | | | x | Demonstra muito interesse por atividades novas, tanto de expressão plástica como de exploração. Estava muito atenta ao que estava a fazer e como reparou que a esferovite lhe iria dar mais trabalho optou sem hesitar pelo mesmo. Ao longo da atividade esteve sempre a ajudar os colegas. |
| | | 2 | | | | | | | x | |
| | | 3 | | | | | | | x | |
| | | 4 | | | | | | | x | |
| | D | 1 | | | | | | | x | Demonstra muito interesse por estas atividades. Escolheu para encher o seu boneco de neve a esferovite pois gostou imenso da sua textura e dos movimentos que teria de fazer utilizando um copo de brincar para o encher. Esteve muito atenta na atividade tanto nela como nos colegas. |
| | | 2 | | | | | | | x | |
| | | 3 | | | | | | | x | |
| 4 | | | | | | | | x | | |
| E | 1 | | | | | | | x | Gosta muito destas atividades. No início ficou um pouco confusa sobre com o que encheria o seu boneco de neve, contudo com algum impulso de exploração a criança acabou por escolher o algodão por ser mais “fofinho”. Enquanto enchia o boneco, parava várias vezes para mexer no algodão, até para passar com ele na cara. | |
| | 2 | | | | | | | x | | |
| | 3 | | | | | | | x | | |
| | 4 | | | | | | x | | | |
| F | 1 | x | | | | | | | Não esteve presente. | |
| G | 1 | | | | | x | | | A criança estava mais interessada no que se passava em seu redor no que propriamente na atividade em si. Não apresenta um grande poder de escolha apresentando-se confusa sobre o que escolher. No fim acabou por escolher a esferovite apesar de não estar muito concentrada na atividade. | |
| | 2 | | | | | | | x | | |
| | 3 | | | | | | x | | | |
| | 4 | | | | | x | | | | |
| H | 1 | | | | | | | x | No início apresentou-se receoso com as texturas, mas mais tarde optou por uma delas, gostando imenso da atividade. Esta criança prestou bastante atenção ao facto de as bolas de esferovite caírem e por isso automaticamente apanhava as bolinhas colocando-as no sítio certo. | |
| | 2 | | | | | | | x | | |
| | 3 | | | | | | x | | | |
| | 4 | | | | | | x | | | |
| I | 1 | | | | | | x | | Esta criança é a mais nova de grupo, mas foi muito determinada na atividade. Desde o início agarrou no algodão e exemplificando uma vez, a criança fazia exatamente o que era suposto. No início começou por colocar o enchimento, mas mais tarde preferiu agarrar ela no boneco à medida que a estagiária colocava o enchimento. | |
| | 2 | | | | | | x | | | |
| | 3 | | | | | | | x | | |
| | 4 | | | | | | x | | | |
| J | 1 | | | | | | | x | Na atividade a criança falou pouquíssimo. Não transmite muito entusiasmo por | |

| | | | | | | | | | |
|---|---|---|--|--|--|---|---|---|---|
| 4- Desenvolver a capacidade de escolha. | | 2 | | | | | x | estas atividades. Escolheu o algodão para encher o seu boneco. Primeiramente começou por partir o algodão em pequenos pedaços, mas no final já estava a pôr o algodão praticamente inteiro para se despachar. | |
| | | 3 | | | | x | | | |
| | | 4 | | | | | x | | |
| | L | 1 | | | | | | x | Adora estas atividades. Explorou várias vezes os dois materiais e optou pelo algodão por ser extremamente sedoso e por ser mais fácil de encher. Ao longo da atividade apresentou-se bastante concentrada no que estava a fazer e quando terminou queria continuar a fazer o mesmo. |
| | | 2 | | | | | | x | |
| | | 3 | | | | | | x | |
| | | 4 | | | | | x | | |

Anexo G – Tabela de organização do projeto “Aprende a proteger-te”

| | | |
|---|---|---|
| <p>1ª semana (2 a 4 de maio)</p> | <p>- Saúde Saudável/ doente</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Leitura de uma história sobre o tema; - Criação de um cartaz sobre os temas doente e saudável; - Registo oral sobre o tema “Quando eu estive doente...”; - Cartaz sobre a varicela; - “Área” do médico; - Jogo do hospital; - Apresentação de vídeos e músicas sobre a saúde. |
| <p>2ª semana (8 a 11 de maio)</p> | <p>- Perigos em casa e na escola Acidentes (choques elétricos, intoxicação, quedas, cortes/feridas, queimaduras, picadas de insetos, mordeduras de animais e hemorragias(nariz).</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de um vídeo sobre o tema que aborda todos os aspetos importantes; - Indicações sobre o que fazer em caso de acidente; - Jogos interativos sobre segurança; |
| <p>3ª semana (15 a 18 de maio)</p> | <p>- Segurança e saúde na rua Segurança rodoviária</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Pequena dramatização sobre segurança rodoviária; - Aula de ginástica baseada no tema; - Circuito com regras de trânsito; - Elaboração de um folheto com as crianças; - Ida de um polícia ao jardim de infância; - Apresentação de uma música. |
| <p>4ª semana (22 a 25 de maio)</p> | <p>- Segurança e saúde nas catástrofes Sismos e incêndios</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da história criada pelas estagiárias; - Dramatização do que se deve fazer em caso de sismo; - Cada criança desenha o que leva na sua mala de emergência; - Registo oral sobre “Se a Terra tremesse, o que eu levava na mala era...”; - Ida de um bombeiro ao jardim de infância |

Anexo H – Planificação da atividade “Quando a terra treme”

| Período | Domínios/Conteúdos | Objetivos específicos | Descrição das atividades | Recursos | Avaliação |
|---------|--|--|---|---|---|
| Manhã | <p><u>Área do conhecimento do mundo</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da abordagem às ciências. • Subdomínio do conhecimento do mundo físico e natural. <p><u>Área da expressão e comunicação</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita • Subdomínio da comunicação oral; <p><u>Área da formação pessoal e social</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da convivência | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar e descrever fenómenos e transformações do meio físico e natural; - Saber o que é um sismo; - Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar de modo adequado à situação; - Organizar o seu pensamento e estruturar as frases do seu discurso, de forma coerente. - Desenvolver o respeito pelo outro, e pelas suas opiniões, | <p>-Depois de feito o acolhimento a estagiária começa por questionar o grupo sobre o que é um sismo, se já alguém tinha ouvido falar disso, se sim em que circunstâncias ouviram, se já alguma vez sentiram, etc...</p> <p>- Depois desse pequeno diálogo, a estagiária mostra o vídeo “Quando a terra tremer” - da Casa do Tinoni onde é explicado o que é um sismo de forma lúdica.</p> <p>Após a visualização do vídeo é feito um outro diálogo sobre o que acharam do vídeo, se ficaram a saber coisas novas, se sabem realmente o que é um sismo, entre outras questões que podem ser feitas através do vídeo.</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Televisão; -Computador; - Internet; - Vídeo “Quando a terra tremer”. | <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; -Grelha de observação; - Registo de fotografias e vídeo. |

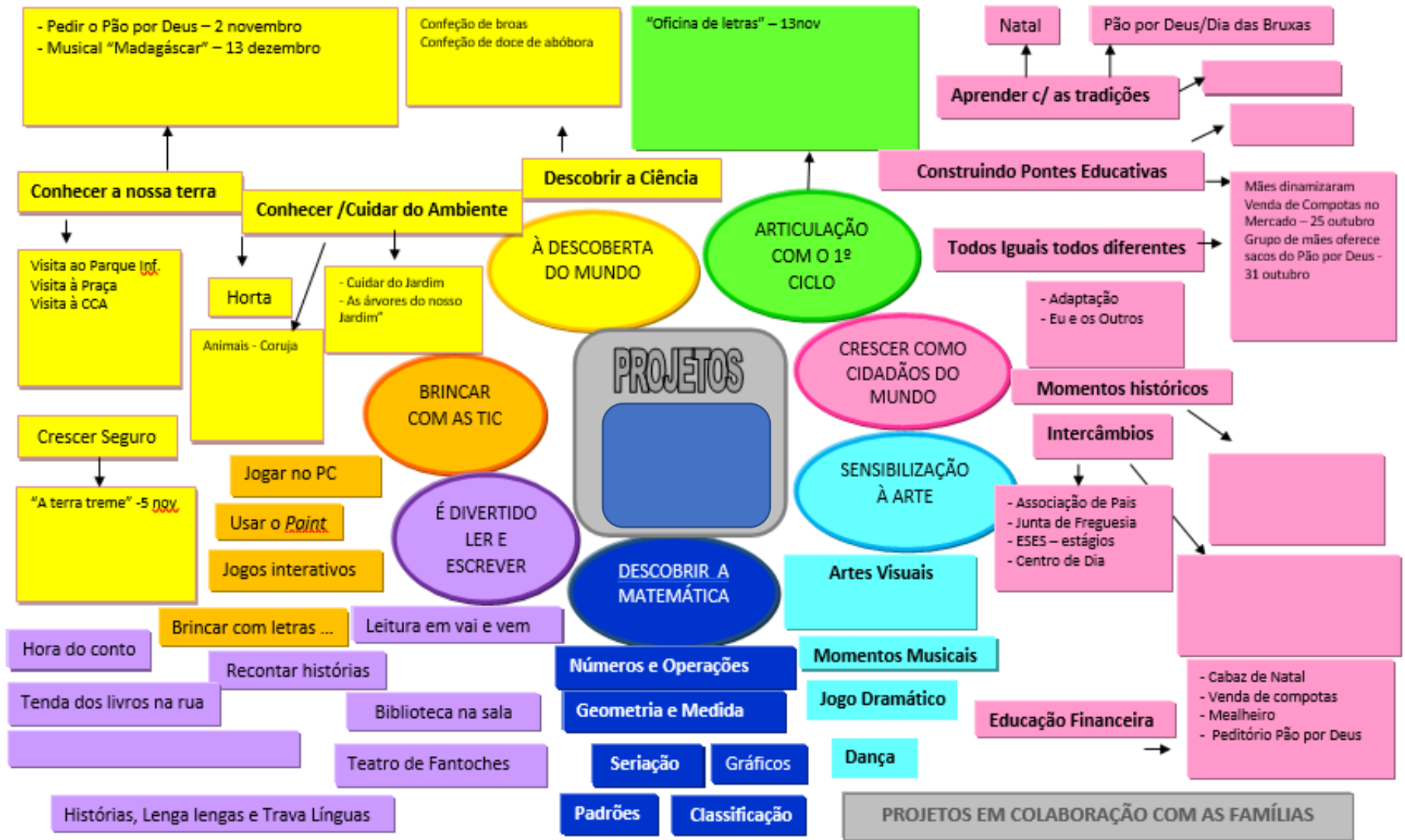
| | | | | | |
|-------|--|---|--|---|---|
| | democrática e cidadania e consciência de si como aprendente | e numa atitude de partilha. - Cooperar com os outros no processo de aprendizagem | | | |
| Manhã | <p><u>Área do conhecimento do mundo</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da abordagem às ciências. • Subdomínio do conhecimento do mundo físico e natural. <p><u>Área da formação pessoal e social</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da convivência democrática e cidadania | <p>- Identificar e descrever fenómenos e transformações do meio físico e natural;</p> <p>- Perceber através de uma simulação, o que é um sismo e as suas consequências destrutíveis;</p> <p>- Desenvolver o respeito pelo outro, e pelas suas opiniões;</p> <p>- Cooperar com os outros na atividade;</p> | <p>- Depois do lanche da manhã, a estagiária prepara o material necessário para a realização da atividade seguinte, sendo ele: os tabuleiros da gelatina, os fósforos e a plasticina. De seguida enquanto o grupo está a brincar, a estagiária pedirá a um grupo para fazer a atividade. Primeiramente um grupo de seis, de seguida novamente um grupo de seis, depois um grupo de quatro e por último outro grupo de quatro.</p> <p>A atividade consiste na construção de casas feitas com palitos e plasticina que posteriormente serão colocadas em cima da gelatina e abanando os tabuleiros poderá constatar-se se as casas que construíram são resistentes ou frágeis e se sobreviveriam a um sismo. Caso as casas</p> | <p>- 2 tabuleiros de gelatina sólida;</p> <p>- Fósforos;</p> <p>- Plasticina;</p> <p>- Câmara de vídeo.</p> | <p>- Observação direta;</p> <p>- Registo de vídeo;</p> <p>- Grelha de observação;</p> <p>- Registo fotográfico.</p> |

| | | | | | |
|--|-----------------------------------|---|---|--|--|
| | consciência de si como aprendente | - Ser criativo na construção das casas. | se destruam, poderão arranjar soluções para que estas não caiam. Todos os grupos realizarão esta atividade e serão filmados para que no fim possam ser vistos todos os vídeos em conjunto e se tirem algumas conclusões. | | |
|--|-----------------------------------|---|---|--|--|

Anexo I – Planificação da atividade “Vamos pintar a nossa rua”

| Período | Domínios/Conteúdos | Objetivos específicos | Descrição das atividades | Recursos | Avaliação |
|----------------|---|--|--|--|--|
| Manhã | <p><u>Área do conhecimento do mundo</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da abordagem às ciências. • Subdomínio do conhecimento do mundo físico e natural. <p><u>Área da expressão e comunicação</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da Educação Artística; • Subdomínio das Artes visuais | <p>- Reproduzir/ aplicar regras de segurança rodoviária nas suas brincadeiras;</p> <p>-Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de produções de natureza diversa.</p> | <p>- Previamente, a estagiária desenha um circuito no recreio (com estradas, rotunda e passadeira) para que as crianças o ilustrem com tintas e posteriormente, possam utilizá-lo para brincar com os carrinhos que tem disponíveis na rua.</p> <p>Enquanto o grande grupo termina os desenhos do dia anterior, a estagiária solicita que um par de crianças, de cada vez, pinte com tintas e pincéis o circuito desenhado no recreio, fazendo alusão a algumas aprendizagens realizadas anteriormente..</p> | <p>- Tintas; - Pincéis; - Fita adesiva; - Lápis de carvão.</p> | <p>- Observação direta;</p> <p>- Desenho das crianças;</p> <p>- Registo de fotografias e vídeo;</p> <p>- Grelha de observação.</p> |

Anexo J – Teia do ano letivo 2018/2019



Anexo K - Tabela de organização do projeto “Brincar, Explorar e Descobrir na Natureza”

| | |
|---|---|
| De 20 a 23 de novembro e De 27 a 30 de novembro | - Descobrir os animais do recreio; |
| De 4 a 7 de dezembro e De 11 a 14 de dezembro | - Conhecer as plantas e árvores do recreio; |
| De 3 a 4 de janeiro | - Sintetizar aprendizagens relacionadas com os animais, plantas e árvores do recreio. |
| De 8 a 11 de janeiro | - Construir brinquedos ou jogos para o exterior e reconstruir os espaços degradados; |
| De 15 a 18 de janeiro | - Divertir ao ar livre. |

Anexo L – Planificação da atividade “A árvore que eu escolhi”

| Período | Domínios/Conteúdos | Objetivos específicos | Descrição das atividades | Recursos | Avaliação |
|----------------|--|--|---|--|---|
| Manhã | <p><u>Área da expressão e comunicação</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da linguagem oral e abordagem à escrita; • Subdomínio da comunicação oral; <p><u>Área da expressão e comunicação</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística; • Subdomínio das artes visuais; <p><u>Área do Conhecimento do mundo</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da abordagem às ciências; <p><u>Área da formação pessoal e social</u></p> | <ul style="list-style-type: none"> - Dialogar sobre o que fazem e veem; - Descrever, analisar e refletir sobre o que olha e vê; - Desenvolver a criatividade; - Representar e recriar através do desenho o que está a ver; - Introduzir através do desenho, elementos caracterizadores e específicos do que observa; - Observar as diferenças entre árvores; | <ul style="list-style-type: none"> - Primeiramente a estagiária prepara todo o material necessário para a realização desta atividade. - De seguida pede às crianças que se sentem no espaço exterior e explica o que irão fazer. - Inicialmente pede para que cada criança escolha uma árvore para desenhar e que se sentem junto a ela. Distribui o material necessário para que cada criança consiga desenvolver o seu desenho de forma o mais autónoma possível, ou seja, cada criança ficará com uma placa de apoio para desenhar, uma folha branca e canetas/lápis de cor. - Depois de organizado o espaço e as crianças pedem-se que iniciem o seu desenho e que representem o que estão a ver, nomeadamente a árvore que está à sua frente e que inicialmente escolheram. Dá-se o tempo necessário às crianças para terminarem os seus desenhos e quando todas as crianças terminarem, juntam-se todas e falam um pouco sobre a árvore que desenharam e sobre o que viram e apreciaram. | <ul style="list-style-type: none"> - Placas de apoio para desenhar; - Folhas brancas; - Lápis ou canetas coloridas; | <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registo de fotográfico e vídeo; |

| | | | | | |
|-------|--|--|---|--|--|
| Manhã | <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da independência e autonomia; • Domínio da convivência democrática e cidadania; | <ul style="list-style-type: none"> - Promover a concentração; - Promover a autonomia; - Saber estar atento às instruções e à realização da atividade. - Expressar e respeitar os outros; | <ul style="list-style-type: none"> - É importante que se dê o tempo necessário a cada criança, para que se possam exprimir e comunicar tudo aquilo que querem relacionado com o assunto. - A estagiária tem um papel de moderadora durante o diálogo e é importante que esta também explique que apesar de algumas árvores não terem flores, folhas ou frutos que se deve ao facto de estarmos no inverno. - Cada árvore já vai estar identificada com o seu nome por isso, para as crianças será mais fácil dizerem a árvore que escolheram desenhar. | | |
|-------|--|--|---|--|--|

Anexo M – Planificação da atividade “Construção do espantalho”

| Período | Domínios/Conteúdos | Objetivos específicos | Descrição das atividades | Recursos | Avaliação |
|---------|---|---|--|---|---|
| | <p><u>Área do conhecimento do mundo</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da abordagem às ciências. • Subdomínio do conhecimento do mundo físico e natural <p><u>Área da formação pessoal e social</u></p> <p>Componente da convivência democrática e cidadania e consciência de si como aprendiz.</p> <p><u>Área da expressão e comunicação</u></p> <ul style="list-style-type: none"> • Domínio da educação artística; • Subdomínio das artes visuais; | <ul style="list-style-type: none"> - Perceber o significado do espantalho. - Compreender e identificar características do espantalho. - Cooperar com os outros no processo de aprendizagem. - Cooperar com os outros no processo de construção do espantalho; - Corresponder a instruções pedidas; | <p>- Depois do almoço e de alguma brincadeira, a estagiária pede às crianças que se sentem no espaço do acolhimento, mostra-lhes todos os materiais e questiona se já sabem o que vamos fazer. Depois de perceberem que vamos fazer um espantalho é também importante explicar para que servirá o espantalho, dizendo que no dia seguinte iremos fazer a nossa horta e por isso será necessário um espantalho para que todos os legumes cresçam bem, sem que os pássaros comam o que plantámos.</p> <p>Depois dessa explicação, começamos a construir o nosso espantalho. Vamos pedindo a crianças que nos ajudem neste processo. Começamos por fazer a estrutura do espantalho feito com as duas canas. De seguida vestimos as roupas (camisa e calças) ao espantalho e enchemo-lo com palha. Na roupa do espantalho são colocados alguns retalhos de outros tecidos.</p> <p>A cabeça será feita com tecido e enchimento e por fim será feita uma boca com eva, olhos e</p> | <ul style="list-style-type: none"> - 2 canas (estrutura de espantalho); - camisa; - calças; - palha; - tesoura; - cola quente; - vários tecidos; - pompons; - eva. | <ul style="list-style-type: none"> - Observação direta; - Registo fotográfico e de vídeo; |

| | | | | | |
|--|--|--|---|--|--|
| | | | <p>nariz com pompons.</p> <p>Todo este processo será realizado com o auxílio de todas as crianças, sendo que serão distribuídas tarefas a cada uma delas, para que o resultado final seja devido a um longo trabalho de grupo</p> | | |
|--|--|--|---|--|--|

Anexo N – Estrutura das entrevistas a educadoras

| Blocos | Objetivos | Informações/Questões | Indicadores |
|--|---|--|---|
| <p align="center">Bloco I</p> <p align="center">Apresentação do entrevistador</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Enquadrar a entrevista; - Apresentar os objetivos da entrevista; - Motivar e deixar o entrevistado à vontade com esta entrevista. | <ul style="list-style-type: none"> - Frisar que se trata de um estudo realizado no âmbito da tese de mestrado em educação pré escolar; - Explicar que o tema da entrevista assenta sobre a utilização de materiais lúdicos e principalmente jogos, no pré escolar; - Especificar a forma como esta entrevista vai ser utilizada nesta investigação; | <ul style="list-style-type: none"> - Explicar que esta entrevista está inserida numa investigação. |
| <p align="center">Bloco II</p> <p align="center">Identificação do entrevistado</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Saber dados biográficos do entrevistado e também sobre o seu percurso profissional. | <ul style="list-style-type: none"> - Género; - Como tem sido o seu percurso profissional? - Qual a sua situação profissional? | <ul style="list-style-type: none"> - Formação; - Anos de serviço; |
| <p align="center">Bloco III</p> <p align="center">Conceções sobre jogos</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais as conceções das educadoras de infância, sobre os jogos e a sua utilização no ensino pré-escolar. | <ul style="list-style-type: none"> - O que entende por jogo? - Que tipos de jogos conhece? - O jogo deve ser utilizado em todas as áreas de atividade? - Quais as potencialidades do jogo na vertente lúdica? E na vertente educativa? - Quais os tipos de jogos que utiliza com mais frequência com o grupo com que está atualmente? Porquê? - Na generalidade quais os jogos que as crianças do género masculino e feminino, do grupo em questão, mais gostam e demonstram mais interesse? | |
| | | | |

| | | | |
|---|--|--|--|
| <p>Bloco IV</p> <p>Concepções sobre materiais lúdicos</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais as concepções das educadoras de infância, sobre os materiais lúdicos e a sua utilização no ensino pré-escolar. | <ul style="list-style-type: none"> - O que entende e o que considera serem materiais lúdicos? - Recorre frequentemente a esses materiais? Porquê? - Considera que existam vantagens e desvantagens nessa utilização? Porquê? - Com o grupo que atualmente se encontra, quais os materiais lúdicos a que recorre mais? Em que circunstâncias? - Na generalidade quais os materiais lúdicos que as crianças do género masculino e feminino, do grupo em questão, mais gostam e demonstram mais interesse? | <ul style="list-style-type: none"> - Importância dos materiais lúdicos e da sua utilização; |
| <p>Bloco V</p> <p>Agradecimento e fecho da entrevista</p> | | <ul style="list-style-type: none"> - Fazer referência ao tempo que demorou a entrevista; - Referir o gosto que foi entrevistar a educadora; - Agradecer a sua disponibilidade e participação na investigação. | |

Anexo O – Estrutura das entrevistas ao membro do instituto de apoio à infância

| Blocos | Objetivos | Informações/Questões | Indicadores |
|--|---|---|---|
| <p>Bloco I</p> <p>Apresentação do entrevistador</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Enquadrar a entrevista; - Apresentar os objetivos da entrevista; - Motivar e deixar o entrevistado à vontade com esta entrevista. | <ul style="list-style-type: none"> - Frisar que se trata de um estudo realizado no âmbito da tese de mestrado em educação pré escolar; - Explicar que o tema da entrevista assenta sobre a utilização de materiais lúdicos e principalmente jogos, no pré escolar; - Especificar a forma como esta entrevista vai ser utilizada nesta investigação; | <ul style="list-style-type: none"> - Explicar que esta entrevista está inserida numa investigação. |
| <p>Bloco II</p> <p>Identificação do entrevistado</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Saber dados biográficos do entrevistado e também sobre o seu percurso profissional. | <ul style="list-style-type: none"> - Género; - Como tem sido o seu percurso profissional? - Qual a sua situação profissional atual? - Qual o papel do IAI | <ul style="list-style-type: none"> - Importância de um programa centrado na atividade lúdica no IAI; - Estabelecem contato próximo com crianças? Idades e em que sentido? |
| <p>Bloco III</p> <p>Conceções sobre jogos</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais as conceções das profissionais do IAI, sobre os jogos e a sua utilização no ensino pré-escolar. | <ul style="list-style-type: none"> - O que entende por jogo? - Que tipos de jogos conhece? - O jogo deve ser utilizado em todas as áreas de atividade? - Quais as potencialidades do jogo na vertente lúdica? E na vertente educativa? - Considera que os jogos condicionam ou não o desenvolvimento e aprendizagens das crianças? | |
| <p>Bloco IV</p> <p>Conceções sobre materiais lúdicos</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais as conceções das profissionais do IAI, sobre os materiais lúdicos e a sua | <ul style="list-style-type: none"> - O que é atividade lúdica? e Atividade lúdica difere de brincar? - O que entende e o que considera serem materiais lúdicos? - Como categorizava os materiais lúdicos? (categorias) | <ul style="list-style-type: none"> - Importância dos materiais lúdicos e da sua utilização; |

| | | | |
|--|-----------------------------------|--|--|
| | utilização no ensino pré-escolar. | <ul style="list-style-type: none"> - Considera que existam vantagens e desvantagens nessa utilização? Porquê? - Qual a sua importância na aprendizagem e desenvolvimento da crianças? - Neste setor/projeto do IAI, recorre frequentemente a esses materiais? Porquê e em que circunstâncias? | |
| Bloco V | | <ul style="list-style-type: none"> - Fazer referência ao tempo que demorou a entrevista; - Referir o gosto que foi entrevistar este elemento; - Agradecer a sua disponibilidade e participação na investigação. | |
| Agradecimento e fecho da entrevista | | | |

Anexo P – Estrutura do questionário ao membro do projeto educacional

| Blocos | Objetivos | Informações/Questões | Indicadores |
|---|--|---|-------------|
| <p align="center">Bloco I</p> <p align="center">Apresentação do entrevistador</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Enquadrar o questionário; - Apresentar os objetivos do mesmo; | <ul style="list-style-type: none"> - Frisar que se trata de um estudo realizado no âmbito da tese de mestrado em educação pré escolar; - Explicar que o tema do questionário assenta sobre a utilização de materiais lúdicos e principalmente jogos, no pré escolar; | |
| <p align="center">Bloco II</p> <p align="center">Identificação do inquirido</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Saber dados biográficos do entrevistado e também sobre o seu percurso profissional. | <ul style="list-style-type: none"> - Género; - Como tem sido o seu percurso profissional? - Qual a sua situação profissional atual? - Como é que o projeto surgiu? Quando e em que sentido? (Explicar um pouco o que é e como funciona) - Importância do projeto - Estabelecem contato próximo com crianças? Idades e em que sentido? | |
| <p align="center">Bloco III</p> <p align="center">Conceções sobre jogos</p> | <ul style="list-style-type: none"> - Identificar quais as conceções das profissionais, sobre os jogos e a sua utilização no ensino pré-escolar. | <ul style="list-style-type: none"> - O que entende por jogo? - Que tipos de jogos conhece? - O jogo deve ser utilizado em todas as áreas de atividade? - Quais as potencialidades do jogo na vertente lúdica? E na vertente educativa? - Considera que os jogos condicionam ou não o | |

| | | desenvolvimento e aprendizagens das crianças? | |
|---|--|--|---|
| <p>Bloco IV</p> <p>Concepções sobre materiais lúdicos</p> | <p>- Identificar quais as concepções das profissionais do sobre os materiais lúdicos e a sua utilização no ensino pré-escolar.</p> | <p>- O que é atividade lúdica? e Atividade lúdica difere de brincar?</p> <p>- O que entende e o que considera serem materiais lúdicos?</p> <p>- Como categorizava os materiais lúdicos? (categorias)</p> <p>- Considera que existam vantagens e desvantagens nessa utilização? Porquê?</p> <p>- Qual a sua importância na aprendizagem e desenvolvimento da crianças?</p> <p>- Neste projeto recorrem a materiais lúdicos? Se sim, porquê, com que frequência e em que circunstâncias?</p> | <p>- Importância dos materiais lúdicos e da sua utilização;</p> |
| <p>Bloco V</p> <p>Agradecimento e fecho da entrevista</p> | | <p>- Agradecer a sua disponibilidade e participação na investigação.</p> | |

Anexo Q – Entrevista Educadora F.L

Entrevistadora: Queria começar por agradecer-lhe muito. Porque apesar de não ter sido minha educadora cooperante, conseguiu arranjar um tempinho para esta entrevista e para me ajudar na minha investigação. E por isso quero mesmo agradecer-lhe.

Entrevistada: Não tens nada que agradecer querida. Estou aqui para ajudar. E se não perceberes alguma coisa do que digo pergunta, porque eu já estou a ficar velhinha e posso confundir-te... (risos)

Entrevistadora: Claro que sim, mas primeiro quero dizer-lhe que a nossa entrevista vai ser dividida em três partes. Uma primeira parte sobre a educadora, uma segunda parte sobre a importância dos jogos e a última parte será sobre os materiais lúdicos. Quando quiser começar diga.

Entrevistada: Vamos a isto!

Entrevistadora: Muito bem... Primeiro que tudo gostava que me falasse um pouco sobre o seu percurso profissional.

Entrevistada: Eu tenho 36 anos de serviço, tem sido um percurso muito bom. Tenho sido muito feliz a fazer o que mais gosto. Mas claro, sempre com altos e baixos como todas as pessoas.

Entrevistadora: Pode também falar um pouco sobre a instituição em que está atualmente. Que tipo de instituição é, que modelo é que segue, entre outras coisas que queira.

Entrevistada: Ok. Trabalho numa instituição da rede pública, que se rege pelo modelo do Movimento da Escola Moderna, pelo High Scope e também pelo Reggio Emilia. Gosto muito de lá estar, é uma instituição muito simpática e muito familiar na medida em que nos tratamos todas como família, para não falr das nossas crianças que são as melhores.

Entrevistadora: Quais as idades do grupo com que está atualmente? E como é que os caracteriza?

Entrevistada: Estou com um grupo de 4 anos. São crianças muito ativas, sempre cheias de energia, com vontade de aprender mais e mais, muito interessadas e empenhadas no que lhes é proposto e são essencialmente muito amigas umas das outras. Posso dizer que são um grupo muito coeso e que nos deixam muito à vontade para realizarmos a nossa prática.

Entrevistadora: Em termos de organização de sala, como é que a sua está organizada?

Entrevistada: Está organizada, sempre, de acordo com as necessidades e motivações das crianças. Porque a organização do espaço constitui o contexto privilegiado onde a intencionalidade educativa da educadora e as características do grupo confluem na

vivência de um projeto comum, crescer e aprender. Mas sim, está organizada pelas áreas educativas que quase todas as instituições têm.

Entrevistadora: Agora passando para a segunda parte da nossa entrevista. Vou começar por lhe pedir que defina jogo.

Entrevistada: Para mim, e atenção que é uma definição pensada por mim, jogo é sinónimo de brincar com regras. Não definiria melhor que isto.

Entrevistadora: E que tipos de jogos conhece?

Entrevistada: Há muitos tipos de jogos, mas os mais conhecidos e que eu mais utilizo são os jogos de mesa, jogos de construções, jogos tradicionais, jogos de espaço livre, jogos de palavras, jogos matemáticos, jogos musicais, jogos de descoberta, etc Nunca mais saía daqui com tantos que existem. Vão sempre surgindo novos tipos de jogos.

Entrevistadora: Quais as áreas que acha fundamentais a utilização de jogos?

Entrevistada: Em todas as áreas, porque os jogos constituem uma estratégia privilegiada de interação e de aprendizagem. Os jogos são bons para muita coisa, para muitas temáticas e para favorecer diversas aprendizagens em todas as áreas sem qualquer exceção.

Entrevistadora: Para si, quais são as potencialidades do jogo na vertente lúdica e na vertente educativa?

Entrevistada: As potencialidades são inúmeras, desde dar asas à expressão natural do brincar onde se cruzam as dimensões emocionais, físicas e cognitivas, como também a vertente criativa e imaginativa, assim como o bem estar e o prazer da criança. Na vertente educativa, a estratégia por excelência de se aprender, onde se alimenta a curiosidade e o desejo de aprender. Acho que são essencialmente essas as potencialidades.

Entrevistadora: Quais os tipos de jogos que gosta de utilizar com o seu grupo?

Entrevistada: Daqueles que disse à bocado, eu utilizo todos. Todo o tipo de jogos conforme a situação e o momento. Mas de todos aqueles que disse, a maioria utilizo todos os dias.

Entrevistadora: Quais os jogos que considera que as crianças do género masculino e feminino mais gostam e porquê? De uma forma geral, claro.

Entrevistada: Presentemente não considero que haja preferências por género. Há uns anos atrás sim. Os meninos gostavam todos de jogos de bola enquanto as meninas gostavam dos jogos mais calmos. Atualmente não revejo isso. Muitas meninas gostam de jogos de bola tal como muitos meninos gostam de jogos mais calmos. Isso mudou muito de há uns anos para cá.

Entrevistadora: Passando agora para a terceira e última parte da entrevista. O que entende por materiais lúdicos?

Entrevistada: São todos aqueles materiais e objetos que permitem à criança brincar, manipular e interagir. Acho que é isso. Fácil e rápido!

Entrevistadora: Pode dizer-me algumas categorias ou alguns tipos de materiais lúdicos?

Entrevistada: Existem os materiais manipuláveis (como bolas, cartas, legos, corda, elástico, pião, berlinde, blocos, arcos, etc) também há os materiais de recreio (escorrega, baloiço,...) para não falar de todos aqueles objetos que para nós não têm muita importância mas que as crianças dão muita importância e que gostam de os manipular (como por exemplo as caixas de papelão, as tampas dos iogurtes e das garrafas, entre outros que podem encontrar no seu ambiente educativo.)

Entrevistadora: Quais as vantagens e desvantagens na utilização dos materiais lúdicos?

Entrevistada: Há muitas vantagens que fui dizendo ao longo da entrevista. São materiais simples mas que deixam as crianças muito entusiasmadas e empolgadas. Dão para trabalhar diversos conteúdos e para brincar em diversos momentos. Relativamente a desvantagens, não considero que haja qualquer desvantagem.

Entrevistadora: Com que frequência, com o grupo com que está, utiliza estes materiais?

Entrevistada: Muitas vezes, claro. Utilizo todos os dias. Quase a toda a hora. Acho que é comum a todas as educadoras.

Entrevistadora: A quais materiais lúdicos recorre mais e em que situação?

Entrevistada: Eu utilizo todos, conforme o momento e a situação. Não há nenhum a que recorra mais que outros. A utilização é igual.

Entrevistadora: Quais os materiais de que as crianças do género masculino e feminino mais gostam?

Entrevistada: Tal como na pergunta dos jogos, acho que não haja preferência por género. Isso já se perdeu. É difícil responder a essa pergunta porque atualmente o grupo com que estou valoriza todos os materiais e parece gostar de todos sem excluir a utilização de nenhum.

Entrevistadora: Já está! Terminámos. Não demorámos muito. Mais uma vez obrigada pela sua disponibilidade e ajuda.

Entrevistada: De nada. Quando precisares de alguma coisa já sabes.

Anexo R– Entrevista Educadora T.M.

Entrevistadora: Primeiro que tudo queria agradecer-lhe por perder um pouco do seu tempo com esta entrevista para me ajudar. Esta entrevista está inserida na minha tese que é sobre a importância do jogo e de todos os materiais lúdicos no geral, na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Vou fazer esta entrevista de forma pausada e essencialmente dividida em três. Primeiro vou fazer algumas perguntinhas sobre si, depois numa segunda parte vou fazer algumas questões sobre o jogo e por último vamos falar e questioná-la sobre os materiais lúdicos. Podemos começar a nossa entrevista? Alguma questão?

Entrevistada: Não. Podemos começar.

Entrevistadora: Primeiro, gostava de saber quantos anos de serviço tem e que me falasse um pouco sobre o seu percurso profissional.

Entrevistada: Tenho 26 anos de serviço, é muita fruta! (risos) Olha, trabalhei 24 anos sempre como educadora. Nos 2 primeiros anos tirei o curso de monitora de natação, porque não tive logo emprego. Depois comecei a trabalhar como educadora e como monitora de natação, durante 17 anos. Entretanto tirei a licenciatura porque eu só tinha o bacharelato, que era o que era preciso na altura, fiz uma especialização e o CAP. Sempre como educadora, acumulei as funções de educadora, monitora e também formadora.

Entrevistadora: Pode explicar-me o que é o CAP é que eu acho que nunca ouvi falar?

Entrevistada: O CAP é um Certificado de Aptidão Profissional. Tu com isso podes participar em muitas formações mas como formadora.

Entrevistadora: Muito bem, acho que já entendi. E em que tipo de instituição trabalha?

Entrevistada: É uma IPSS da santa casa da misericórdia que se rege essencialmente pelo modelo do MEM (movimento da escola moderna), que foi o modelo adotado pela instituição.

Entrevistadora: Atualmente está com um grupo de que idades?

Entrevistada: Estou com os dos 3 anos. São os meus pestinhas. Estou a brincar...

Entrevistadora: Como é que os caracteriza?

Entrevistada: Os meus meninos são muito queridos. É um grupo dinâmico, bastante interessado, motivado, muitooooo (prolongado) alegre, feliz e também curioso. Eles dão-me muito!

Entrevistadora: Como é que a sua sala está organizada?

Entrevistada: Está organizada por áreas correspondentes ao modelo que seguimos. Mas é muito parecida com a organização das restantes IPSS.

Entrevistadora: Passando agora às questões sobre a importância do jogo. O que é que entende por jogo? Como definiria a palavra jogo?

Entrevistada: O jogo é uma forma lúdica que pode desenvolver múltiplas capacidades das crianças. Normalmente são propostos por nós educadoras, mas as crianças já realizam

muitos jogos por vontade própria e são criativas ao ponto de imaginarem e criarem novos jogos. Um jogo é proposto de modo a desenvolver algo na criança com um determinado objetivo, tem de ter um ou vários jogadores e também as suas próprias regras, resumidamente acho que é isso.

Entrevistadora: E que tipos de jogos conhece?

Entrevistada: São tantos, mas posso-te dizer aqueles que me lembrar. Existem os jogos lúdicos, os jogos simbólicos, os jogos de regras e há mais.

Entrevistadora: Pode dar exemplos de alguns deles?

Entrevistada: Então, os jogos simbólicos é o faz de conta normalmente feito na casinha em que eles têm brincadeiras ligadas à sua realidade. Os jogos de regras podem ser por exemplo o jogo da macaca ou também pode ser um jogo de cartas ou xadrez, há muitos jogos deste tipo.

Entrevistadora: E quais são as áreas que considera mais importante o uso do jogo?

Entrevistada: Todas, sem qualquer tipo de exceção. O jogo pode ser inserido em todas as áreas de modo a trabalhar qualquer conteúdo ou por mero divertimento, também pode ser.

Entrevistadora: Quais considera serem as potencialidades do jogo tanto na vertente lúdica como na vertente educativa?

Entrevistada: Tem potencialidades infindáveis. É um dos melhores materiais educativos para trabalhar seja o que for com as nossas crianças. Eu faço jogos diariamente e muitas vezes por dia. Sei que é algo que o meu grupo gosta e se interessa.

Entrevistadora: Quais os jogos que recorre com mais frequência e porquê?

Entrevistada: Olha, utilizo muito os jogos lúdicos que permitem o livre divertimento das crianças, mas também gosto muito dos jogos simbólicos, porque é algo que as crianças do grupo com que estou praticam facilmente sem que lhes seja imposto.

Entrevistadora: Já respondeu um pouco à questão, mas quais é que são os jogos que as crianças do género feminino e masculino mais gostam? Assim na generalidade do seu grupo.

Entrevistada: São aqueles que te disse antes, os jogos lúdicos e os jogos simbólicos. São aqueles que eles mais gostam, sem fazer qualquer distinção de género.

Entrevistadora: Agora vou fazer-lhe algumas questões sobre os materiais lúdicos e a sua importância. O que é que entende por materiais lúdicos?

Entrevistada: São todos os objetos ou materiais, como quiseres chamar, que são utilizados sem terem regras pré definidas para a sua utilização. As crianças podem utilizar aqueles materiais da forma que quiserem para brincar e também aprender com eles.

Entrevistadora: Como dividiria os materiais lúdicos em categorias?

Entrevistada: Podia dividir nos materiais de desporto, de dança, de dramatização, de expressão plástica ou então também podia dividir nos materiais lúdicos do exterior e do interior, não sei... eu dividia assim, mas acho que é consoante a educadora.

Entrevistadora: Quais considera as vantagens e desvantagens na utilização destes materiais?

Entrevistada: Como vantagens acho que posso dizer que é muito fácil adaptá-los às diferentes necessidades, formas de abordar diferentes temas e situações mais "sérias ou complicadas". Como desvantagens acho que a sua utilização deve ter regras menos rígidas e muitas vezes quando o meu grupo está a utilizar esses materiais torna-se difícil controlar em algumas situações dessas, por isso é que considero esta uma desvantagem.

Entrevistadora: Com o grupo com que está, com que frequência recorre à utilização destes materiais?

Entrevistada: Recorro diariamente. Todos os dias tenho materiais novos que gosto de deixar à disposição das crianças para que se possam explorar livremente. Acho que é o que todas as educadoras devem fazer, de modo a promover também algum tipo de curiosidade, de divertimento e de autonomia com as crianças com que estamos a trabalhar diariamente. Pessoalmente gosto muito de usar estes materiais para trabalhar a dramatização, não só no decorrer do dia como também em situações de rotina e de atividade, como forma de cativar cada criança e de desenvolver a afetividade e a proximidade. Se dermos carinho e se entrarmos num espírito de amor, conseguimos captar tudo, numa criança.

Entrevistadora: Quais é que são os materiais lúdicos que considera que as crianças do género feminino e masculino mais gostam e porquê? Numa perspetiva geral.

Entrevistada: Pela minha experiência, se eles forem introduzidos de forma motivadora, desafiante e criativa, qualquer material demonstra interesse igual em cada um dos géneros. As crianças podem gostar de todos os materiais que lhes são colocados à disposição, mas depende da forma como nós (educadoras) o fazemos inicialmente.

Entrevistadora: E pronto já está. Muito obrigada pela sua ajuda. Foi muito importante para mim e para a minha investigação.

Entrevistada: Já? Espetacular! Obrigada eu por este bocadinho.

Anexo S - Entrevista Educadora I.T.S

Entrevistadora: Quero agradecer-lhe mais uma vez por me ajudar na investigação para a tese que como já sabe é sobre a importância do jogo e de todos os materiais lúdicos no geral, na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. A entrevista vai ser dividida por três partes: Primeira parte que será sobre si e o seu percurso profissional, a segunda parte sobre o jogo e a terceira parte sobre os materiais lúdicos. Preparada? Posso começar?

Entrevistada: Sim, pode!

Entrevistadora: Gostava primeiro que me dissesse quantos anos de serviço tem?

Entrevistada: Tenho 33 anos de serviço.

Entrevistadora: E como tem sido o seu percurso profissional?

Entrevistada: Sempre trabalhei na escola pública. Agora estou também num Jardim de Infância da rede pública.

Entrevistadora: E qual o modelo pelo qual se rege?

Entrevistada: Neste jardim de infância é pelo modelo das Orientações Curriculares.

Entrevistadora: Quais as idades do grupo com que está atualmente?

Entrevistada: É um grupo de 4 e 5 anos.

Entrevistadora: E como é que caracteriza esse grupo?

Entrevistada: O grupo no global é interessado, participativo, mas tem elementos com comportamentos difíceis que comprometem algumas atividades propostas e momentos do dia-a-dia. Mas isso é normal como em todos os jardins, não é?

Entrevistadora: Qual a organização da sua sala? E Porquê?

Entrevistada: A sala está organizada por áreas de desenvolvimento e também de acordo com os interesses das crianças, porque é assim que considero ser funcional para o grupo.

Entrevistadora: Vou passar à segunda parte da entrevista que é sobre a importância do jogo na aprendizagem e desenvolvimento das crianças que se encontram no pré escolar. Gostava que me dissesse o que entende por jogo?

Entrevistada: O jogo é a forma lúdica em que a criança se pode exprimir e relacionar com os outros e com os diferentes objetos.

Entrevistadora: Que tipos de jogos conhece?

Entrevistada: Existem muitos, mas conheço os jogos de interior, jogos de exterior, jogos calmos, jogos de movimento, e mais.

Entrevistadora: Quais as áreas em que considera fundamental a utilização do jogo?

Entrevistada: Na área da formação pessoal e social, na área das expressões, na matemática e também na área da linguagem.

Entrevistadora: Quais as potencialidades do jogo na vertente lúdica? E na vertente educativa?

Entrevistada: Na minha opinião, na vertente lúdica o jogo pode desenvolver a socialização, o divertimento, a imaginação. Na vertente educativa, o jogo pode desenvolver aprendizagens que considero importantes para o grupo..

Entrevistadora: Quais os tipos de jogos que usa com mais frequência com o grupo com que está atualmente? E porquê?

Entrevistada: Uso muitos jogos de relaxamento, de audição e de movimento porque é o que o grupo necessita para melhorar a concentração e o cumprimento de regras.

Entrevistadora: Em geral, quais os jogos que as crianças do género masculino e feminino mais gostam e têm mais interesse?

Entrevistada: Os meninos preferem jogos com bola ou de faz de conta dos seus heróis, as meninas preferem jogos onde podem cantar e dançar ou do faz de conta. Quanto a jogos propostos pelo educador não há diferenças nenhuma. Os jogos não têm género.

Entrevistadora: Agora vou começar a fazer questões sobre a terceira parte da entrevista que é a importância dos materiais lúdicos. O que entende por materiais lúdicos?

Entrevistada: Materiais lúdicos são aqueles com que a criança pode brincar e aprender.

Entrevistadora: Como categorizava os materiais lúdicos?

Entrevistada: Materiais para desenvolver a Linguagem; a Matemática; as expressões, entre outros, estes são só um exemplo.

Entrevistadora: E quais as vantagens e desvantagens para a utilização desses materiais?

Entrevistada: Não vejo desvantagens. Mas em relação às vantagens são o facto de ajudar a criança no seu processo de desenvolvimento, claro.

Entrevistadora: Com o grupo que atualmente se encontra, com que frequência recorre a materiais lúdicos?

Entrevistada: Diariamente.

Entrevistadora: Quais os materiais a que recorre com mais frequência? E em que circunstâncias e porquê?

Entrevistada: Recorro muito aos livros, para contar histórias e falar sobre temas, porque considero importante passar informações às crianças através do livro.

Entrevistadora: Na generalidade, quais os materiais lúdicos que as crianças do género masculino e também feminino demonstram mais curiosidade e interesse?

Entrevistada: Na minha sala os meninos preferem as construções e os carros, as meninas preferem os desenhos, as pinturas. Em relação ao espaço da casinha e aos materiais que lá estão, é tudo igual.

Entrevistadora: Acabou a nossa entrevista. Mais uma vez obrigada pela disponibilidade, porque apesar de não nos conhecermos fez questão de me ajudar. Obrigada pela sua ajuda, foi sem dúvida fundamental para o meu trabalho.

Entrevistada: Obrigada eu, querida!

Anexo T - Entrevista Educadora B.S

Entrevistadora: Primeiro que tudo gostava de lhe agradecer a disponibilidade e a colaboração na minha investigação. Eu já lhe falei um bocadinho sobre o que vamos falar na entrevista, como sabe o objetivo desta entrevista é descobrir um pouco mais sobre as conceções que tem sobre a importância do jogo e de todos os materiais lúdicos no geral, na aprendizagem e desenvolvimento das crianças em idade de pré escolar. Primeiro vamos falar sobre si e o seu percurso profissional, depois falamos sobre o jogo e por último sobre os materiais lúdicos. Vamos a isto?

Entrevistada: Sim.

Entrevistadora: Então vamos começar!

Entrevistadora: Quantos anos de serviço tem?

Entrevistada: 23 anos de muito trabalho

Entrevistadora: Como tem sido o seu percurso profissional?

Entrevistada: Normalissimo. Sempre a trabalhar muitooooo. Tirei o curso de educadora na ESE de Santarém. Trabalhei em várias instituições tanto públicas como privadas. Na Madeira, no Alentejo, Setúbal, Sesimbra e Seixal. Trabalhei ainda muitos anos na CERCISA (cooperativa para a educação e reabilitação de cidadãos inadaptados do seixal e almada), com crianças e jovens com necessidades educativas especiais e adorei. E passados alguns anos, voltei novamente a trabalhar em J.I.

Entrevistadora: Em que tipo de instituição trabalha e qual o modelo pelo qual se rege?

Entrevistada: Num Jardim da rede pública. E utilizo o modelo misto, ou seja recorro a várias pedagogias.

Entrevistadora: Quais as idades do grupo com que está atualmente?

Entrevistada: 4, 5 e 6 anos

Entrevistadora: Como é que caracteriza esse grupo?

Entrevistada: É um grupo heterogéneo com boas competências de aprendizagem, muito curioso, também dinâmico e participativo.

Entrevistadora: Qual a organização da sua sala? E porque é que está organizada dessa forma?

Entrevistada: A sala está organizada por áreas. Porque facilita o trabalho individualizado e permite às crianças trabalharem e brincarem de forma autónoma. Na minha opinião esta organização proporciona às crianças diversas experiências. Como a organização do espaço não é estática, as crianças, com a ajuda do adulto claro, podem criar novas áreas ao longo do ano, dependendo dos seus interesses e necessidades.

Entrevistadora: O que entende por jogo?

Entrevistada: Olha, o jogo é toda a aprendizagem aliada ao carácter lúdico.

Entrevistadora: Pode explicar um bocadinho melhor a sua perspetiva?

Entrevistada: Então, o jogo facilita às crianças as aprendizagens em todas as áreas de desenvolvimento.

Entrevistadora: Que tipos de jogos conhece? E explique cada um deles.

Entrevistada: Eiiii...Existem tantos. Os jogos lúdicos e recreativos, os jogos de mesa, de tapete, os jogos de movimento, de imitação, e muitos outros. Mas na minha opinião todos estes jogos devem ter um carácter cooperativo permitindo a libertação de frustrações ou tensões, exercitar a imaginação, promover competências e possibilidades de aprendizagens a todas as crianças. Pode fazer-se isso, através de qualquer jogo,

Entrevistadora: Em que áreas é que considera fundamental o uso do jogo?

Entrevistada: Todas as áreas. Mesmo, mesmo em todas. Porque é a forma intrínseca e natural das crianças aprenderem. É fundamental tornar a aprendizagem de forma lúdica, para que as crianças gostem de aprender e por isso cabe-nos a nós educadoras, fazê-lo.

Entrevistadora: Quais as potencialidades do jogo na vertente lúdica e educativa?

Entrevistada: Como já te disse antes, o jogo permite libertar tensões, frustrações, copiar ou imitar modelos de acções ou comportamentos, etc. Todos os jogos são lúdicos e por isso proporcionam diversas aprendizagens. Mas na vertente educativa é um facilitador de grande importância para trabalho a realizar.

Entrevistadora: Acha que os jogos condicionam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

Entrevistada: Eu acho que não condicionam. Porque existem diversas formas de aprendizagem não é só através do jogo. Mas podem condicionar se o modelo seguido for uma pedagogia autoritária e castradora.

Entrevistadora: Quais os tipos de jogos que utiliza com mais frequência com o grupo com que está atualmente?

Entrevistada: Utilizo os jogos cooperativos de movimento, para aprenderem a estar em grupo sem confusões, jogos didácticos como auxiliar das aprendizagens e jogos de imitação para trabalhar as emoções. Mas também gosto muito de jogos que trabalhem a matemática, por exemplo os dominós, o cuisenair, os puzzles. São tudo jogos que eles adoram e que eu gosto muito de utilizar.

Entrevistadora: Quais os jogos que as crianças do género masculino e feminino mais gostam e demonstram mais interesse? Existe essa distinção?

Entrevistada: Era correto eu dizer que não existe distinção, mas no caso do grupo com que estou isso acontece. Não com todas as crianças, mas existem características gerais que observo. As meninas gostam mais dos jogos da casinha e os meninos dos jogos de construções.

Entrevistadora: O que entende por materiais lúdicos?

Entrevistada: É todo o tipo de material, como os objetos que se encontram nas diferentes áreas da sala. A maior parte das vezes, são de utilização recreativa e não orientada, ou seja, as crianças são autónomas e fazem, de forma lúdica, aquilo que elas entenderem dos objetos. Podem utilizar uma caixa de papelão como um barco ou até mesmo como uma casinha, tudo parte da imaginação das crianças. Na minha perspectiva é isso, os materiais lúdicos é tudo com que a criança brinca.

Entrevistadora: Consegue dizer-me algumas categorias dos materiais lúdicos?

Entrevistada: Olha, boa pergunta. Confesso que ainda não tinha pensado nisso. Acho que nunca categorizei, mas agora à própria hora acho que podia ser: as bonecas, as roupas, os materiais de pintura, os legos, os carros e por aí fora. Todos aqueles que permitam às crianças brincarem e expressarem-se livremente.

Entrevistadora: Em que medida é que os materiais lúdicos condicionam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

Entrevistada: Que condicionam isso não tenho dúvidas nenhuma. É muito importante a selecção que é feita por nós, dos materiais disponibilizados na sala de forma a que condicionem ou orientem o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Digo mais uma vez que é importantíssimo que estes materiais proporcionem aprendizagens diversificadas e de forma mais apelativa para as crianças e esse é o meu critério, quando escolho o que colocar na sala à disposição do grupo. Mas tudo o que é lúdico atrai a criança e desta forma facilita a sua aprendizagem, isso é notório para qualquer pessoa.

Entrevistadora: Quais as vantagens e desvantagens da utilização de materiais lúdicos?

Entrevistada: Penso que não existem desvantagens mas depende dos materiais disponibilizados, por exemplo, dar a uma criança armas de plástico, ou só bonecas, ou só carros, considero que não é vantajoso. Quanto às vantagens, são tantas. O facto de as deixarmos explorar os materiais de forma livre torna as crianças mais autónomas, mais criativas, mais entusiasmadas, mais expressivas e também mais divertidas e felizes.

Entrevistadora: E isso é o mais importante, vemos as nossas crianças felizes a brincarem, a explorarem tudo e ver o gosto que têm em fazê-lo. Confesso que adoro ver isso!

Entrevistada: Eu também. Tens toda a razão. Ser educadora é uma profissão fantástica. Ver que estamos a fazer um bom trabalho e que o nosso grupo tem crianças felizes. Para mim é o melhor da nossa profissão e deixa-me grata e cada vez mais contente por a ter escolhido.

Entrevistadora: É mesmo gratificante!

Entrevistadora: Com o grupo que atualmente se encontra, com que frequência recorre a materiais lúdicos e em que circunstâncias?

Entrevistada: Os materiais lúdicos estão sempre acessíveis e disponíveis, todos os dias

da semana. Recorro a eles para fazer tudo, desde experiências ou demonstrar ideias ou conceitos ou mesmo para fazer teatros ou jogos que me lembro.

Entrevistadora: No geral, quais os materiais lúdicos que as crianças do gênero masculino e feminino demonstram mais interesse? Tal como nos jogos, acha que existe essa distinção?

Entrevistada: Tal como na pergunta que me fizeste sobre os jogos eu respondo te da mesma forma. Não acho que seja correto dizer que há distinção, até porque atualmente já não se vê muito isso. Mas no caso do grupo com que estou, existe distinção. Todos demonstram muito interesse por tudo, mas as meninas gostam muito dos materiais da casinha, das roupas, louças, sapatos e adereços e os meninos gostam mais dos materiais das construções da oficina, dos legos e também da plasticina.

Entrevistadora: E acabámos. Já não tenho muitas perguntas. Não sei se demorámos muito tempo, mas gostei muito de a entrevistar, de falar consigo e de ouvir um bocadinho da sua experiência. Espero que tenha gostado. Muito obrigada pela ajuda.

Entrevistada: Não tens nada que agradecer. Também gostava que o fizessem por mim. Gostei muito desta nossa conversa, deu para pensar um pouco mais sobre algumas coisas. Boa sorte para ti. És uma boa menina, com um coração gigante. De certeza que vais ser uma educadora extraordinária agora só falta acabar este trabalhito e daqui a pouco somos colegas.

Anexo U - Entrevista Educadora M.J.C

Entrevistadora: Primeiramente quero agradecer-lhe por me ajudar nesta minha investigação e explicar-lhe os motivos pelo qual estou a fazer esta entrevista. Como já sabe, a minha tese assenta essencialmente na importância do jogo e de todos os materiais lúdicos no geral, na aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Para perceber algumas das conceções das educadoras sobre isso mesmo, decidi propôr-lhe esta entrevista para me poder ajudar. Esta entrevista vai ser dividida por três partes: uma primeira parte que será um pouco sobre o seu percurso profissional, uma segunda parte sobre o jogo e a terceira parte sobre os materiais lúdicos. Vamos começar?

Entrevistada: Claro que sim, vamos a isto!

Entrevistadora: Bem...Gostaria inicialmente que me dissesse quantos anos de serviço tem?

Entrevistada: Tenho muitos anos. Mais precisamente 39 anos de muito trabalho.

Entrevistadora: E como tem sido o seu percurso profissional?

Entrevistada: Tem sido muito desafiante e diversificado. Trabalhei como educadora no Ensino Particular, em Instituições de Solidariedade Social e no Ensino Oficial. Também tive experiência em formação de auxiliares de educação, trabalhei no departamento de educação na Companhia Nacional de Petroquímica e exerci funções na Direção Escolar em Santarém.

Entrevistadora: Em que tipo de instituição trabalha? Qual o modelo pelo qual se rege?

Entrevistada: Como já sabes, atualmente estou no Ensino Oficial. Pertenço ao Agrupamento Sá da Bandeira em Santarém e exerço funções docentes no Jardim de Infância de Alcanhões. Não me rejeio por nenhum modelo puro. Ao longo dos anos tenho tentado "beber" o melhor, para mim, de vários modelos: Reggio Emilia, MEM, High Scope, entre outros. Uma mestiçagem de pedagogias que me façam sentido utilizar.

Entrevistadora: Quais as idades do grupo com que está atualmente?

Entrevistada: É um grupo heterogéneo entre os 3,4 e 5 anos.

Entrevistadora: Como é que caracteriza esse grupo?

Entrevistada: Vou ser muito breve e descrevê-lo em três palavras: Exigente, provocador e muito desafiante.

Entrevistadora: Qual a organização da sua sala? E porque é que está organizada dessa forma?

Entrevistada: A sala está organizada em áreas, tu já lá estiveste e sabes. Mas mais importante do que a forma como a sala está organizada é a forma como me organizo. Entendo que o espaço deve ser acima de tudo oferecer bem estar, que é a chave para a aprendizagem do grupo. E é claro que a "minha" sala estende-se para a rua.

Entrevistadora: Agora direcionando-me mais para a parte da importância do jogo na aprendizagem e desenvolvimento das crianças que se encontram no pré escolar, gostaria de

saber primeiro, o que entende por jogo?

Entrevistada: É me difícil encontrar uma definição rápida que traduza exatamente o que quero dizer. Mas o jogo é algo que provoca o pensamento, o conhecimento. O jogo desafia, motiva, frustra, gera bem estar, mau estar, gera sentimentos. O jogo "revolve o eu" de todas as crianças.

Entrevistadora: Que tipos de jogos conhece?

Entrevistada: Conheço os jogos pedagógicos, didáticos e jogos lúdicos, que também podem ter uma vertente educativa, podemos sempre tornar o lúdico educativo e vice-versa. O importante é a intencionalidade que lhe imprimimos.

Entrevistadora: E quais as áreas em que considera fundamental o uso do jogo?

Entrevistada: Para mim, o jogo toca em todas as áreas. É completamente transversal.

Entrevistadora: Quais as potencialidades do jogo em termos da vertente lúdica? E também na vertente educativa?

Entrevistada: Na vertente lúdica privilegio sempre as interações, a socialização, as regras o "eu com os outros", a fruição, o divertimento, os sentimentos, os comportamentos. Enquanto na vertente educativa cuido de congregar muitos destes aspetos com as aprendizagens que pretendo desenvolver. Aqui o enfoque podem ser todas as Áreas de Conteúdo com os seus domínios e subdomínios: Formação Pessoal e Social; Expressão e Comunicação e Conhecimento do Mundo, depende da intencionalidade que planeio.

Entrevistadora: Muito bem! Quais os tipos de jogos que utiliza com mais frequência com o grupo com que está atualmente? E porquê?

Entrevistada: No nosso Jardim de Infância há muitos e diversificados jogos. Não consigo dizer quais utilizo mais. As circunstâncias do grupo, as necessidades individuais os percursos das crianças vão "ditando" o que preciso de cuidar, o que devo escolher. Aquela criança precisa de aprimorar o conceito de número por isso vou desafiá-lo com aquele jogo. Aquela precisa de mostrar as suas competências ao grupo para melhorar a sua auto estima, vou organizar aquele jogo, são vários os casos. Volto a vincar esta minha ideia de que o importante é o educador ter bem claro o que pretende e depois adequar ao seu enfoque.

Entrevistadora: Na generalidade, quais os jogos que as crianças do género masculino e feminino mais gostam e demonstram mais interesse?

Entrevistada: Cada vez nota-se menos diferença na escolha dos jogos por género. Mas a tradição dos jogos de bola continua muito do lado masculino bem como os jogos de destreza física.

Entrevistadora: Vamos agora passar à terceira parte da nossa entrevista e vou fazer-lhe algumas questões sobre os materiais lúdicos. Vou começar por perguntar o que entende por materiais lúdicos?

Entrevistada: Para mim, materiais lúdicos são os alicerces da ação educativa, enriquecem e

dilatam imensas oportunidades educativas.

Entrevistadora: Como categorizava os materiais lúdicos? Pode dizer-me algumas categorias?

Entrevistada: Nunca pensei muito nisso, mas talvez atribuir o nome consoante o objetivo. Material lúdico de motricidade fina, material lúdico de linguagem....embora ache redutor.

Entrevistadora: Quais as vantagens e desvantagens para a utilização desses materiais?

Entrevistada: Vejo muitas vantagens, como já disse, são eles o alicerce da prática educativa. E não vejo qualquer tipo de desvantagens.

Entrevistadora: Com o grupo que atualmente se encontra, com que frequência recorre a materiais lúdicos?

Entrevistada: Todos os dias. Esse é um dos desafios mais deliciosos da prática educativa, todos os dias recorro a materiais lúdicos: pedras que contam histórias, arroz e folhas de hera que promovem a socialização, o faz de conta, caixas de papelão que desafiam a imaginação, frutos da época que se transformam em jogo de matemática, lenços de seda que provocam sensações, lanternas que fazem nascer sombras... Muitas coisas.

Entrevistadora: Em que circunstâncias os utiliza?

Entrevistada: Não há regras. O importante é estar motivada, focada, disponível, ser criativa, ser oportuna...acima de tudo ter paixão por ensinar!

Entrevistadora: Na generalidade, quais os materiais lúdicos que as crianças do género masculino e também feminino demonstram mais curiosidade e interesse?

Entrevistada: Boa pergunta! Acho que ainda vou descobrir... Vejo-os todos muito interessados sempre que levo algo novo e criativo.

Entrevistadora: A nossa entrevista chegou ao fim. Zé gostava de lhe agradecer mais uma vez a sua disponibilidade e a sua ajuda para a realização da minha investigação, foi sem dúvida muito importante.

Entrevistada: O gosto foi todo meu miúda. Sabes que podes contar comigo para tudo o que precisares. Eu gosto de vos ajudar no que posso.

Anexo V - Entrevista profissional do Instituto apoio à infância

Entrevistadora: Primeiro que tudo gostava de agradecer a vossa disponibilidade e prontidão para me ajudarem nesta minha investigação. Saber que estão inteiramente disponíveis para me ajudar, torna tudo mais fácil para mim. Portanto como já lhe disse, a minha tese é sobre a importância do jogo e de todos os materiais lúdicos na aprendizagem e desenvolvimento das crianças em idades de pré escolar. E como tal, visto que o Instituto tem uma parte que assenta essencialmente na atividade lúdica, decidi propôr-lhe esta entrevista para me poder ajudar. Vou dividir esta entrevista em três partes: uma primeira parte sobre si, o seu percurso profissional, o seu trabalho no Instituto e o que fazem. Uma segunda parte sobre o jogo e a terceira e última parte sobre os materiais lúdicos. Podemos começar?

Entrevistada: Claro que sim Ana Rita! O prazer é todo nosso. É bom saber que ainda existem pessoas que se lembram do instituto e que precisam da nossa ajuda. Ajudamos nisto e em muito mais que precisas.

Entrevistadora: Ora bem... começo por lhe perguntar como é que tem sido o seu percurso profissional? Pode falar-me um pouco sobre ele?

Entrevistada: Sim. Eu sou Psicóloga clínica de formação e estou há mais de 10 anos a trabalhar no Instituto na área da atividade lúdica e da humanização dos serviços de atendimento à criança. E gosto muito do que faço atualmente.

Entrevistadora: Conseguir explicar-me qual o seu papel no Instituto?

Entrevistada: Eu sou a coordenadora dos Sectores da Humanização, dos serviços de Atendimento à Criança e Actividade Lúdica. É isso que sou!

Entrevistadora: E qual é que é a importância de existir um setor e um programa centrado na atividade lúdica no Instituto?

Entrevistada: Começo por te dizer que no artigo 31 da Convenção sobre os Direitos da Criança está contemplado o direito ao jogo, ao lazer, à cultura e à recreação. E por isso, cientes de que a par das necessidades básicas, brincar é fundamental para um crescimento saudável e feliz, nasceu o setor da Atividade Lúdica para apoiar as famílias, os profissionais e as próprias crianças a verem este seu direito cumprido.

Entrevistadora: Vocês estabelecem contato próximo com crianças?

Entrevistada: Fazemos sobretudo com pais, técnicos e docentes para a sensibilização desta temática. Contudo, fazemos ações também com crianças de todas as idades desde o Jardim de Infância ao secundário em temas ligados à Atividade Lúdica tais como: o brincar e o género, brincar no exterior, construção de brinquedos e jogos, entre outros.

Entrevistadora: Enquanto entidade que defende o direito ao brincar da criança, o que é que entende por jogo?

Entrevistada: Confesso que para mim a palavra brincar seria mais ampla e fácil de explicar

porque expressaria qualquer comportamento controlado e estruturado pelas próprias crianças, que ocorre onde existam oportunidades, intrinsecamente motivado, tal como diz o Comité dos direitos da Criança. E por isso, a minha visão de jogo é numa perspectiva mais restrita. Mas os jogos têm diferentes intencionalidades e potencialidades, que são suporte para um crescimento e desenvolvimento saudáveis das crianças. Mas é também definido como sendo uma brincadeira com regras.

Entrevistadora: Que tipos de jogos conhece?

Entrevistada: Conheço os simbólicos, os de exercício, de regras, de movimento, os tradicionais, os de tabuleiro, os tecnológicos que cada vez são mais jogados por crianças em idades mais percozes e muitas vezes incentivadas pelos seus pais e pelas vidas dos mesmos, mas há muitas tipologias que podem ser utilizadas, mas estes tipos são o que imediatamente me surgem na ideia.

Entrevistadora: Quais as áreas em que considera fundamental o uso do jogo?

Entrevistada: Em todas, tanto contextos formais e não formais, quer nas aprendizagens quer nos tempos livres, em família ou até mesmo em contexto terapêutico. Em mesmo todas as áreas da vida das crianças.

Entrevistadora: Pode dizer-me as potencialidades do jogo na vertente lúdica e também na vertente educativa?

Entrevistada: Olha, na vertente puramente lúdica tenho de salientar a liberdade de escolha da criança, só assim a potencialidade do jogo será alcançada. Mas é muitas vezes utilizado como estratégia para determinado objectivo ou apenas por lazer. Na vertente educativa não tenho dúvida de que facilita a aquisição de conhecimento e consolida qualquer tipo de aprendizagem mais formal das crianças.

Entrevistadora: Considera que os jogos condicionam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças?

Entrevistada: Claro que sim, está provado que desenvolve competências sociais e pessoais e ainda a parte cognitiva. Revela-se uma mais valia até para questões de desenvolvimento físico e motor. Por isso o desenvolvimento e aprendizagem das crianças será tão melhor e mais significativo quanto maior o recurso a jogos como facilitadores e pontes entre a ludicidade e a aprendizagem. Afinal, brincar é a linguagem da criança e deveria ser também a do adulto.

Entrevistadora: Já que o seu trabalho assenta essencialmente na atividade lúdica, pergunto-lhe o que é atividade lúdica? Esta difere de brincar?

Entrevistada: A atividade lúdica é um chapéu maior onde brincar e jogo se unem, tal como te disse numa pergunta que me fizeste anteriormente. Fundamental é entender que atividade lúdica não é o recurso a estratégias lúdicas mas sim um conceito mais amplo, mais relacionado com o direito a brincar e não com o recurso a este ou aquele material lúdico com

outra intenção que não seja a defesa do direito de brincar da criança. Por isso, tal como te disse, o brincar deve ser livre, de acordo com a imaginação e desejo das crianças.

Entrevistadora: E o que entende por materiais lúdicos?

Entrevistada: É qualquer material ao qual a criança, o adulto e até o idoso, dê uma intencionalidade lúdica. Falamos de brinquedos, mas também de elementos naturais por exemplo.

Entrevistadora: Como categorizava os materiais lúdicos? Pode dizer-me algumas categorias?

Entrevistada: Não reconheço muitas categorias, vais fazer-me pensar um bocadinho... Talvez os fabricados, os naturais, os artesanais, os simbólicos, ... Acho eu!

Entrevistadora: Na sua opinião, quais as vantagens e desvantagens da utilização desses materiais? e qual a sua importância na aprendizagem e desenvolvimento da crianças?

Entrevistada: Reforço o que disse anteriormente. Estes materiais são fundamentais. Potencia as aprendizagens de acordo com a idade e desenvolvimento da criança. Potencia o desenvolvimento psicomotor e no geral contribui para o desenvolvimento global e harmonizo da criança. É uma ferramenta muito útil para trabalhar questões como a socialização da criança. Fomenta regras que ajudam o sujeito à adaptação social, por exemplo. Para mim, a maior desvantagem é a falta de formação dos estudantes e profissionais que pode existir em alguns casos para a sua dinamização e aplicabilidade em contextos mais formais. Aliás este é também um ponto crucial do trabalho do Instituto.

Entrevistadora: Neste setor/projeto do Instituto, recorrem a materiais lúdicos?

Entrevistada: Sim, quase todas as nossas ações com crianças e adultos partem da exploração livre de brinquedos e outros materiais lúdicos como forma de passagem dos conteúdos previstos nessa determinada ação, dando ênfase à importância de potenciar a vivência lúdica de cada pessoa. Mas também sensibilizar para as questões do brincar e de estereótipos relacionados com o mesmo e para humanizar os espaços que acolhem crianças, de forma a adapta-los mais ao seu mundo e facilitar as relações humanas.

Entrevistadora: E pronto, terminámos. Não tenho mais questões para si. Agradeço mais uma vez a disponibilidade. Muito, muito obrigada.

Entrevistada: Vês... Correu bem! Estavas nervosa. Epero mesmo ter te ajudado e já sabes que o Instituto pode ajudar- te no que precisares. Já tens os nossos contatos, por isso quando precisares é só enviar e-mail que nós ajudamos no que pudermos. Boa sorte para o resto da tua investigação. Vai correr tudo bem!

Entrevistadora: Espero que sim. Obrigada!

Anexo X - Questionário Elemento do Projeto educacional

1. Como tem sido o seu percurso profissional?

Licenciatura em Educação de Infância Pós-Graduação em Educação Artística - Teatro Educação

Diploma de Estudos Internacionais - Reggio Emilia 2013

Pedagoga no Colégio Infantil Cubo Mágico

Diploma de Estudos Internacionais - Reggio Emilia 2018

Diretora do Projeto Kalambaka

2. Como é que o projeto surgiu? Quando e em que sentido?

Surge no final de 2017 com o objetivo de pensar e inovar as práticas pedagógicas na primeira infância, agindo na (tr)formação dos agentes Educativos.

3. Qual a importância de existir o projeto?

Acreditamos que o Projeto é uma mais valia para a formação contínua dos profissionais, contribuindo para o debate e pesquisa de novas propostas pedagógicas e apoiando as instituições em processos de reflexão e reorganização interna.

4. Estabelecem contato próximo com crianças? Se sim, de que idades e em que sentido? Se não, explique o que fazem?

Não temos esse objetivo a curto/médio prazo. Para já o nosso foco está na ação junto dos profissionais, pois assim estamos a capacitar aqueles que são os verdadeiros agentes de mudança. No entanto temos um projeto de voluntariado junto de um grupo de crianças de 1º ciclo - promoção de um atelier e temos estreita parceria com o projeto "Maria Brinca à Sombra".

5. O que entende por jogo?

Pode ter duas leituras: o jogo enquanto brincar estruturado, com regras e normas definidas (que recorre ou não a recursos pré-estruturados) ou o jogo enquanto brincar espontâneo/livre.

6. Que tipos de jogos conhece? Explique cada um deles.

Jogo Simbólico /Faz-de-conta - espontâneo e auto dirigido Jogo Dramático - Orientado Jogo de Regras - Tradicional/Dinâmicas (espaço ou tabuleiro) Jogo Desportivo (cooperação/competição) Jogo espontâneo – Brincar

7. Quais as áreas em que considera fundamental o uso do jogo? Porquê?

Em todas! E também nas rotinas e dinâmicas quotidianas.

8. Quais as potencialidades do jogo na vertente lúdica? E na vertente educativa?

O jogo surge como ato natural. No brincar a criança procura, precisa e cria as suas regras. Na vertente lúdica: suporta e promove o coletivo / estrutura os desafios individuais Na vertente educativa: forma de promoção do conhecimento - propulsor da aprendizagem

9. Considera que os jogos condicionam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças? Justifique

Todas as experiências condicionam e o jogo não é exceção. É uma forma de criar pontes com a realidade da criança, potenciando a vivência significativa e a atribuição de sentidos e significados às experiências.

10. O que é atividade lúdica? Difere de brincar?

Actividade recreativa. Pode diferir do brincar na origem: proposto por terceiros.

11. O que entende por materiais lúdicos?

Todo o material que pode ser usado pela criança, de múltiplas formas, com foco no processo, dando espaço para a expressão individual, inspirando a criatividade, promovendo a iniciativa e a aprendizagem para além dos conteúdos académicos.

12. Como categorizava os materiais lúdicos (algumas categorias)? Explique cada uma delas e dê exemplos

Eventualmente por materialidade (madeiras, metais etc.) e materiais estruturados e não estruturados (do quotidiano, por exemplo)

13. Considera que os materiais lúdicos condicionam o desenvolvimento e aprendizagem das crianças? Justifique

Sim. As variáveis condicionam a experiência, como é justificado na "Teoria das Partes Soltas" (1971).

14. Quais as vantagens da utilização de materiais lúdicos? Existem desvantagens? Explique

Podem ser uma desvantagem quando condicionam de forma permanente ou exagerada o brincar da criança e quando limitam a sua iniciativa e criatividade.

15. Neste projeto , recorrem a materiais lúdicos? Se sim, porquê, com que frequência e em que circunstâncias?

Usamos apenas materiais de fim aberto e alguns de suporte, como mesas de luz e retroprojetores, pois são os que permitem a exploração mais livre, autêntica, autónoma e singular, promovendo aspetos da aprendizagem que se coadunam com a Abordagem que nos inspira.

| | | | |
|--------------------------------------|--|-----------------------|--|
| | <p>vários modelos: Reggio Emilia, MEM, Higt Scope, entre outros. Uma mestiçagem de pedagogias que me façam sentido utilizar.”</p> <p>“Tenho 26 anos de serviço, é muita fruta! (risos) Olha, trabalhei 24 anos sempre como educadora. Nos 2 primeiros anos tirei o curso de montitora de natação, porque não tive logo emprego. Depois comecei a trabalhar como educadora e como montitora de natação, durante 17 anos. Entretanto tirei a licenciatura porque eu só tinha o bacharelato, que era o que era preciso na altura, fiz uma especialização e o CAP. Sempre como educadora, acumulei as funções de educadora, montitora e também formadora.</p> <p>É uma IPSS da santa casa da misericórdia que se rege essencialmente pelo modelo do MEM (movimento da escola moderna), que foi o modelo adotado pela instituição.”</p> <p>23 anos de muito trabalho</p> <p>Tirei o curso de educadora na ESE de Santarém. Trabalhei em várias instituições tanto públicas como privadas. Trabalhei ainda muitos anos na CERCISA (cooperativa para a educação e reabilitação de cidadãos inadapados do seixal e almada), com crianças e jovens com necessidades educativas especiais. E passados alguns anos, voltei novamente a trabalhar em J.I. Jardim da rede pública. E utilizo o modelo misto, ou seja recorro a várias pedagogias.</p> | <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| <p>Caraterização do grupo</p> | <p>“Estou com um grupo de 4 anos. São crianças muito ativas, sempre cheias de energia, com vontade de aprender mais e mais, muito interessadas e empenhadas no que lhes é proposto e são essencialmente muito amigas umas das outras. Posso dizer que são um grupo muito coeso e que nos deixam muito à vontade</p> | <p>F.L</p> | <p>Uma educadora tem um grupo de 3 anos, a outra educadora tem de 4 anos e as três educadoras restantes têm grupos heterogéneos, isto é, grupo com</p> |

| | | | |
|------------------------------------|--|---|---|
| | <p>para realizarmos a nossa prática. o grupo com que estou valoriza todos os materiais.”</p> <p>“É um grupo de 4 e 5 anos. O grupo no global é interessado, participativo, mas tem elementos com comportamentos difíceis que comprometem algumas atividades propostas e momentos do dia-a-dia. Mas isso é normal como em todos os jardins, não é? o grupo necessita para melhorar a concentração e o cumprimento de regras.”</p> <p>“É um grupo heterogêneo entre os 3,4 e 5 anos. Vou ser muito breve e vou descrevê-lo em três palavras: Exigente, provocador e muito desafiante.”</p> <p>“Estou com os dos 3 anos. São os meus pestinhas. Os meus meninos são muito queridos. É um grupo dinâmico, bastante interessado, motivado, muitooooo (prolongado) alegre, feliz e também curioso. Eles dão-me muito! Sei que é algo que o meu grupo gosta e se interessa (jogos).”</p> <p>4, 5 e 6 anos É um grupo heterogêneo com boas competências de aprendizagem, muito curioso, também dinâmico e participativo.</p> | <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | <p>várias idades, uma delas tem um grupo de 4 e 5 anos, a outra de 3,4 e 5 anos e a última um grupo de 4,5 e 6 anos.</p> |
| <p>Espaço onde trabalha</p> | <p>“Está organizada, sempre, de acordo com as necessidades e motivações das crianças. Porque a organização do espaço constitui o contexto privilegiado onde a intencionalidade educativa da educadora e as características do grupo confluem na vivência de um projeto comum, que é crescer e aprender. Mas sim, está organizada pelas áreas educativas que quase todas as</p> | <p>F.L</p> | <p>Salas organizadas por áreas, conforme as necessidades, interesses e motivações das crianças. Área da casinha, área da pintura, área da plasticina, da leitura, dos</p> |

| | | | |
|---------------------------------|--|---|--|
| | <p>instituições têm.”</p> <p>“A sala está organizada por áreas de desenvolvimento e também de acordo com os interesses das crianças, porque é assim que considero ser funcional para o grupo.”</p> <p>“A sala está organizada por áreas, tu já lá estiveste e sabes. Mas mais importante do que a forma como a sala está organizada é a forma como me organizo. Entendo que o espaço deve ser acima de tudo oferecer bem estar, que é a chave para a aprendizagem do grupo. E é claro que a "minha" sala estende-se para a rua.”</p> <p>“Está organizada por áreas correspondentes ao modelo que seguimos. Mas é muito parecida com a organização das restantes IPSS.”</p> <p>A sala está organizada por áreas. Porque facilita o trabalho individualizado e permite às crianças trabalharem e brincarem de forma autónoma. Na minha opinião esta organização proporciona às crianças diversas experiências. Como a organização do espaço não é estática, as crianças, com a ajuda do adulto claro, podem criar novas áreas ao longo do ano, dependendo dos seus interesses e necessidades.</p> <p>É muito importante a selecção que é feita por nós, dos materiais disponibilizados na sala de forma a que condicionem ou orientem o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.</p> | <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | <p>jogos, do acolhimento/tapete, ...</p> <p>Todas consideram que o espaço deve acima de tudo oferecer bem estar às crianças.</p> <p>Consideram que esta organização facilita o trabalho e a brincadeira autónoma por parte da criança.</p> <p>Uma das educadoras refere que a organização da sua sala não é estática e de acordo com os interesses e necessidades das crianças podem sempre ser criados novos espaços.</p> |
| <p>Definição de jogo</p> | <p>“jogo é sinónimo de brincar com regras. Não definiria melhor que isto.”</p> <p>“O jogo é a forma lúdica em que a criança se pode exprimir e</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> | |

| | | | |
|---------------------------------------|---|------------------------------------|--|
| | <p>relacionar com os outros e com os diferentes objetos.”</p> <p>“É me difícil encontrar uma definição rápida que traduza exatamente o que quero dizer. Mas, o jogo é algo que provoca o pensamento”</p> <p>“O jogo é uma forma lúdica que pode desenvolver múltiplas capacidades das crianças.</p> <p>Um jogo é proposto de modo a desenvolver algo na criança com um determinado objetivo, tem de ter um ou vários jogadores e também as suas próprias regras, resumidamente acho que é isso.”</p> <p>o jogo é toda a aprendizagem aliada ao carácter lúdico.</p> | <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| <p>Potencialidades do jogo</p> | <p>“As potencialidades são inúmeras, desde dar asas à expressão natural do brincar onde se cruzam as dimensões emocionais, físicas e cognitivas, como também a vertente criativa e imaginativa, assim como o bem estar e o prazer da criança. Na vertente educativa, a estratégia por excelência de se aprender, onde se alimenta a curiosidade e o desejo de aprender.</p> <p>os jogos constituem uma estratégia privilegiada de interação e de aprendizagem. Os jogos são bons para muita coisa, para muitas temáticas e para favorecer diversas aprendizagens em todas as áreas sem qualquer exceção.”</p> <p>“Na vertente lúdica o jogo pode desenvolver a socialização, o divertimento, a imaginação. Na vertente educativa, o jogo pode desenvolver aprendizagens que considero importantes para o grupo para melhorar a concentração e o cumprimento de regras.”</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> | |

| | | | |
|-----------------------|---|--|--|
| | | B.S | |
| Tipos de jogos | <p>Há muitos tipos de jogos, mas os mais conhecidos e que eu mais utilizo são os jogos de mesa, jogos de construções, jogos tradicionais, jogos de espaço livre, jogos de palavras, jogos matemáticos, jogos musicais, jogos de descoberta, etc</p> <p>“Existem muitos, mas conheço os jogos de interior, jogos de exterior, jogos calmos, jogos de movimento, e mais. Jogos de relaxamento e de audição.”</p> <p>“Conheço os jogos pedagógicos, didáticos e jogos lúdicos.”</p> <p>“Existem os jogos lúdicos, os jogos simbólicos, os jogos de regras e há mais.”</p> <p>Existem tantos. Os jogos lúdicos e recreativos, os jogos de mesa, de tapete, os jogos de movimento, de imitação, e muitos outros.</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| Uso dos jogos | <p>“Uso em todas as áreas.</p> <p>Eu utilizo todos. Todo o tipo de jogos conforme a situação e o momento. Mas de todos aqueles que disse, a maioria utilizo todos os dias.”</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> | |

| | | | |
|--------------------------------|---|------------------------------------|--|
| | <p>“Na área da formação pessoal e social, na área das expressões, na matemática e também na área da linguagem.”</p> <p>“Não consigo dizer quais utilizo mais. As circunstâncias do grupo, as necessidades individuais os percursos das crianças vão “ditando” o que preciso de cuidar, o que devo escolher.”</p> <p>“Eu faço jogos diariamente e muitas vezes por dia. Utilizo muito os jogos lúdicos que permitem o livre divertimento das crianças, mas também gosto muito dos jogos simbólicos, porque é algo que as crianças do grupo com que estou praticam facilmente sem que lhes seja imposto.”</p> <p>Todas as áreas. Mesmo, mesmo em todas. Porque é a forma intrínseca e natural das crianças aprenderem. É fundamental tornar a aprendizagem de forma lúdica, para que as crianças gostem de aprender e por isso cabe-nos a nós educadoras, fazê-lo.</p> <p>Utilizo os jogos cooperativos de movimento, para aprenderem a estar em grupo sem confusões, jogos didáticos como auxiliar das aprendizagens e jogos de imitação para trabalhar as emoções. Mas também gosto muito de jogos que trabalhem a matemática, por exemplo os dominós, o cuisenair, os puzzles.</p> | <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| <p>Jogos por género</p> | <p>“Presentemente não considero que haja preferências por género. Há uns anos atrás sim. Os meninos gostavam todos de jogos de bola enquanto as meninas gostavam dos jogos mais calmos. Atualmente não revejo isso. Muitas meninas gostam de jogos de bola tal como muitos meninos gostam de jogos mais calmos. Isso mudou muito de há uns anos para cá.”</p> | <p>F.L</p> | |

| | | | |
|--|---|---|--|
| | <p>“Os meninos preferem jogos com bola ou de faz de conta dos seus heróis, as meninas preferem jogos onde podem cantar e dançar ou do faz de conta. Quanto a jogos propostos pelo educador não há diferenças nenhuma. Os jogos não têm género.”</p> <p>“Cada vez nota-se menos diferença na escolha dos jogos por género. Mas a tradição dos jogos de bola continua muito do lado masculino bem como os jogos de destreza física.”</p> <p>“os jogos lúdicos e os jogos simbólicos. São aqueles que eles mais gostam, sem fazer qualquer distinção de género.”</p> <p>Era correto eu dizer que não existe distinção, mas no caso do grupo com que estou isso acontece. Não com todas as crianças, mas existem características gerais que observo. As meninas gostam mais dos jogos da casinha e os meninos dos jogos de construções.</p> | <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| <p>Definição de materiais lúdicos</p> | <p>“São todos aqueles materiais e objetos que permitem à criança brincar, manipular e interagir.”</p> <p>“Materiais lúdicos são aqueles com que a criança pode brincar e aprender.”</p> <p>“materiais lúdicos são os alicerces da ação educativa”</p> <p>“São todos os objetos ou materiais, como quiseres chamar, que são utilizados sem terem regras pré definidas para a sua</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> | |

| | | | |
|---|--|--|--|
| | <p>utilização. As crianças podem utilizar aqueles materiais da forma que quiserem para brincar e também aprender com eles."</p> <p>É todo o tipo de material, como os objetos que se encontram nas diferentes áreas da sala. A maior parte das vezes, são de utilização recreativa e não orientada, ou seja, as crianças são autónomas e fazem, de forma lúdica, aquilo que elas entenderem dos objetos. Podem utilizar uma caixa de papelão como um barco ou até mesmo como uma casinha, tudo parte da imaginação das crianças. Na minha perspetiva é isso, os materiais lúdicos é tudo com que a criança brinca.</p> | B.S | |
| <p>Vantagens dos materiais lúdicos</p> | <p>"Há muitas vantagens que fui dizendo ao longo da entrevista. São materiais simples mas que deixam as crianças muito entusiasmadas e empolgadas. Dão para trabalhar diversos conteúdos e para brincar em diversos momentos."</p> <p>"Mas em relação às vantagens são o facto de ajudar a criança no seu processo de desenvolvimento, claro."</p> <p>"enriquecem e dilatam imensas oportunidades educativas."</p> <p>"Como vantagens acho que posso dizer que é muito fácil adaptá-los às diferentes necessidades, formas de abordar diferentes temas e situações mais "sérias ou complicadas".</p> <p>Quanto às vantagens, são tantas. O facto de as deixarmos explorar os materiais de forma livre torna as crianças mais autónomas, mais criativas, mais entusiasmadas, mais expressivas e também mais divertidas e felizes.</p> <p>tudo o que é lúdico atrai a criança e desta forma facilita a sua</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |

| | | | |
|---|--|--|--|
| | aprendizagem, isso é notório para qualquer pessoa | | |
| Desvantagens dos materiais lúdicos | <p>"Relativamente a desvantagens, não considero que haja qualquer desvantagem."</p> <p>"Não vejo desvantagens."</p> <p>"E não vejo qualquer tipo de desvantagens."</p> <p>"Como desvantagens acho que a sua utilização deve ter regras menos rígidas e muitas vezes quando o meu grupo está a utilizar esses materiais torna-se difícil controlar em algumas situações, por isso é que considero esta uma desvantagem."</p> <p>Penso que não existem desvantagens mas depende dos materiais disponibilizados, por exemplo, dar a uma crianças armas de plástico, ou só bonecas, ou só carros, considero que não é vantajoso.</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| Categorias dos materiais lúdicos | <p>"Existem os materiais manipuláveis como bolas, cartas, legos, corda, elástico, pião, berlinde, blocos, arcos, etc. também há os materiais de recreio (escorrega, baloiço,...) para não falar de todos aqueles objetos que para nós não têm muita importância mas que as crianças dão muita importância e que gostam de os manipular, como por exemplo as caixas de papelão, as tampas dos iogurtes e das garrafas, entre outros que podem encontrar no seu ambiente educativo. "</p> <p>"Materiais para desenvolver a Linguagem; a Matemática; as expressões, entre outros, estes são só um exemplo."</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> | |

| | | | |
|---|---|--------------------------------------|--|
| | <p>"Nunca pensei muito nisso, mas talvez atribuir o nome consoante o objetivo. Material lúdico de motricidade fina, material lúdico de linguagem....embora ache redutor."</p> <p>"Podia dividir nos materiais de desporto, de dança, de dramatização, de expressão plástica ou então também podia dividir nos materiais lúdicos do exterior e do interior, não sei... eu dividia assim, mas acho que é consoante a educadora."</p> <p>Confesso que ainda não tinha pensado nisso. Acho que nunca categorizei, mas agora à própria hora acho que podia ser: as bonecas, as roupas, os materiais de pintura, os legos, os carros e por aí fora. Todos aqueles que permitam às crianças brincarem e expressarem-se livremente.</p> | <p>M.J.C</p> <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| <p>Uso dos materiais lúdicos</p> | <p>"Muitas vezes, claro. Utilizo todos os dias. Quase a toda a hora. Acho que é comum a todas as educadoras.</p> <p>Eu utilizo todos, conforme o momento e a situação. Não há nenhum a que recorra mais que outros. A utilização é igual."</p> <p>"Diariamente.</p> <p>Recorro muito aos livros, para contar histórias e falar sobre temas, porque considero importante passar informações às crianças através do livro."</p> <p>"todos os dias recorro a materiais lúdicos: pedras que contam histórias, arroz e folhas de hera que promovem a socialização, o faz de conta, caixas de papelão que desafiam a imaginação, frutos da época que se transformam em jogo de matemática, lenços de seda que provocam sensações, lanternas que fazem</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> | |

| | | | |
|--|--|--------------------------------------|--|
| | <p>nascer sombras... Muitas coisas.</p> <p>Recorro diariamente. Todos os dias tenho materiais novos que gosto de deixar à disposição das crianças para que possam explorar livremente. Acho que é o que todas as educadoras devem fazer, de modo a promover também algum tipo de curiosidade, de divertimento e de autonomia com as crianças com que estamos a trabalhar diariamente. Pessoalmente gosto muito de usar estes materiais para trabalhar a dramatização, não só no decorrer do dia como também em situações de rotina e de atividade, como forma de cativar cada criança e de desenvolver a afectividade e a proximidade. Se dermos carinho e se entrarmos num espírito de amor, conseguimos captar tudo, numa criança.</p> <p>Os materiais lúdicos estão sempre acessíveis e disponíveis, todos os dias da semana. Recorro a eles para fazer tudo, desde experiências ou demonstrar ideias ou conceitos ou mesmo para fazer leitros ou jogos que me lembro</p> | <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
| <p>Materiais lúdicos por género</p> | <p>“acho que não haja preferência por género. Isso já se perdeu. É difícil responder a essa pergunta porque atualmente o grupo com que estou valoriza todos os materiais e parece gostar de todos sem excluir a utilização de nenhum.”</p> <p>“Na minha sala os meninos preferem as construções e os carros, as meninas preferem os desenhos e as pinturas. Em relação ao espaço da casinha e aos materiais que lá estão, é tudo igual.”</p> <p>“Vejo-os todos muito interessados sempre que levo algo novo e</p> | <p>F.L</p> <p>I.T.S</p> <p>M.J.C</p> | |

| | | | |
|--|---|-----------------------|--|
| | <p>criativo.”</p> <p>“Pela minha experiência, se eles forem introduzidos de forma motivadora, desafiante e criativa, qualquer material demonstra interesse igual em cada um dos géneros. As crianças podem gostar de todos os materiais que lhes são colocados à disposição, mas depende da forma como nós (educadoras) o fazemos inicialmente.”</p> <p>Não acho que seja correto dizer que há distinção, até porque atualmente já não se vê muito isso. Mas no caso do grupo com que estou, existe distinção. Todos demonstram muito interesse por tudo, mas as meninas gostam muito dos materiais da casinha, das roupas, louças, sapatos e adereços e os meninos gostam mais dos materiais das construções da oficina, dos legos e também da plasticina.</p> | <p>T.M</p> <p>B.S</p> | |
|--|---|-----------------------|--|